

ATRAVÉS DA IMPRENSA

O momento de Varnhagen

Jaime Adour da Câmara

Não se pode negar, hoje, a existência, no Brasil, de uma verdadeira e bem consolidada indústria do livro. Poucas eram outrora as casas que se dedicavam a esse ramo de negócio com o mesmo desenvolvimento que se vem verificando neste momento entre nós.

Nestes últimos dez anos, inúmeras foram as casas que surgiram, editando intensamente, sem método, lançando, em intervalos curtos livros sobre livros, numa avassaladora caudal de papel impresso. Muitas de tais casas tiveram existência efêmera, enquanto outras se consolidaram e aí se encontram em plena atividade editorial.

É este, com efeito, um dos momentos mais intensos da nossa vida cultural. Diariamente aparece um livro novo, trazendo na capa nome conhecido e já consagrado, revelando ao público os valores das novas gerações de escritores.

O brasileiro médio, que tinha o hábito da leitura do livro estrangeiro, lentamente foi voltando as atenções para o produto nacional, ao passo que ia diminuindo a preferência pelo livro forasteiro, o qual dia a dia se vai tornando mais raro e de mais difícil aqui-

sição. Tal fato, de todo ponderável, muito concorreu para o incentivo da edição nacional. O público que lê, entre nós, está dividido em duas classes que se não confundem. Há a que encontra no livro apenas um passatempo amável e que procura encher suas horas de lazer com as leituras meramente recreativas. Os livros de títulos pomposos e capas sugestivas encontram franca aceitação por parte de tais leitores. Se o livro nessas condições corresponde ao filme, que vem precedido de exagerada publicidade, encontra facilmente esse mesmo público, passivo e acolhedor. Os outros leitores, os leitores de classe, já se mostram indiferentes a tais sucessos de livraria; têm as suas leituras programadas com uma finalidade cultural. Interessam-se, sobretudo, pelos livros de idéias gerais e comumente pelas obras sobre o Brasil.

Ninguém hoje quer viver em estado de inocência com aprêgo às coisas nacionais. O Brasil está sendo agora redescoberto pelos brasileiros. Todos os seus problemas, postos em equação, se acham amplamente ventilados e

expostos ao alcance de qualquer leitor. Mais de uma casa editora mantém publicações regulares sobre assuntos nacionais. As monografias históricas e a respeito de motivos regionais se sucedem; as velhas narrativas de viagem dos primitivos visitantes estrangeiros encontram espontaneamente quem as traduza e, o que é mais, editores que as publiquem. As coleções de "brasiliiana" crescem e aumentam de volume assustadoramente. E o Brasil, o grande desconhecido de ontem, já não poderá deixar de ser explicado e compreendido por falta de abundante material elucidativo.

Se ainda vivesse, Capistrano de Abreu já teria feito um apêlo para que se desse mais um pouco de ordem, de sistema científico, às coleções de estudos brasileiros, que prometem confusamente ir ao infinito. Em todo o caso, o mestre que traçara as mais rigorosas linhas para a exata compreensão das diferentes épocas do nosso passado, ficaria satisfeito, em última análise, com a variada bibliografia já publicada até o momento.

Já se pode, finalmente, escrever a História Geral do Brasil. Achava Capistrano que nenhum historiógrafo da sua geração seria capaz de escrevê-la, por isso que, acrescentava, "cada século exige certas qualidades especiais em quem o estuda". Examinando as aptidões de nossos historiadores, chegara à conclusão de que eles apenas podiam dedicar-se, principalmente, ao estudo da história contemporânea, uma vez que se mostravam "in-

sensíveis à nossa história primitiva". O momento não comportava, dizia, a repetição de empreendimento igual ao que já fôra tentado, pelo Visconde de Pôrto Seguro. "Agora o que se precisa, reafirmava, é de monografias conscienciosas".

* * *

Francisco Adolfo Varnhagen, que não possuía inteiramente, segundo Capistrano, "as qualidades necessárias para o estudo dos três séculos", de acôrdo com o plano que Martius nos traçara, escreveu, todavia, a melhor história geral do Brasil visto que outros mais bem dotados, no seu tempo, como Joaquim Caetano e João Francisco Lisboa não o quiseram fazer. E depois de enumerar, um por um, todos os assuntos que deviam ser tratados em monografias, desde a linguística aos episódios menores de nossos rastos políticos e administrativos, acentuava Capistrano: "Quando todos êsses trabalhos estiverem reunidos; quando um espírito superior insuflar a vida e o movimento na massa informe, Varnhagen, descerá do seu pedestal. Mas até então será o mestre, o guia, o senhor". Tal ponto de vista êle o defendeu até os últimos instantes de sua fecunda existência. Não admitia que nenhum historiador brasileiro, sem a devida preparação, se permitisse a escrever a obra que julgava de transcendental importância. Seria uma aventura inócua, sem nenhum proveito para a nossa historiografia.

Quando o historiador Rocha

Pombo o procurou para comunicar-lhe a introdução da sua "História do Brasil", Capistrano, que mantinha relações cordiais com o escritor paranaense, ouviu-o casmurro e silenciosamente até o fim. Após a leitura não lhe deu uma palavra sobre a História Geral do ilustre filho do Paraná que, daquele dia em diante, deixou de cumprimentá-lo. De tal fato fui informado pelo próprio Rocha Pombo, quando, certa vez, eu estranhava que não houvesse entre os dois historiadores a menor aproximação pessoal. Era assim Capistrano; a história foi o seu destino e vocação. Era um ortodoxo selvagem. Considerava Varnhagen no seu pedestal: o monumento ainda não comportaria o aparecimento de obra que viesse superar a História Geral do ilustre filho de Sorocaba.

Ainda que julgasse que tudo estava por fazer, naquela quadra nenhum escritor estaria em condições de dispor dos arquivos que compulsara o criador da nossa história. Ele mesmo, Capistrano, com aquele seu exato conhecimento dos quatro séculos da nossa existência de povo, não se sentia encorajado a nos dar a obra que todos esperávamos da sua multifária cultura. Limitou-se àquela síntese magnífica dos "Capítulos de história colonial" e às inúmeras monografias, que constituem hoje fundamentos essenciais para a perfeita compreensão de nossos fenômenos sociais e históricos. A tentar obra semelhante, que julgava de segundo plano, preferiu anotar para publicar, em nova

edição crítica, a História Geral de Pôrto Seguro, verdadeiro monumento consagrado aos três primeiros séculos de nossa formação nacional.

Na época em que Capistrano de Abreu preparava, com a colaboração esclarecida do sr. Rodolfo Garcia, a nova edição de Varnhagen, não havia ainda no Brasil a organização editorial, que neste momento tanto tem contribuído para a opulência de nossa cultura literária e científica. Eram poucas as livrarias e de ação muito restrita em suas programações editoriais. Somente em São Paulo viria encontrar o editor com a alta compreensão patriótica de divulgar obra de tamanho vulto e de tão custosa impressão. Mas era indispensável publicá-la para que corresse.

A Companhia Melhoramentos de S. Paulo já havia publicado, nessa altura, os primeiros volumes dos historiadores do Brasil antigo. Pela primeira vez, entre nós, um editor, organizava uma coleção de autêntica brasileira divulgando em bem cuidadas edições os primitivos cronistas que se ocuparam da Terra de Santa Cruz. Ainda de acôrdo com o espírito de Capistrano, a mesma Companhia editava a "História do Brasil", de frei Vicente do Salvador e, logo em seguida, a Carta de Pero Vaz de Caminha e a pitoresca "História da Província de Santa Cruz", de Pero de Magalhães Gândavo, os primeiros testemunhos do amanhecer do Brasil.

Os estudos de história pátria encontravam em São Paulo um cli-

max apropriado ao seu natural desenvolvimento. O Governo do Estado estimulava as pesquisas; dos arquivos públicos eram resguardados da traça e do caruncho os documentos interessantes, que aos poucos iam sendo classificados e publicados. O sr. Afonso de E. Taunay lançava os seus primeiros estudos de exegese da história de Piratininga, prefaciando e tirando do esquecimento em que se encontravam a "Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas", de Antonil, e as preciosas "Memórias para a história da Capitania de S. Vicente", de frei Gaspar da Madre Deus.

E na Companhia Melhoramentos, que já havia publicado esse livro, insubstituíveis ao conhecimento do Brasil colonial, de sua terra e de sua gente, veio Capistrano encontrar o editor de Varnhagen, cuja obra em vários tomos foi saindo, sem maiores interrupções, num espaço de cerca de dez anos. Com a sua morte, logo depois de pronto o primeiro volume, a História foi entregue aos cuidados de seu colaborador, também historiador de classe, o

sr. Rodolfo Garcia, discípulo do mestre e que soube enriquecer o trabalho de Varnhagen de notas esclarecedoras do texto e de alta valia histórica. E a mesma casa que tão relevantes serviços vinha prestando à cultura nacional, continuou, simultaneamente à publicação da História Geral, a divulgar em edições primorosas os escritos de Pedro Taques, de Manuel da Fonseca, autor de uma excelente biografia do padre Belchior de Pontes e, finalmente, de Bartolomeu de Gusmão, cujas obras completas foram compiladas e prefaciadas pelo sr. Afonso de E. Taunay.

A Companhia Melhoramentos editando tais obras, numa época ainda em que as coleções especializadas não encontravam o seu público de colecionadores e estudiosos, lançou as bases para a compreensão total do Brasil. Teve o mérito de estimular, entre nós, os estudos históricos referentes às coisas nacionais. É uma precursora.

("Dom Casmuro" —
do Rio de Janeiro).

GENTE QUE EU CONHECI:

Eduardo Guimaraens

De Sousa Junior

Isso foi por 1911 ou 1912. Com o meu uniforme de ginasiano, eu galgava, tôdas as noites as escadas que levavam à galeria do então Café Colombo, para sentar-me

diante de uma modesta chícara de café e escutar, por cem réis, até às 10 horas da noite, a orquestra do maestro Gnatali que tinha a especialidade das valsas de Strauss

e Waldteufel e das fantasias de óperas. Como eram saborosos aqueles cigarros clandestinos chupados aos compassos do "Sangue Vienense" ou do "La donna é mobile" do Rigoletto! Certa noite, eu tive a atenção solicitada para um homem moço muito bem vestido, alto, pálido, o ar melancólico, que começava a se fazer habitual de uma mesa perto da minha. Chegava pouco depois de mim, sentava-se, pedia um whisky com soda, apoiava as duas mãos sobre a volta da bengala e ficava-se ali, a ouvir a orquestra. Aquele moço me parecia profundamente triste com a sua expressão meditativa e talvez por isso meteu-se-me na cabeça que ele devia ser Eduardo Guimaraens, pois êsse, eu ouvira dizer, era o nome de um poeta. E a minha imaginação entrou a compor todo um romance de amargura e de lágrimas em torno daquele poeta pálido e bem vestido que tomava whisky com tão impressionante melancolia. Um dia não resisti mais: escrevi um conto — o primeiro — cujo personagem era aquele inquietante sonhador da galeria do Colombo. Consumido por uma paixão sem esperança, que lhe dava aquela dignidade romanesca e aquela aparência de solidão e de distância, o meu herói só podia ter um destino — o suicídio. E coerente com essa hipótese, o meu personagem, certa noite, ao entrar no seu quarto de poeta habitado pela desventura e pelo desespero, bebeu, alucinado, um litro de morfina. (Que paixão funesta! E que sêde!...) É claro que o conto acabava aí.

8 — R.I.H.

Parece que um litro de morfina, sofregamente ingerida, era uma solução razoável...

Acontece, porém, que eu vim a saber, mais tarde, que não só o meu personagem do Colombo não era Eduardo Guimaraens, como não fazia versos, nunca tivera paixões fatais, não pensava em suicídio e a única coisa que bebia era aquele copo de whisky com soda depois de haver deixado o compêndio de propedêutica ou de patologia, pois que êle é hoje competentíssimo médico do Hospital São Pedro e meu caro amigo Fernandes Barbosa...

Só um ano depois daquela inicial e malograda tentativa literária, me mostraram, na rua, o poeta Eduardo Guimaraens. Embora muito moço, os seus versos já andavam publicados, com grandes louvores, na "Fon!-Fon!", do Rio. Não se parecia com o meu herói da galeria do Colombo, mas, tudo nele denunciava poesia e espiritualidade. De estatura média, vestindo com discretíssima elegância, a cabeça um pouco para o alto, havia qualquer coisa nele que o fazia diferente dos outros. O perfil bem desenhado? O cabelo castanho ondulado nas têmporas? Os olhos azues de um azul irreal perdidos sabe Deus onde, por trás das lentes grossas de pince-nez de miope? Difícil dizer... O que eu sei é que êle era, realmente, diferente dos outros. Verifiquei isso inúmeras vezes depois que me fiz seu amigo em 1915. E não hesito em dizer que através dêle eu cheguei a acreditar que os homens poderiam aproximar-se da

perfeição. Porque em Eduardo Guimaraens as virtudes que enobrecem a espécie se conjugavam e ajustavam harmoniosamente. Inteligência, caráter, bondade, senso do dever, lealdade perfeita, modéstia, indulgência para os erros alheios, uma profunda simpatia humana por tôdas as coisas. Muitas vezes tenho-me perguntado se a ausência completa de inveja não é um traço denunciador de vaidade, ou, pelo menos, de orgulho. Quero dizer: se aqueles que não se alarmam nem se contrariam com os êxitos alheios não revelam com isso uma confiança absoluta no próprio valor, a certeza, talvez injustificável, de que ninguém lhes poderá fazer sombra. Quem sabe. Isso, porém, não impede que constitua uma atitude de superioridade. Eu nunca surpreendi em Eduardo Guimaraens um movimento de inveja ou de despeito diante dos sucessos de qualquer confrade. Ao contrário disso, observei que nos trabalhos alheios êle não buscava o que era passível de censura, mas apenas o que podia merecer elogios ou que era, pelo menos, aproveitável. É que uma honestidade fundamental presidia todos os atos, mesmo os mais insignificantes, da vida de Eduardo.

As vezes, examinando a personalidade do poeta e do homem, eu ficava a pensar: "Este Eduardo deve ter grandes defeitos para equilibrar tantas qualidades..." Mas, nos treze anos de amizade que me ligaram a êle e nos quais houve períodos de grata e longa intimidade, não os descobri. Longe

disso, só encontrei motivos para consolidar o alto juízo que vinha fazendo dêle. Em tudo me pareceu sempre exemplar: filho, espôso, pai, amigo, cidadão.

Não transigia em questão de lealdade. Como não era capaz do menor gesto de insinceridade com um amigo, não permitia e não perdoava que o cometessem com êle.

Telmo Monteiro — que, depois, no Rio, passou a assinar Telmo de Escobar — êsse outro grande espírito que a morte levou tão cedo, tinha uma admiração sincera por Eduardo, de quem era amigo. Mas, polemista por inclinação e por preferências de leitura, era às vezes tentado a praticar uma perfídia ou uma perversidade com um confrade, embora mantivesse com êle as melhores relações. Não o fazia por mal, mas por espírito esportivo. E entendia por isso que o alvejado não se devia zangar mas rir do caso como de uma pilhéria. Um dia, sem que ninguém o esperasse, Telmo publicou uma crônica na "Kodak", de que era redator-chefe (2.ª fase, fins de 1917) com algumas referências mordazes e injustas a Eduardo.

Nunca mais Eduardo o cumprimentou. E Telmo ficou muito admirado, porque a polêmica era para êle um simples divertimento...

Mas, o que havia de interessante em Eduardo Guimaraens é que êle era antes de tudo, acima de tudo, mais do que tudo — homem de letras. Ao contrário dos outros escritores e poetas que, autênticos diletantes, só se ocupavam de

literatura quando não tinham assunto mais urgente, ou quando estavam entre confrades, Eduardo fizera dela, desde menino, por vocação, sem dúvida, o pensamento dominante da sua vida. Com uma cultura variadíssima e uma memória prodigiosa, êle enriquecia as suas palestras admiráveis de fatos curiosos, anedotas a propósito, citações oportunas, que emprestavam um caráter de fina espiritualidade aos assuntos mais vulgares. Conhecendo a biografia dos homens de letras, dos pintores, dos músicos, dos escultores, dos aguafortistas, dos dramaturgos, dos atores de todos os países, não lhe era difícil encontrar um símile expressivo e ilustrativo para o caso em foco. Bastava dez minutos de contacto com Eduardo para sentir e respeitar nele um homem de raro bom-gosto. Evidentemente, não era um conversador para mesa de café, que, talvez por isso mesmo, não frequentava. Vivendo exclusivamente para as coisas do espírito êle só podia

ser compreendido e, por isso, interessar as elites, que lhe disputavam a companhia.

E o poeta era como o homem: um aristocrata. Nunca as suas poesias poderiam ter fortuna num concurso plebiscitário. Não só pela sensibilidade, das mais finas que conheço na nossa literatura, como pela forma, Eduardo Guimaraens há de ser sempre um poeta para figurar exclusivamente nas boas bibliotecas e nas estantes dos leitores de certo gosto e certa cultura.

Talvez haja exagêro no juízo, uma admiração sem limites por êle, dizia, sempre, que o considerava o maior poeta do seu tempo.

Talvez haja exagero no juízo do comovido poeta da "Coroa de Sonho".

Mas, não tenhamos dúvida: foi o poeta mais aristocrático que o Brasil já teve.

("Correio do Povo"
— de Pôrto Alegre).

Maragatos e Gaúchos

Castilhos Goycochêa.

Os maragatos compõem pequeno povo de costumes e trajes curiosos que integra, com vários outros, a nação espanhola.

De onde veio e quando se radicou na península ibérica, ninguém sabe com segurança. Sobre êle, de resto, há muitas hipóteses, inumeráveis fantasmas e lendas, mas nenhuma certeza. No que há una-

nimidade de opiniões a seu respeito, entre os antropólogos, é que descende dos bereberes ou berberiscos, do norte da África, estudados no século XIV pelo historiador árabe Aben Taldun.

Opinam nesse sentido Aragón y Escacena em "Breve Estudio Antropológico acerca del Pueblo "Maragato", publicado nos Anais da

Sociedad Española de História Natural (volume XXX — 1902), L. Martin Echeverría em “Geografía de España” e em “España, el país y los habitantes”. Dozy em suas “Investigaciones sobre la historia política literaria de España en la Edad Media”, e o autor anônimo do artigo que sob o título “Maragatos” se contém na Enciclopédia Larousse.

O primeiro desses tratadistas — Aragón y Escacena — não chegou a resultar positivo quanto à imigração dos maragatos, formulando duas hipóteses. Uma, a de que foram eles para a Espanha com os árabes; outra, a de que teriam sido importados pelos ronanos para o trabalho nas minas de ouro da região onde ainda se conservam, no norte do país.

Dozy, mais concludente, diz que descendem eles de uns berberiscos que ao tempo de Alfonso I, o católico, se deixaram ficar entre Astorga e Léon, quando os demais berberiscos, fugindo à tirania dos árabes. Yemen e da fome, que assolava grande parte da Espanha, emigraram para outras regiões ou regressaram à África.

Sobre a origem da palavra **maragato** também não acertaram os estudiosos, podendo ser alinhadas pelo menos oito hipóteses: **mauri captus** que quer dizer mouros presos; vocábulo que designa os antigos habitantes da Moraghah, região na margem oriental do lago Urmiah, no alto Egito; natural da zona de calor **fusco**; cavalheiro, segundo a palavra celta: **mar'he-kaat**; natural da zona junto à marca ou fronteira; oriundo de Marg-

heb; malagouto, que se teria transformado em maragato; adaptação ao castelhano do termo **masbracata** que serve para assinalar os homens que usam bragas ou maragas, calções amplos presos nos tornozelos.

Silvio Júlio, aquele dos escritores brasileiros que melhor conhece a história da Espanha e da América Espanhola, tem o vocábulo como composto de **mara** (mauro ou mouro) e de **gato** (goto ou gôdo), admitindo assim que os berberiscos se tenham mesclado com os gôdos.

Vem a propósito referir que Concha Espina, em “La Esfinge Maragata”, livro notável premiado pela Academia Espanhola, faz menção a certo rei chamado Mauregato, dos tempos da ocupação romana.

Quanto à etnografia, pois, pode-se ter que os maragatos são descendentes da tribo original dos Berberiscos, subdivida mais tarde em líbios, mouros, nômadas, gétulos e garamantes.

No que diz, porém, com o nome pelo qual são conhecidos, não há nenhuma certeza. Tôdas as conjecturas são boas, principalmente a que o dá como adaptação ao idioma castelhano da palavra **masbracata**: homem que usa calções largos.

* * *

Não só quanto à origem os maragatos são curiosos, e, destarte, dignos de estudo. Essa curiosidade é também pelos seus hábitos e vestimentas, aos quais se conservam decididamente apegados,

resistindo a tôdas as tentativas de infiltração exótica, a tôda influência que promane até dos vizinhos mais próximos, os de León e os Astorga.

São maragatos e só maragatos querem permanecer, tal como os vascos e como os catalães.

Fiéis às tradições, vivem como viveram os ancestrais mais remotos, aqueles que terão ido da África para as terras hispânicas, incorporados às hostes árabes ou levados pelas legiões de César.

Apolíticos, não consta sua intromissão em facções ideológicas e nem aos serviços administrativos do país.

Antes do surto dos caminhos-de-ferro conservavam, quasi que monopolizados, a indústria de transporte entre Madri e o norte da Espanha e o comércio de peixe em todo o antigo reino. Depois, aos poucos, procuraram a América.

Deve ser dito a êsse propósito, como particularidade extremamente interessante, que somente os homens dêsse povo singular é que deixam o seu *habitat*, na Maragateria, na provincia de León, para trabalhar. As mulheres permanecem, cultivando os campos ou criando os gados, o que induziu Concha-Espina a qualificar o povo maragato como povo feminino. De-fato, segundo todos os depoimentos conhecidos, nas sete aldeias da Maragateria, não há homens válidos além dos párcos, dos mestres-escolas, dos farmacêuticos, uma ou outra autoridade e poucos ricos aposentados nos ne-

gócios. Os mais são adolescentes ou anciãos ou inválidos.

Os maragatos, quer empreguem sua atividade na própria Espanha, em países próximos ou na América longínqua, só vão à Maragateria em visita, no gôzo de férias, mas sempre permanecendo por curto prazo.

São as maragatas, portanto, que educam os filhos, que presidem nos negócios familiares, comprando ou vendendo, que lavram a terra, plantam, colhem e transportam as colheitas para os mercados, que constroem e que opinam nos casos de interesse coletivo. Além disso só conhecem a obrigação das espôsas de conceber.

A sorte lhes é dura a mais não ser possível, a essas mulheres admiráveis, mas parecem conformadas com ela, tanto que não admitem qualquer mudança nas regras do seu viver. Assim viveram-lhes as mães e as avós, assim têm que viver elas, formando uma sociedade talvez única no Mundo.

* * *

“Na fidalga região de León, solar dos mais castiços da raça, teatro e reliquia de imortais memórias, dorme o povo maragato, incógnito e obscuro, desprendido, com misteriosa origem de remota progênie. Séculos inteiros sobreviveu à desolação do deserto, solitário e íntegro na sua rara pureza, embarracado na planura como pobre navio que encalha e submerge, e ao qual se abandona e se esquece no turbilhante mar da civilização”.

Foi essa a imagem que notável escritora castelhana encontrou para descrever a situação do povo maragato em meio à nação espanhola.

Incógnito e obscuro, solitário e íntegro!

Esqueceu, todavia, de dizer o que é Maragateria em relação à Espanha. Pequeno rincão de terras tristes e cansadas, tendo em volta paisagens garridas e sítios úberes. Como área, 350 quilômetros quadrados, limitada ao norte pelo Bierzo e pela Cepeda, ao sul Valduerna e Cabrera, ao oeste a mesma Cabrera, e o mesmo Bierzo, a este o Cepeda e o Sequeda. Série de colinas que se elevam pouco a pouco da planura até os altos das serras da Pobladura, Foncebadón e Manzanal, atingindo o pico do Teleño a 2.188 metros acima do nível do mar.

Integrando a província de Léon, no noroeste espanhol, faz parte da comarca de Astorga, de quem é também tributária comercial, ao menos para o escoamento do centeio, que é o principal, porque quasi único produto da Maragateria.

Entre as diversas razões referidas por Leandro Martín Echeverria para explicar a existência de ilhotas étnicas em Espanha (os maragatos de Léon, os campurrianos do Ebro, os granches das Canárias, os vaqueiros de Alzada e os gitanos de várias províncias) não figura a influência do meio cósmico. No que diz com os maragatos, porém, é para se ter que a terra áspera e a paisagem inhospita hajam concorrido muito

para o seu insulamento, principalmente atuando sobre as mulheres, que a bem dizer, são as guardas das tradições sociais, forrando-lhes o caráter contra infiltrações despersonalizadoras, estranhas ao gênio da raça.

Informações atuais dão como sendo de 12.000 os habitantes da adusta Maragateria.

Quanto ao idioma, é certo que falam só o castelhano, com modismos localistas; nada, porém, que faça recordar a língua de seus ancestrais africanos.

O mesmo no que se refere à religião que professam com entranhada fé: o catolicismo. Coisa alguma de islamismo ou de sionismo.

* * *

Nenhum interesse maior haveria na América, sobre o povo maragato, fora dos círculos onde se estuda antropologia, ou particularmente etnografia, se não foram indícios de que esse povo terá influído em usos e até na indumentária de um tipo de homem formado no sul do continente: o gaúcho.

E' opinião sustentada por Sílvia Júlio, por exemplo, que a bombacha dos gaúchos platinos e sulrio-grandenses, que lhes emprestou tão acentuada feição regional no ciclo pastoril, foi introduzida na América Meridional pelos maragatos que no começo do século passado se estabeleceram nas cercanias de Montevidéu.

Antes dessa época, é sabido, os cavaleiros da pampa argentina e das coxilhas uruguaias e sul-rio-

grandenses, só usavam chiripá, peça rudimentar dos incolas andinos, que em quíchua quer dizer **para o frio**.

Quando se sabe isso, e não se ignora que uma das peças mais características do vestuário maragato são as vastas pantalonas pressas abaixo dos joelhos, não há como recusar a tese do escritor brasileiro, apoiada, aliás, pelo sábio professor espanhol que sustentou ser **masbracata** (homem que usa maragas) a origem da palavra maragató.

Concorre em abono das duas opiniões, de resto, o fato de ser a bombacha gaúcha, sem sombra de dúvida, a mesma peça que usam os cavaleiros árabes do norte e leste de África e até do norte da Ásia.

O que se não sabia até agora, era por intermédio de quem havia sido introduzido êsse vestuário na América.

Nos lusitanos nunca se pensou, embalde também em Portugal tivesse havido dominação árabe ou moura, uma vez que se conhece a preferência dos mesmos lusitanos por calças justas às pernas.

Excluída essa hipótese, e a de que as bombachas tivessem resultado do aperfeiçoamento do chiripá andino, subsistiu a de que foram os espanhóis os seus carregadores para a América. Quando se diz espanhóis, porém, ocorre pensar que o são igualmente os charros, de Salamanca, apaixonados por calças estreitíssimas, modelando os membros interiores; os asturianos, que as usam largas, mas com babados dos joelhos para

baixo; os castelhanos e os galegos, que as usam sem nenhum exagero quanto à largura ou quanto ao comprimento; os catalães e os vascos, cujas calças têm o tipo inglês da moda atual; os marcíanos, os valencianos e os chesos, que completam seus trajes com calções curtos, espécies de **shorts**; e por fim os andaluzes, em cujas calças típicas nada há que se pareça com as bombachas árabes e gaúchas.

Gravura inserta no livro já citado, de L. Martin Echeverria — “Espanña, el pais y los habitantes” — faz prova, todavia, que as bragas ou maragas dos maragatos é que serviram de modelo para as amplas calças dos camponeses sulrio-grandenses, orientais, entrierianos e corrientinos, dando razão ao erudito autor de “Cérebro e Coração de Bolívar”.

À possível objeção de que os maragatos não só se estabeleceram na República do Uruguai, mas em outros países da América, de fala castelhana, onde não há ou houve o uso das bombachas, pode-se aditar que foi naquela república vizinha que formaram êles maior colônia, talvez até com mulheres, suposição apoiada na existência ali da ilha de **las maragatas**, no curso do rio San José, do qual rio o galho principal é conhecido como **lavadero de las maragatas**, como tudo consta do “Diccionario Geografico del Uruguay”, de Orestes Araujo, edição de 1912.

Há que considerar, ademais, que constituindo povo de cavaleiros, nas terras planas do Uruguai en-

contraram **habitat** conveniente às suas habilidades, ao passo que em outras regiões tiveram de se adaptar à agricultura, possivelmente substituindo a indumentária característica por outra que melhor correspondesse às necessidades do novo ofício.

* * *

Sabido que a bombacha árabe foi levada da África para a Espanha pelos berberiscos, e pelos descendentes destes trazida para o sul da América, não parece absurdo que também certa andadura peculiar aos cavalos árabes e aos cavalos gaúchos — no Rio Grande do Sul chamado **tranco** — tivesse tido o mesmo conduto e seguido igual itinerário.

Não sei se alguém, antes, já assinalou de público, que a andadura do cavalo gaúcho, quer no Brasil, quer na Argentina e no Uruguai, não se assemelha a nenhuma outra. Não é **marcha** usada no centro, nem o **esquipado** ou o **choto** do norte, menos o **trote** comum às zonas, e nada que lembre o **trot** inglês ou francês.

O **tranco** gaúcho — usado nas viagens longas, — quanto à velocidade está entre o passo natural e o **trote** comum. É tão cômodo quanto à **marcha** ou o **esquipado**, sem que para benefício do cavaleiro se haja de recorrer ao **desequilíbrio** da **cavalgada**, artifício que é necessário para obter essas andaduras.

Familiarizado com o **tranco** dos cavalos da fronteira entre o Brasil e o Uruguai, só o fui rever nos

desertos da Líbia e da Arábia, sem contudo poder explicar no momento como se fizera a **transplantação**.

Outra peculiaridade comum aos dois povos cavaleiros — árabes e gaúchos — é o que diz com o lado de montar, o lado esquerdo, usado obrigatoriamente pelos homens das duas origens, quando ninguém mais obedece essa regra. Até na conversação, aliás, os gaúchos e os árabes, ao invés de dizerem lado esquerdo ou lado direito, dizem lado de montar ou lado de laçar ou atirar. Mais guerreiros do que os gaúchos, os árabes referindo-se ao lado direito dizem lado de atirar; quando aqueles, mais industriais, indicam o lado de laçar, isto é, de jogar o laço.

É de se crer, pois, que também essa particularidade, ao lado de outras, tenha chegado ao Prata e passado ao Rio Grande do Sul, por via dos maragatos espanhóis, ao entrar em declínio a “arrieria” na Espanha.

* * *

A julgar pela revivescência do nome “maragato” nas terras do sul do Brasil, no Uruguai todo e na província argentina de Buenos Aires, a influência desse povo terá sido maior do que as de outras colônias espanholas, e não apenas em usos e costumes gaúchos.

No Uruguai, por exemplo, os naturais do Departamento de San José, lindeiro com Montevidéu, são conhecidos genericamente como maragatos, como no Brasil se chama gaúchos aos sul-rio-gran-

denses, capichabas aos espirito-santenses, potiguaras aos norte-rio-grandenses. Isso faz certo que nesse departamento é que tenha tido sede a colônia maragata mencionada por Francisco Bauzá, em sua "História de la Dominación Española en el Uruguay".

Na nomenclatura geográfica da Argentina existe o nome maragato como de um lago da província de Buenos Aires.

No Rio Grande do Sul, o que vem a ser no Brasil, o nome "maragato", empregado depreciativamente a princípio, para assinalar os integrantes do Partido Federalista, da fundação e chefia de Silveira Martins e Jôca Tavares, em 1893, tornou-se título de nobreza gaúcha, igualmente como o de "farroupilha", inventado em 1835 para ridicularizar os do Partido Liberal de Bento Gonçalves e Vasconcelos Jardim.

A idéia do apelido para os revolucionários de 1893-1895 terá ocorrido ao se saber que a cam-

panha militar teria como um dos generais a Gumerindo Saraiva, natural de Santa Vitória do Palmar, no Rio Grande do Sul, mas que havia muito morava no Departamento uruguaio de San José, aquele mesmo cujos homens são conhecidos por maragatos.

Informa Souza Docca, a esse propósito, que Gumerindo Saraiva saiu de San José, rumo ao Brasil, escoltado por certo número de maragatos orientais que serviram sob suas ordens durante os anos da guerra civil.

Fica explicado por essa forma, até argumento em contrário, como usos e costumes tipicamente árabes, depois de se manterem como que hibernados num povo radicado há séculos na Europa — o povo maragato, — vieram influir em usos e costumes de um tipo de homem sul-americano — o gaúcho.

("Jornal do Comércio"
— do Rio de Janeiro).

NOTICIÁRIO

Uma carta do brilhante historiador uruguaio José Aguiar

Recebemos e publicamos, com o aprêço de que é merecedor, uma carta do sr. contra-almirante José Aguiar, distinto homem de letras do Uruguai, professor da Universidade de Montevidéu, tendo mesmo a representado no Congresso de História realizado, nesta capital, em 1940:

Montevideo, octubre 15 de 1941.

Ilmo. y Exmro. Sr. Dr. Dante de Laytano.

M. D. Director de la **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**.

Muy ilustrado Director y amigo:
He leído en el N.º 82 — (Año XXI, II Trimestre, Junho de 1941) — de la benemérita REVISTA de su digna dirección, en el “**Noticlarío**”, — páginas 530 a 535, — la reproducción del interessante reportaje que el prestigioso diario de esa bella e inolvidable ciudad, — “**Correio do Povo**”, — le hiciera al erudito Miembro de Número del **Instituto Histórico y Geográfico do Rio Grande do Sul**, Excmo. señor Capitán Deoclécio

de Paranhos Antunes y que el diario citado publicó el día 23 de junio último.

Como la base de todas las referencias de aquel reportagem es una conferencia dada por mi en 1934 con el título de “**Nuestra Frontera con el Brasil**”, y teniendo en cuenta las cordiales relaciones que mantengo con ese ilustre **Instituto** y muchos de sus eminentes asociados, me creo en el deber, — y sin duda en el derecho, — de dirigirme al señor Director y por su intermedio a sus distinguidos colegas y demás posibles lectores de su REVISTA, para rogarle quiera publicar estas líneas en las condiciones y situación en que reprodujo el ya citado reportaje. Formulo este pedido porque no me parece ni airosa ni justa la situación en que vengo a quedar ante los señores Miembros de ese **INSTITUTO** y demás posibles lectores al través de las manifestaciones del distinguido militar y aplaudido historiador que es el señor Capitán de Paranhos Antunes.

Haré, un poco, la historia de los hechos:

1. — En agosto de 1934 yo di en la Universidad de Montevideo, una conferencia titulada **"Nuestra Frontera con el Brasil"**, y, algo después, la publiqué en la **"Revista Militar y Naval"**, editando algunos ejemplares en **"separata"**, que tuve a mi disposición a fines de 1936. Estaba seguro de haber incurrido en algunos errores pero tenía, — y siempre tengo, — la seguridad de haber escrito muchas cosas de gran amistad para el Brasil y para los brasileiros.

2. — En febrero de 1937 se celebró en la ciudad de **Rio Grande** el **"II Congresso Sulriograndense de História e Geografia"**, y yo, creyendo de buena fé haber escrito un trabajo de franca y clara amistad brasileiro-oriental, envié, — (estoy seguro que el Sr. Director lo recordará), — un ejemplar de aquel estudio para que fuera entregado en mi nombre a quien resultara vencedor en el tema **"AS BULAS"**. Venció el entonces Teniente Deoclecio de Paranhos Antunes y recibió el ejemplar mencionado.

3. — En octubre de 1937 di en el **"Ateneo Paysandú"**, en la ciudad de ese nombre, en mi país, una disertación sobre el tema **"Evo-cación del BARON DE RIO BRANCO"**. El ilustre **"Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul"**, me hizo el honor de publicarla en su **Revista** (II Trimestre, XVIII, 1938).

4. — El eminente militar e historiador, entonces Coronel, hoy merecidamente General, Emilio F. de Souza Docca, no estuvo de acuerdo con ciertas apreciaciones

mías. Para refutarlas, — primero en el importante diario **"Jornal do Commercio"**, de Rio de Janeiro de setiembre de 1938, y, enseguida, en la **Revista del Instituto** ya mencionado (IV Trimestre, XVIII, 1938), — publicó un artículo titulado **"Condominio da Lagôa Mirim e do Rio Yaguarão"**, en el que además de juzgar mi antes citada conferencia sobre el Barón de Rio Branco, anunciaba tener en prensa un libro en refutación a mis manifestaciones en esa conferencia y en la anterior sobre **Nuestra Frontera con el Brasil**.

5. — Escribí entonces al Ilmo. y Excmo. señor Presidente del Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, mi enrinente amigo el Dr. Leonardo Macedonia una comunicación que me hizo el honor de insertar también en la **Revista** ya citada (II Trimestre, XIX, 1939). Dije entonces, — y repito ahora, — que si el estudio del Sr. Cnel. Souza Docca me convenía no tendría ningún inconveniente en decirlo clara y públicamente pero que tenía que esperar, naturalmente, a tener conocimiento del libro anunciado.

6. — A fines de 1939 el Sr. Cnel. Souza Docca publicó su libro honrándome con un ejemplar. Solicité su autorización, — que obtuve gentilmente, — para traducir, comentar y publicar su trabajo e la **REVISTA MILITAR Y NAVAL** de mi país. Debido a que solo puedo disponer de un limitado espacio (en general no mas de 30 páginas por número) aún estoy en esa labor. Pero se terminará y si el Sr. Cnel. Souza Docca tiene razón

así lo reconoceré sin el menor inconveniente dándole las gracias por sus enseñanzas.

7. — En la **Revista del Instituto** ya citada (II Trimestre, XX, 1940), el Sr. Teniente de Paranhos Antunes publicó un juicio crítico sobre el libro del Sr. Cnel. Souza Docca, — que se titula **LIMITES ENTRE O BRASIL E O URUGUAI**, — y, al apreciar sus méritos hizo referencias a mi trabajo antes citado y que había obtenido como vencedor en el tema “**AS BULAS**”.

8. — El Sr. Capitán de Paranhos Antunes, — había sido merecidamente promovido, — envió al IX Congresso de Geographia celebrado en Florianópolis en setiembre de 1940 un trabajo especial refutando, — también él, — las afirmaciones contenidas en mi estudio ya citado: “**Nuestra Frontera con el Brasil**”, con referencia a la isla del río Uruguay llamada “**Brasileira**”, próxima a la desembocadura del Río Cuareim. Por consejo del Relator, aprobado por el Congreso, dicho trabajo fué enviado a Itamarati como medida previa a su posible publicación que aún no sé si se habrá producido o no. De la existencia de ese trabajo recién he tenido conocimiento por la lectura del reportaje que motiva estas líneas.

9. — A fines de 1940 tuve el honor de asistir, — conjuntamente con mi ilustrado colega y amigo el Sr. Coronel Manuel Carlos Tiscornia y en representación de la Universidad de Montevideo, — al III Congresso Sulriograndense de História e Geographia. Estaba seguro de hallar allí al Sr. Gnal.

Souza Docca, miembro tan destacado del ilustre Instituto Histórico y Geográfico Sulriograndense y ofrecirme para aclarar públicamente y directamente todas las dudas que mis manifestaciones pudieran haberle sugerido. No tuve la suerte de encontrarlo. En cambio, en una sesión solemne con que la Academia Sulriograndense de Letras, adhirió a los festejos del Bi-centenario de Porto Alegre, tuve el gran honor, — y el placer, — de ser saludado en forma excepcionalmente expresiva y por demás amistosa por el ya citado Sr. Capitán de Paranhos Antunes, cuyas exageradas expresiones agradecí entonces por tenerlas por sinceras. Y hoy reitero aquel agradecimiento. Nada ni nadie me hicieron conocer, entonces, la existencia del trabajo del Capitán Antunes enviado al IX Congresso de Geographia aun cuando dicho trabajo solo tiene razón de existencia como refutación a mis afirmaciones histórico-geográficas y de ética jurídica relacionadas con la isla antes citada.

Queda formulada en los números precedentes la **relación de hechos** y el porque de esta carta. Ahora, no conociendo del trabajo del señor Capitán Antunes nada mas que sus ligeras manifestaciones enunciadas en el reportaje antes indicado, no me es posible opinar sobre él y sobre los méritos que su autor le atribuye, por lo que, con esta misma fecha, me dirijo al citado señor capitán rogándole quiera hacerme conocer su trabajo y autorizarme para traducirlo, comentario y publicarlo, lo

que haria enseguida que terminara con libro del señor General Souza Docca.

Tenia y mantengo la intención de publicar a continuación de la traducción y comentario de los estudios del Sr. General Souza Docca ya citados — (“Condomínio da Lagôa Mirim e do rio Yaguaraão” y “Límites entre o Brasil e o Uruguai”) —, la del juicio que sobre ese último trabajo de su eminente camarada, cofrade y superior publicó el Sr. Capitán de Paranhos Antunes al que recién me referí, comentándolo también, como a mi juicio corresponde. Mi trabajo de traducción, comentario y publicación estaría completo si pudiera agregar el correspondiente a ese nuevo estudio del ilustrado y erudito señor capitán de Paranhos Antunes.

Para ello necesito disponer además de dicho trabajo, de la autorización de su eminente autor a quien se la solicito en carta que acompaña a la presente y cuya

entrega ruego al señor Director. Y si las conclusiones a que llega el señor capitán de Paranhos Antunes son realmente, — como él lo dice, — convincentes, terminantemente convincentes, estoy seguro de tener el valor de reconocerlo ámplia y públicamente. Pero por ahora, y tan sólo sobre la base de su escueta información, **no estoy convencido.**

Rogándole al señor Director quiera tener a bien hacer llegar al Exmo. Sr. Capitán de Paranhos Antunes la carta adjunta y agradeciéndole desde ya esa atención así como la posible publicación de estas líneas en la REVISTA de su eminente dirección, tengo el honor de saludarle con mi mas alta consideración y amistad.

JOSÉ AGUIAR

Contra Almirante R.

C/Vd.: Calle Jaime Zudáñez,
2847.

Montevideo.

Wolfgang Hoffmann Harnisch

O escritor Wolfgang Hoffmann Harnisch, foi alvo de significativa homenagem por parte dos intelectuais e jornalistas portoalegrenses, por motivo da publicação de seu livro “O Rio Grande do Sul”, editado pela Livraria do Globo.

Nesse trabalho, o laureado autor de “Lord Clive” e “Brasil que eu vi” focalizou aspectos da terra gaúcha, tradições, hábitos e cos-

tumes das gentes, demorando-se em considerações sobre o surto progressivo de nosso Estado e abordando, com perfeito conhecimento de causa, os episódios que dizem respeito aos fastos rio-grandenses.

O almôço, que transcorreu num ambiente verdadeiramente cordial, teve lugar no restaurante do Pa-

lácio do Comércio, dêle participando as seguintes pessoas :

Moisés Velinho — Eurico Rodrigues — Edgar Schneider — Xavier da Rocha — Darcí Azambuja — Leonardo Macedonia — Erico Verissimo — Léo Arruda — Nestor Ericksen — Renato Costa — Dario Brossard — Adroaldo Mesquita da Costa — Olinto Sanmartin — Mario Teixeira de Carvalho — Angelo Guido — Jorge Felizardo — Ernesto Pelanda — Augusto Carvalho — Carlos de Paula Couto — Dante de Laytano — Mauricio Rosenblat — Antonio Barata — Justino Martins — Ernesto Vinhais — Mario Quintana — Manoel Feixoto — Adail Moraes Arquimedes Fortini — Gustavo Nonemberg — Wolfgang Hoffmann Harnisch Junior — Valdi Rodrigues — A. Raimundo Schneider — Archibaldo Severo — Herbert Caro — Major Morenci de Couto e Silva.

O homenageado foi saudado pelo sr. Léo Arruda, que pronunciou brilhante oração, cuja íntegra é a seguinte:

“Sr. Wolfgang Hoffmann Harnisch:

Não tenho comigo a idéia de proferir aqui um discurso nos moldes clássicos da oratória. Esta reunião de amigos, amena e singela, feita ao calor da admiração espontânea, que não conhece tabús nem recalques, sadia e saudável, sem restrições nem prevenções, estaria irremediavelmente comprometida sob o pêso e a intenção do mau orador que alguém, em tais circunstâncias, tivesse o

mau gôsto de escolher para esta hora íntima.

Não que a oratória, quando praticada com inteligência ou talento, com finura e senso literário, não seja ainda uma das mais belas formas de expressão do espírito humano, mediante a palavra nua, imediata, sem o auxílio intermediário de quaisquer outros meios mecânicos para promover a sua fixação, na obra de arte, jogando com a faculdade divina por excelência, que nos distingue inconfundivelmente, na confusão geral das espécies, valendo-nos a denominação pomposa de rei da criação.

Os gênios mudos não existem e nunca existiram. A incapacidade auditiva, voluntária, é uma confissão negativa, pouco lisonjeira, que não se compadece com a criação humana na sua interminável contingência trágica. Só a palavra, viva e fácil, ardente ou mansa, aproxima-nos uns dos outros e da criação. E' vida e força, persuasão e comunicação. E' a beleza personalíssima que eternamente deslumbra o telúrico e confinado doutor do cosmos — o homem. Ela faz-nos acreditar nos milagres maiores de outros mundos desconhecidos, onde a perfeição não seja apenas um sonho doloroso e vão, sem sentido algum.

Só a palavra dá-nos verdadeiramente a medida concreta da nossa diferenciação. Condenando um orador que transmite os seus anseios íntimos, que fala com lucidez e elegância intelectual, teria incorrido o homem num ato indigno

contra alguns dos mais altos espíritos da humanidade. Não desestimo a oratória. Nem a considero desamável sob o ponto de vista de afirmação superior do poder mental.

Se não vos trago um discurso, sr. Harnsch, concordei de bom grado em que alguém aqui deveria agitar, ao de leve, o tema essencial desta nossa doce convivência fugaz de alguns momentos, longe das grandes e tristes preocupações atuais, que andam lá fora agitando sangrentamente o destino do mundo.

Para escusar a presença do intérprete, no engodo da má escolha, permito-me o uso de uma frase iterativa de sábio e modesto professor da infância minha, cuja figura marcada pela excessiva “physique du rôle” perdura ainda, com reflexos claros, nos vaivéns da minha sensibilidade.

Aquí estou! — exclamava sempre João Ribeiro — o saudoso mestre de tantas e dispersas gerações. Aquí estou — explicava então o inimitável autor das “Páginas de Estética”, para dizer alguma cousa boa ou má.

Por sorte minha aquí estou para louvar quem tanto merece pela obra feita e pela própria simpatia humana que a anima, de modo que, na ausência de recursos para proferir razoavelmente o discurso, versar o tema que sois vós, restará para o consôlo de todos a intenção única do louvor ao belo intelectual que conquistou tão rapidamente, por forma tão galharda, de modo definitivo, o cora-

ção e a inteligência do Rio Grande.

Cheguei à última página do livro que acabais de publicar, sr. Harnsch, por uma destas atuais tardes estuantes do sul. Debrucei-me após, no alto do edifício, comovido, na minha janela sobre o Guaíba. Olhei o intenso movimento humano indicando o Rio Grande atual. Voltei-me para os lados do rio com a paisagem cheia do sol do verão. Sentí-me emocionado porque a sugestão forte da leitura do “O Rio Grande do Sul” impregnara em mim naquele instante um sentimento maior de amor ao que os meus olhos contemplavam e o meu coração sentia.

Quem será êsse estrangeiro mi-lagroso, dotado de visão tão pura e vasta, que me transmitia ali o complexo panorama psicológico, histórico e social do Rio Grande de hoje, retratado com tanta verdade e tanta beleza?

Confesso-vos que retornei ao livro para fixar atentamente o vosso nome, no propósito de não esquecê-lo jamais e guardá-lo carinhosamente na memória, como quem se acha obrigado, reconhecido pelo serviço desinteressado que prestastes à cultura do meu Estado. Descobridor verdadeiro do Rio Grande moderno, nesta altura da sua civilização esplêndida, andastes como um operador cinematográfico revelando realidades que estão bem perto de nós, pôsto que desconhecidas, para infundir depois o conhecimento integral e perfeito da terra e do homem me-

ridionais, nas suas alternativas e em tôdas as suas singularidades.

Tudo feito com simpatia equilibrada, com harmonia e graça, com entusiasmo e observação justa, sem idéia nenhuma preconcebida. Não vos deixastes também dominar pelo sentido meramente apologético. Nem a intenção do exagero na aposição das lentes de maior poder gradual, aumentativo, deformou a realidade para satisfação do espectador unilateral.

Corpo e alma do Rio Grande tão somente, na mais rigorosa atualidade — eis o vosso delicioso livro. Alma e corpo do Rio Grande meio exclusivista, meio europeizado mas tomando chimarrão e comendo churrasco, forte e fanfarrão, disposto e alegre, vigilante e brasileiro, lutando tenazmente pela posse total de uma única corrente de sensibilidade dentro da consciência nacional.

Não vi equívoco algum dentro do vosso livro. Não incidistes na errônea interpretação, de sociológica fácil atribuindo narcisismo e certo apêgo, peculiar ao temperamento do rio-grandense, à terra e seus costumes, que se traduz apenas pelo zelo que as prolongadas lutas e as duras experiências o incutiram ao longo da sua evolução e da sua formação social.

Creio que o maior defeito do Rio Grande é querer, à viva força, ser exclusivamente o Brasil. Defeito que se estende numa virtude gloriosa. Notastes já, sem dúvida, olhando a carta geográfica do Brasil, como é semelhante a configuração física do Rio

Grande ao Brasil. Até aí nesse pormenor o Rio Grande quer ser o Brasil.

Neste crepúsculo de 1941, sr. Harnisch, quando poucas horas nos restam do ano atual, afirmo-vos em nome dos homens de boa vontade e de inteligência, que estão aqui em vossa presença, em torno de vós para festejar-vos, que sois por excelência o estrangeiro que nos convém.

Não perderemos ainda a fé no destino da cultura e da humanidade. Para servi-las oferecemos um régio presente. Para servi-las, de braços abertos, sentimo-nos bem vos abraçando. Lado a lado convosco sentimos que a vossa companhia é lúcida, compreensiva e eminentemente colaboradora”.

Serenados os aplausos à saudação do sr. Léo Arruda, o escritor Wolfgang Hoffmann Harnisch agradeceu, sensibilizado, a demonstração de apreço dos intelectuais e jornalistas gaúchos, assim se expressando:

“Meus senhores.

Tentarei expressar em vossa própria língua — tão linda e tão difícil — tôda a minha gratidão pela honra imerecida que me prestais com esta reunião.

Sinto-me feliz por poder, através de vosso honroso convite, dispor desta oportunidade para, também, externar meu profundo reconhecimento a todos os que, neste longo tempo de trabalho em terras rio-grandenses, me prestaram, de qualquer modo, a sua ajuda e seu auxílio para penetrar no

admirável mundo pampeano e a compreendê-lo.

Enaltece-se o mundo dos Pampas, entre outros motivos, por causa da proverbial hospitalidade que distingue seus moradores. Também eu pude sentir diretamente esta hospitalidade. Tanto nas estâncias dos Pampas, como na região colonial e serrana, é ela uma parte inseparável e um traço característico do povo gaúcho. Muito mais do que desta hospitalidade, pela qual muito devo aos gaúchos, quero referir-me a outra, à hospitalidade espiritual.

Hospitalidade espiritual — sim, senhores! — é algo que há também! E creio que ela significa e vale muito mais que a hospitalidade meramente material. E' eternamente verdade: Não só de pão vive o homem. Há também a fome e a subnutrição espiritual. Aquí, em vosso meio, encontrei desde o primeiro instante, o pábulo que alimentasse meu cérebro e meu coração.

No meu primeiro livro sobre o Brasil dediquei um capítulo à "Duldsamkeit" do brasileiro. E meu tradutor deu à palavra a versão de "Tolerância". Mais tarde, então, verifiquei que teria muito melhor sido traduzido por "espírito de aceitação", a capacidade da alma brasileira em inspirar ao outro o sentimento de que ela o não rejeitaria, caso viesse em sua procura.

A solicitação tácita e naturalmente concedida, de poder entregar, ligar e associar-me ao mesmo ritmo, eu a sentí, indistinta-

mente, no Norte como no Sul. Mas particularmente aquí, e desde o primeiro instante. E nisto, numa época de bárbaro regresso e degeneração, em que os homens, no ápice da civilização, não só chacinam os corpos, mas — o que é pior — envenenam os espíritos e as almas. E foi aquí, na terra gaúcha, que vim encontrar desfaldada à brisa, a bandeira do humanitarismo, da camaradagem humana no sentido mais alto, do espírito de aceitação, da generosidade sentimental e intelectual — estandarte levado sem a mínima afetação, com tóda naturalidade, e, por isso mesmo, tanto mais vigoroso em sua atração. Esse clima moral, essa hospitalidade espiritual, em tôdas as horas difíceis, inerentes a essa espécie de trabalho estimulou-me sobremodo a que prosseguísse.

E' assim que entendo a hospitalidade espiritual. E foi assim que a sentí nesta terra, sem exceção de ninguém, quer fôsse cate-drático, quer fôsse poeta ou escritor, quer fôsse jornalista. Sentia-me sempre como amigo: entre amigos.

E' assim que termina o último capítulo do meu livro sobre o Rio Grande, intitulado "Adeus". E' também a palavra que calha ao dia de hoje, para todos nós, que nos despedimos do ano velho de quarenta e um. Aproveito, pois, também este ensejo para augurar a todos vós, para o povo gaúcho e para o povo brasileiro um feliz e próspero Ano Novo; e aos demais povos da humanidade quise-

ra desejar que no Ano Novo encontrem aquela paz, aquela felicidade sem par, de que goza o humaníssimo Brasil”.

Logo que o escritor Wolfgang Hoffmann Harnisch ex-professor universitário na Alemanha, apareceu em Pôrto Alegre, impôs-se nos nossos círculos literários pela vasta cultura, comprovada em palestras sobre problemas os mais diversos e pelas numerosas obras literárias de que é autor, e pela simpatia pessoal realçada por uma modéstia encantadora.

Tivemos, então, a oportunidade de ouvi-lo, sabendo que sua estada no Rio Grande do Sul obedecia ao plano de confeccionar um volume que refletisse aspectos os mais diversos deste Estado. Efetivamente depois de longas e exaustivas viagens pelo interior, onde recolheu o material necessário, o sr. Hoffmann Harnisch, nos brindou com um volume de cerca de quinhentas páginas, que, pode-se dizer sem exagero, é uma das mais completas senão a mais completa das obras jamais escritas sobre os Pampas, sua paisagem física e humana.

Este livro, que, intitulado “O Rio Grande do Sul — A Terra e o Homem” acaba de ser lançado em belíssima edição da Livraria do Globo, foi que nos levou a ouvir o autor. Quisemos nos contasse algo sobre seus escritos anteriores, presentes e futuros.

— Quando deixei a Europa — começou, gentilmente, o escritor Hoffmann Harnisch — levei co-

migo apenas a bagagem mais indispensável. Nela havia também uma maleta contendo um exemplar de cada um dos meus livros — isto é, dos livros que me foi possível receber, pois que a muitas traduções de obras minhas houve referência sem que eu pudesse obter os respectivos comprovantes.

— Mas, afinal, qual era o conteúdo dessa maleta?

— São estas duas obras: — e exibiu-as — uma biografia de Molière e uma “Sociologia do Teatro” — dois trabalhos da minha juventude, que hoje já não contam mais. Depois, este livrinho aparecido em Praga: “História do terrorismo russo”. Também o conteúdo deste livrinho foi superado pelo tempo, pois os revolucionários inofensivos de 1900 e 1910 já há muito sumiram no lixo da história universal. Há ainda algumas novelas, entre outras a “Alta escola de equitação”, que se passa no México.

Ei-lo. E’ a biografia dum homem que se conta entre as figuras mais singulares e curiosas da história mundial. Como certamente o amigo está cansado de saber Bobby Clive, na juventude, foi um velhaco, um elemento associal, o escândalo de toda gente em sua pequena cidade natal inglesa. Mandaram-no para as índias, “para a casa do diabo”, porque esperavam que a febre indiana livraria a parentela desse fardo penoso. Bem, o Bobby, de-facto, pegou a febre mas não morreu e não ganhou miseravelmente seu

pão de cada dia como modesto empregado comercial mas conquistou as índias para a Inglaterra.

Quando escrevi o livro, verifiquei, admirado, que a grande massa dos cidadãos ingleses nem tinham idéia da importância das índias para a Inglaterra. Disse mesmo na introdução que, na Inglaterra de antes-guerra, precisava ser feita uma intensa propaganda para se tornar claro ao público o que significava dispor das índias.

Após essa excursão pela história inglesa, voltei-me, então, a um tema russo e escrevi "Catarina, a Grande — história duma carreira". E' este livro a biografia da personalidade "política", e as célebres aventuras galantes da imperatriz só foram mencionadas, enquanto tivessem exercido alguma influência na política.

A biografia foi escrita em torno de pequena cena: O embaixador inglês, o "velho Williams", procura esclarecer a jovem princesa de que, entre a Inglaterra e a Rússia, há uma relação como que natural de certo modo eterna — não obstante tôdas as oscilações entre simpatias e antipatias, que se verificavam ocasionalmente. Quem quer que governe na Inglaterra ou na Rússia, qualquer que seja a política seguida por ambos os países: ambos os povos demonstram poucas simpatias mútuas, ambos os governos nunca estiveram, não estão e jamais estarão numa relação de amizade íntima. Mas, quando estiver em jogo uma decisão real, quando soar

a grande hora histórica, a Rússia procederá sempre em benefício da Inglaterra e esta em prol da Rússia. Os egoísmos dessas duas grandes potências, em última análise, sempre correm paralelos, e ambos os governos — por vezes contra a própria vontade e de certo modo de maneira automática — são levados a ajudar-se reciprocamente. Qualquer ataque contra a Inglaterra obriga a Rússia a correr em auxílio da maior potência naval. E viceversa, qualquer ataque contra a Rússia força a Inglaterra a acorrer em auxílio da maior potência terrestre. Demostrei-o já faz dez anos.

Meu primeiro livro, neste setor, chama-se "A marcha para o oeste". Nele está contida a biografia completa dum aventureiro, que se chamou Daniel Boone. E' a figura paralela norte-americana dos nossos bandeirantes, um homem da têmpera dum Fernão Dias Pais Leme ou Bartolomeu Bueno da Silva, chamado Anhanguera. Precedeu a todos nas regiões desconhecidas e inhóspitas, andando sempre às voltas com os indígenas. Tornou-se figura lendária, sendo-o realmente, pois nele se inspirou Fenimore Cooper para criar seu célebre Natti Bumpo que conhecemos tão bem através de "Meia de couro" e "O último dos moicanos".

Segue-se o livro "Evangelina e os Raw-Riders", que descreve as lutas de liberdade de Cuba. Nesse livro tem papel preponderante Tedoy Roosevelt, tio do atual presidente norte-americano, bem co-

mo o regimento de cavalaria voluntários, os chamados "Raw-Riders", por ele organizado, e, finalmente, uma mocinha cubana que contribuiu, de maneira decisiva, para a libertação de seu país. Mencionei, além disto, o livro "Como eles conseguiram seus milhões", obra de caráter humorista, apresentando as biografias de alguns milionários norte-americanos, e pelo qual o leitor pode dar uma olhadela por detrás dos bastidores da especulação e da Bolsa. Conto nesse livro como se formaram as grandes fortunas americanas pela época do supercapitalismo americano.

— E sobre o Brasil?

— Eis-nos chegados aos livros sobre a América do Sul, particularmente sobre o Brasil. Meu primeiro livro "Retrato de uma potência tropical" alcançou, a 1.º de julho do corrente ano, em sua edição alemã, a tiragem de 60.000 exemplares. Parte dêste livro, como sabe, apareceu no Brasil, sob o título "O Brasil que eu vi".

Estamos assim chegando ao tempo presente, e dêste pretendo falar em outra oportunidade. Direi apenas que já dei por terminado "Goethe e o Brasil", opúsculo que reúne tôdas as referências que Goethe tem feito ao Brasil (86 ao todo, em seus escritos). Terminei, ainda, "Os dois mais antigos livros sobre o Rio Grande do Sul". São as traduções dos dois livros do jesuíta padre Sepp, dos anos de 1697 e 1705, ambos com uma introdução e comentário de minha autoria. Há, além disso, uma obra

especializada sobre "A arte do Rio Grande do Sul" isto é, a arte dos indígenas e jesuítas, dos açorianos, portugueses e brasileiros, entre 1690 e 1890. Terminei, outrossim, a coleta do material para um livro sobre o Chile, material quase todo reunido por meu filho, de modo que, provavelmente será ele quem vai escrever o livro, e não eu. Estou, aliás, ocupado com uma obra de grande envergadura sobre o Brasil, uma obra de quatro volumes, sob a epígrafe "O Brasil Novo". O primeiro volume intitulado "Análise", já foi traduzido para o português. O segundo volume "A biografia do presidente Vargas" está ultimado e está sendo traduzido também. A terceira parte denomina-se "A Nação" e descreverá a composição social e regional do povo brasileiro, como êste povo se formou e como é atualmente. Êste livro conterá 100 biografias breves de Brasileiros ilustres e outros anônimos descrevendo, de modo particular, a mulher brasileira, cuja vida passou, nestas últimas gerações, por transformações fundamentais. Apresentarei, aí, a mulher brasileira moderna, como se no-la representa a pessoa da professora.

Eis algo do que fiz, do que estou fazendo e do que pretendo fazer. Presentemente, é bem natural, estou todo preocupado com a questão de se o meu livro "O Rio Grande do Sul — a Terra e o Homem" terá algum êxito. Quero dizer: Reconhecerão os gaúchos a sua terra na descrição que fiz?

Consegui descrever o Rio Grande com acerto? Estou plenamente convencido de ser uma tentativa extraordinariamente arrojada a de descrever uma terra tôda, já que a terra é um fenômeno eterno e complexo, ao passo que nós, homens, temos uma vida curta, um juízo também curto e uma visão mais curta ainda. Na descrição de países e terras é que o escritor percebe e com que clareza, como são limitadas as suas possibilidades e meios. Estes livros são verdadeiras escolas de modéstia.

Depois disto, a palestra gira em torno da vida literária brasileira, seu atual desenvolvimento e futuro, que o sr. Hoffman Harnisch prevê brilhante. Seu filho, Wolfgang Hoffmann Harnisch Junior, está seguindo de modo convincente a trilha do pai e do avô. (Este também escreveu, se bem que somente sobre assuntos científicos). Hoffmann Harnisch Junior, aliás, é um verdadeiro artista da máquina fotográfica. Foi ele que apanhou os belíssimos aspectos da vida rural e urbana gaúchas que estão reproduzidos em "O Rio Grande do Sul", tendo também confeccionado o maravilhoso álbum fotográfico com legendas literárias, publicado por ocasião do Bi-Centenário. Esse jovem escritor especializou-se em assuntos policiais, pelo menos foi o gênero que tentou até agora, e com auspicioso êxito.

Wolfgang Hoffmann Harnisch é, já, um nome familiar do público brasileiro. "O Brasil que eu vi" foi, entre nós, o seu cartão de

apresentação. Tornou-o conhecido do Norte ao Sul, dada a maneira sincera e exata com que fotografou, em seu trabalho, a vida e a terra brasileira. Mas a atividade deste escritor europeu não se resumiu àquele trabalho, que alcançou entre nós a 3.^a edição e que constituiu no Velho Hemisfério um verdadeiro "bestseller". Como resultado dos seus estudos e investigações, durante anos, deu-nos ele agora, em primorosa edição da Livraria do Globo, "O Rio Grande — a terra e o homem". E foi precisamente a publicação desta obra que vem enriquecer, sem dúvida, a bibliografia histórica do Estado, que decretou a entrevista abaixo, após um encontro fortuito de rua. Em sua residência o autor deste trabalho sobre os Pampas, que Erico Veríssimo estimou como o "livro mais rico sobre o Rio Grande do Sul", refere-nos como surgiu a idéia da obra que não pensava escrever.

— Meu amigo, contar-lhe, com todos os pormenores, como surgiu a idéia é uma história bastante comprida — diz. Se estiver disposto a dar-me atenção, tentarei resumí-la em meia dúzia de palavras.

Em fins de 1939 — conta-nos, então, o dr. Hoffmann Harnisch — o insigne filho da terra gaúcha, o sr. Presidente da República, proporcionou-me a honra de receber-me em uma audiência privada. Palestrando comigo sobre o meu livro à respeito deste grande país intitulado o "Brasil que eu vi", que já naquela época figurava na

Lista dos "best-sellers" da Europa, com uma edição de 60.000 exemplares, veio-me a idéia de juntar às biografias de "Molière", "Lord Clive" e "Catarina a Grande" a do genial autor do Estado Novo. A idéia foi acolhida benevolmente pelo sr. Presidente da República. E foi, assim, que vim para o Rio Grande, que já o percorri em todos os quadrantes para estudar e compreender o ambiente em que o dr. Getúlio Vargas se criara e onde vivera tanto anos. No decurso de meses a minha convivência com a vida espiritual rio-grandense se tornou tão íntima, que resolvi, não só enamorado pelos encantos múltiplos oferecidos pelo Pampa e como também fascinado pelos ideais nele incarnados, traçar-lhe o perfil histórico, social, cultural e econômico." E assim surgiu o "Rio Grande — a terra e o homem", cujo título, por si só, esclarece o conteúdo da obra.

O dr. Hoffmann Harnisch surpreendeu, nesta altura, o repórter. Retira, de uma pequena caixa o primeiro livro escrito sobre o Estado, que descobriu, praticamente, ao escrever a obra ora dada à lume. Trata-se de "A minha viagem para junto dos indígenas do Rio Uruguai", escrito em 1691 e publicado em 1698 em Nuremberg, pelo Padre Antônio Sepp, S. J.. A obtenção deste livro pelo autor de "Lord Clive" constituiu quase uma aventura. Eis como a descreve: — "Após haver lido as primeiras referências sobre aquele trabalho, pediu a remessa de

um exemplar a uma agremiação de cientistas europeus. Foi encontrado, então, o último exemplar existente da antiga obra original, ao preço de 6.000 francos, aproximadamente 3:500\$000 em nossa moeda. Além disso só o seguro e a franquia postal o dr. Hoffmann Harnisch dispendeu mais de 1:500\$000, cujos selos aéreos constituem, sem dúvida, uma atração para os filatelistas. E nesta altura, o dr. Harnisch acrescenta: "Mas isso pouco importa. O que interessa é a obra que representa, para o Estado, um documentário de valor inestimável, não havendo, mesmo, dinheiro que a pague. Entretanto, meses depois, caiu-me às mãos, por vias semelhantes, o segundo livro mais antigo sobre o Rio Grande do Sul: a "Continuatio Laborum Apostolicorum" do mesmo autor, o padre Sepp. Editado, em verdade, um pouco mais tarde, lá por 1710, não me foi possível obter, na Europa, nenhum exemplar original. Tôda a obra foi, assim, fotocopiada, página por página, na Biblioteca Estadual de Berlim, onde se guarda, ciosamente, um dos poucos exemplares.

E quanta coisa valiosa e interessante encerra estes dois volumes — exclama o dr. Hoffmann Harnisch. Aqui o Pe. Sepp relata a tendência dos moradores primitivos das terras gaúchas para o churrasco, que preferiam, sempre, a diversos pratos de carne preparados à maneira européia. O tradicional churrasco venceu aos melhores acepipes europeus. Há, entretanto, uma diferença entre o

churrasco de ontem e o de hoje. Enquanto o gaúcho moderno prepara a carne com bastante sal, os indígenas rio-grandenses sofriam da falta d'êste popularíssimo condimento. Conta, então, o Pe. Sepp que os índios, depois de ingerirem a carne sem sal, se entregavam ao chimarrão, à guisa de condimento. Acolá, refere como, pela vez primeira, fundiu êle o ferro, constituindo, assim, êste fato o início da siderurgia brasileira. E' um detalhe devêras curioso, pois não se fundia, naquele tempo, o ferro em Minas Gerais. A siderurgia alemã surgiu, igualmente, 100 anos depois. E naquela época, já o Pe. Sepp fazia distinção entre ferro e aço, quando ninguém ainda sonhava com essa classificação. Há mais ainda: foi com o ferro dessa fundição, rústica é verdade, que se forjaram as armas que Sepé Tiarajú usou mais tarde na batalha de Caibaté.

Mais adiante, conta como surgiram as reduções, como estavam organizadas, a sua administração, a sua vida social, os trabalhos agrícolas dos indígenas, a pecuária e sua importância capital na economia daquelas povoações, como se construíam as casas e igrejas e como foram produzidas as obras de arte que ainda hoje tanto nos encantam. E estes dois volumes vou apresentá-los ao público brasileiro, num trabalho que se denominará "Os indígenas do Rio Uruguai". Os dois primeiros e mais antigos livros sobre o Rio Grande do Sul, que se dividirá em quatro partes: Introdução e aná-

lise; Minha viagem para junto dos indígenas do Rio Uruguai (o primeiro livro); Minha Vida Com os Indígenas em São Miguel e São João Batista (Segundo livro) e Comentários e esclarecimentos". A obra já se acha concluída devendo ser dada à publicidade em futuro próximo.

Depois de uma rápida pausa, o dr. Hoffmann Harnisch prossegue em sua palestra com a reportagem, — acrescentando:

— "Espero ainda, no corrente ano, apresentar um outro trabalho da minha autoria, intimamente ligado à vida rio-grandense. Trata-se de uma obra mais fotográfica, documentária, que se intitula — "Rio Grande do Sul — Arte dos Indígenas e Jesuítas, os Agorianos, Portugueses e Brasileiros, de 1690 a 1890". Essa obra reunirá cerca de 300 fotografias, confeccionadas por meu filho. A parte literária será editada em três línguas: português, espanhol e inglês, afim de torná-la acessível a tôdas as repúblicas americanas e destarte, despertar o turismo das Américas para êste recanto de verdadeira importância cultural panamericana. Embora tenha, com esta obra, chegado ao término de meus trabalhos no Estado, pois pretendo seguir viagem para o Rio dentro em breve, não significa, entretanto, que haja concluído os meus trabalhos sobre o Rio Grande do Sul. Espero, ainda, visitá-lo inúmeras vezes, pois que tenho, aqui numerosos e bons amigos os quais jamais esqueerei. O Rio Grande está em definitivo,

intimamente ligado não só ao escritor e cientista, como ao homem e ao coração”.

(Noticiário extraído do “Correio do Povo” e “Fôlha da Tarde”).

Virgilio Varzea

Em um sanatório da Gávea, onde se achava em tratamento, faleceu um escritor que deu ao Brasil belas páginas impressionistas dos nossos costumes, principalmente da vida dos nossos marinheiros, o Sr. Virgilio Varzea. A obra literária por êle deixada não é pequena e mereceu sempre da crítica o melhor acolhimento. Viveu 78 anos, escrevendo e ensinando.

Nascido na praia de Canavieira, ao nordeste da ilha de Santa Catarina, a 6 de janeiro de 1863, desde criança integrou-se na vida do mar gravando no espírito as impressões que mais tarde serviriam para a composição de uma obra literária única na espécie e superior a quinze volumes.

Filho do capitão de navio, João Barbosa Varzea e de D. Julia Maria Alves Brito, senhora descendente de uma linhagem de marujos, tinha no sangue a hereditariedade marinheira que iria qualificar seu modo de escrever. Crescendo a bordo de brigues e galeiras comandados pelo pai, recebeu educação maruja antes das primeiras letras, que se fez na antiga Destêrro, hoje Florianópolis, juntamente com Cruz e Souza, o poeta negro que foi seu condiscípulo desde as primeiras letras.

Vindo para o Rio, aquí foi ma-

triculado no Colégio Naval, cujo curso não terminou, ao tempo do Ministro Almirante Pereira Franco, desviado pela vida literária desta Capital. Foi quando iniciou a carreira jornalística, interrompida várias vezes por engajamentos em veleiros estrangeiros, a cujo bordo correu os oceanos Atlântico e Indico.

Perdendo o pai, voltou para Destêrro, onde renovou a camaradagem com Cruz e Souza, já então voltado inteiramente para as preocupações poéticas. Os dois fundaram um jornal no qual apareceram numerosos prosadores e poetas novos.

Quando da transição do Império para a República, o Sr. Virgilio Varzea encontrava-se novamente nesta Capital, como redator da “Cidade do Rio”, com José do Patrocínio e do “Diário de Notícias”, com Ruy Barbosa, colaborando ainda, mais tarde, ativamente na “Gazeta de Notícias”, no “O País”, e no “Correio da Manhã”, além de um periódico estadual.

Em Santa Catarina publicou seus livros de estréia, “Traços Azues”, versos e “Tropos de Fantasia”, contos de colaboração com Cruz e Souza, mas foi no Rio de Janeiro que editou a maior parte da sua obra, constante do seguin-

te: "Rose Castle", novela; "Mares e Campos", contos; "Contos de amor". "George Marcial", romance da política e da sociedade do fim do Império; "A ilha de Santa Catarina", estudo de geografia humana, predecessor dos trabalhos do gênero agora tão comuns; "Histórias rústicas", contos; "A noite de Paladino", novela; "Os argonautas", "O brigue Flibusteiro", romance sobre a ilha da Trindade e "Nas ondas".

Muitos dos trabalhos do Sr. Virgílio Varzea, como "Bois chucros", constituíram páginas verdadeiramente notáveis. Outros foram traduzidos em várias línguas, como o "Natal no mar", que a Sra. Selma Lagerlöf, escritora suêca, enfeixou na coleção que organizou como sendo os melhores contos latinos que já lera.

Além disso, o extinto deixou numerosos e interessantes estudos de história e geografia, sempre

preferindo motivos brasileiros e especialmente de sua terra natal. Ultimamente escrevia as memórias de sua vida literária, quando foi colhido pela enfermidade que o prostrou, quasi aos oitenta anos.

O Sr. Virgílio Varzea, que dedicou dezenas de anos à causa da instrução pública, nesta Capital, como orientador do ensino, deixou viúva, D. Euridice de Vasconcelos Varzea e os seguintes filhos Professor e escritor, Afonso Varzea, jornalista Paula Varzea, João Varzea, Raul Varzea, Julio Varzea, D. Heloiza Varzea Preuss, Arthur Varzea e George Varzea.

Seu enterro realizou-se no Rio de Janeiro, saindo o féretro da capela de Santa Teresinha, no Túnel Novo, para o cemitério de S. João Batista, com grande acompanhamento.

O féretro foi coberto de coroas de flores naturais.

Monumento a Euzébio de Oliveira

Com a presença do Sr. Carlos de Souza Duarte, Ministro interino da Agricultura, do General Candido Rondon, do Prof. Leitão da Cunha, Reitor da Universidade do Brasil, diretores e altos funcionários do Ministério da Agricultura, realizou-se, no Rio de Janeiro, à Avenida Pasteur, 404, a solenidade de inauguração da erva mandada erigir pelo Governo em homenagem ao notável cientista patriótico Auzébio de Oliveira, ex-di-

retor do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil.

A cerimônia foi iniciada com o discurso do engenheiro Luciano Jaques de Moraes, Diretor Geral do D. N. P. M., que enalteceu a obra do grande geólogo brasileiro.

A viúva Euzébio de Oliveira descerrou, em seguida, a bandeira nacional que cobria o busto.

Falou depois o Dr. Mello Leitão, como representante da Aca-

demia Brasileira de Ciências, fundada por Euzébio de Oliveira, que também foi um dos seus presidentes.

Por último, usou da palavra o

geólogo Aníbal Alves Bastos, Diretor da Divisão de Geologia e Mineralogia, tendo discorrido sobre os valiosos trabalhos deixados pelo eminente cientista.

Regiões geoeconômicas do Brasil

Das regiões geoeconômicas em que o Brasil ficou dividido, depois do inquérito realizado em 1939 pelo Conselho Técnico de Economia e Finanças, a mais importante é, sem dúvida, a região denominada Sudeste, que abrange os Estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Distrito Federal e São Paulo. Essa região é a maior produtora de café, concorrendo com 92 % da produção total do país, algodão em rama 64%, carnes 51%, laranjas 88% e bananas 69 %. Trata-se, na realidade, do centro irradiador da economia nacional, servido pelos dois portos principais do Brasil, que são os do Rio e Santos, e dotado do melhor sistema rodoviário e ferroviário do país.

A Secretaria do Conselho Federal de Comércio Exterior ao fazer o confronto dos dados do comércio exterior do Brasil nos nove primeiros meses do biênio 1940-41 salienta que essa região em 1940, representou 64 % da exportação total do país, percentagem essa que em 1941 se elevou para 66%. Na pauta de importação, o Sudeste aparece com 84 % em 1940 e 86 % em 1941. Essas percentagens

bastam para evidenciar a importância dessa região geoeconômica brasileira.

Nessa região, a unidade federativa de maior movimento na importação é o Distrito Federal, por onde se faz quasi todo o movimento do comércio externo do grande Estado de Minas Gerais, que não tem saída para o mar. Dêsses dois portos do Sudeste, é o do Rio o que mais importa e o de Santos o que mais exporta.

Nos nove primeiros meses de 1940 a importação feita pelo porto do Rio representou 42 % do valor da importação total do país, e em 1941 essa percentagem se elevou surpreendentemente para 45%. Quanto à exportação por esse mesmo porto, ela correspondeu a 12% do valor total dos três primeiros trimestres de 1940, contra 15 % em igual período do ano em curso.

Só o Estado de São Paulo correu com 50 % do valor da exportação total dos nove primeiros meses de 1940, e embora o valor de sua exportação se tenha elevado em 1941, essa percentagem caiu para 49 %, dado o grande au-

mento da exportação de outros Estados.

Logo depois da região sudeste, aparece em importância econômica a região Nordeste, abrangendo os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. É o maior centro produtor de açúcar do país. Suas vias de comunicação ainda são, no entanto, deficientes, predominando as rodovias. Embora ocupe o segundo lugar em importância econômica, distancia-se muito da região Sudeste, pois concorre com apenas 15% para a exportação total do país e participa com 6 a 7% da importação.

A terceira região em importância econômica é a denominada Sul, a qual compreende os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Essa zona absorveu nos nove primeiros meses de 1940 7% do valor da importação e 6% em 1941. Para a exportação sua contribuição foi de 14% até setembro de 1940 e 12% em igual período de 1941.

Nessa região é o Estado do Rio Grande do Sul que detém a liderança, tanto na importação como na exportação, participando com 5% a 6% da primeira e concorrendo com 8 a 10% para a última. O movimento do comércio exterior dessa zona teve de decrescer consideravelmente, de janeiro a setembro de 1941, devido sobretudo à falta de linhas de navegação.

Segue-se na ordem da maior importância econômica a região Norte, que é a que cobre maior

extensão territorial do Brasil, pois é constituída dos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí e Território do Acre. Economicamente, porém, representa só 1% a 2% da importação total e 6% a 7% da exportação. É uma região pobre de estradas-de-ferro e de rodovias, tendo, no entanto, a vantagem de ser servida pela bacia Amazônica. Dêsse grupo de Estados, destaca-se o Pará, que absorveu mais da metade da importação total da região, de janeiro a setembro de 1940-41, e contribuiu com aproximadamente 1/3 da exportação por ela feita no referido período.

Por último, vem a região denominada Central, também de grande extensão territorial, mas de densidade de população mínima; de difícil acesso à costa e de riquezas naturais praticamente inexploradas. Compreende os Estados de Mato Grosso e Goiás. As estatísticas dessa região quasi se referem somente ao Estado de Mato Grosso, visto o comércio de Goiás se processar pelos portos do Pará, Bahia, Mato Grosso e São Paulo. Contribue para o movimento de importação e exportação do Brasil com percentagens inferiores a 1/2%.

São cifras essas que provam a grande oportunidade da campanha iniciada em prol do desenvolvimento das nossas regiões geoeconômicas menos favorecidas e da necessidade da imigração das populações para o interior do país.

Instituto Brasil-México

Com o objetivo de assentarem as bases de uma associação capaz de trabalhar eficientemente pela aproximação cada vez maior, entre o México e o Brasil, reuniram-se, no Rio de Janeiro, brasileiros e mexicanos dispostos à concretização dessa idéia.

Efetou-se a reunião em um dos salões da Embaixada do México gentilmente oferecido, para o ato, pelo sr. Embaixador José Maria Davila.

Inicialmente, usou da palavra o sr. Embaixador José Maria Davila, que solicitou do Sr. Leonardo Truda aceitasse a missão de dirigir os trabalhos da reunião.

O Sr. Leonardo Truda agradeceu a delegação que acabava de receber e pôs em evidência a elevação dos intuitos que, naquele momento, congregavam brasileiros e mexicanos. Em seguida, deu a palavra ao Sr. Alvaro Palmeira, que discorreu sobre a finalidade da reunião, propondo, depois, se manifestassem os presentes a propósito dos três seguintes pontos: — declaração formal da fundação; — título da associação; e diretoria provisória.

Falaram, então, sucessivamente, os Srs. Ministro Pacheco de Oliveira, Erasmo de Lima, Marechal Uchoa Cavalcanti, Morais Coutinho, Eduardo Tourinho, Martins Sampaio e Silvio Corrêa de Brito. O último propos fôsse a novel associação denominada "Instituto

Brasil-México", por entender que esse título abrangia tôdas as modalidades de intercâmbio, relativamente aos dois países.

Sob os aplausos gerais, deliberou-se considerar fundado, o "Instituto Brasil-México" e constituiu-se uma Comissão para redigir os estatutos respectivos a serem proximamente aprovados. Integram a referida Comissão os Srs.: Ministro Pacheco de Oliveira, Dr. Morais Coutinho, Dr. Alvaro Palmeira, Dr. Mario Kroeffer, Dr. Salvador Martinez Mercado e Dr. Fernando Lazarde, sob a presidência do Dr. Leonardo Truda, que teve o seu nome aclamado para esse posto.

Foi ainda aprovada proposta do Coronel Dilermano de Assis, no sentido de ser dado conhecimento da fundação do Instituto aos Srs. Presidentes das Republicas do Brasil e do México, bem como aos Srs. Ministros das Relações Exteriores de ambos os países.

Lido um telegrama do Sr. Herbert Moses, pedindo fôsse considerado presente à reunião, falou o Sr. Embaixador José Maria Davila, que manifestou sua intensa alegria pelo empreendimento naquela ocasião iniciado e opinou a sua certeza na grande influência dêsse movimento para a obra de maior aproximação entre brasileiros e mexicanos.

Centenário da Revolução de 1842 e da ação pacificadora de Caxias

No gabinete do Sr. Lourival Fontes, Diretor Geral do D. I. P., realizou-se, uma reunião da Comissão Organizadora dos Festejos Nacionais Comemorativos da Pacificação do Movimento de 1842 pelo grande soldado e patriota que foi mais tarde, elevado à dignidades de Marechal e Duque de Caxias. Estiveram presentes os Srs. Lourival Fontes, Luiz Simões Lopes, Tenente-Coronel Afonso de Carvalho, Gustavo Barroso, Paulo Filho, Peregrino Junior, Cypriano Lage, Candido Motta Filho e Ciro dos Anjos tendo justificado sua ausência os demais membros da comissão.

Abrindo os trabalhos, o Sr. Lourival Fontes declarou que era necessário que fôsse esboçado, desde logo, o programa geral das comemorações afim de que pudessem ser organizadas diversas sub-comissões, para melhor distribuição do trabalho.

Cada um dos presentes ofereceu uma série de sugestões e alvitre sendo, afinal, estabelecido o programa geral dos festejos, que se decidiu fôsse iniciado no mês de junho e prosseguisse em julho e agosto, para encerrar-se no dia da Pátria, a 7 de setembro, com o discurso do Sr. Presidente da República.

O programa geral ficou assim estabelecido:

1.º — Exposição evocativa da figura de Caxias e das personali-

dades políticas que participaram do movimento de 1842, a se realizar no Rio de Janeiro.

2.º — Conferência sobre a significação nacional da ação pacificadora de Caxias, inaugurada com a dominação do movimento de 1842 em São Paulo e Minas.

3.º — Concurso de monografias e estudos sobre a ação de Caxias e a unidade nacional, abrangendo o movimento de 1842, o dos Farrapos e da Balaiada ou, ainda, a questão religiosa, por êle encerrada quando Ministro do Império. Concurso de peças de teatro, sobre a Revolução de 1842, salientando a missão pacificadora de Caxias, sendo a obra premiada levada à cena com o patrocínio do governo.

4.º — Realização de filmes cinematográficos sobre as cidades paulistas e mineiras ligadas a Revolução de 1842 e contendo a resenha histórica dos acontecimentos.

5.º — Realização de desfile comemorativo pela Juventude Brasileira e sociedades esportivas.

6.º — Comemorações locais, no Estado do Rio, São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul e Maranhão, nas cidades que ficaram assinaladas na história por feitos memoráveis de Caxias. Inauguração da estátua do grande soldado na capital paulista.

7.º — Transferência da estátua do Duque de Caxias do local em

que se encontra para o que lhe foi destinado, em frente ao Ministério da Guerra, com solenidade pública em que será prestada homenagem à memória do Pacificador.

8.º — Concurso escolar sobre Caxias e leitura didática em todas as escolas primárias e técnico-profissionais, durante o ano de 1942, sobre a Revolução de 1842 e o papel de Caxias na pacificação do país e na consolidação da ordem e da unidade nacional. Inclusão nos programas de História do Brasil das Escolas Normais de todos os Estados de um ponto especial destinado ao estudo da Revolução de 1842, suas origens e consequências.

9.º — Cunhagem de moedas e impressão de selos comemorativos da Revolução de 1842.

10.º — Realização de festividades públicas, parada militar com a reconstituição dos uniformes do Exército na época de Caxias.

11.º — Publicação de documentos históricos sobre a Revolução de 1842. Reedição do livro do Cônego Marinho.

12.º — Realização de missa campal destinada a comemorar a pacificação religiosa da família brasileira pelo Duque de Caxias.

13.º — Colocação de padrões comemorativos da ação de Caxias nos lugares onde se feriram as mais importantes ações da campanha de 1842.

Depois de animado debate sobre as comemorações nos Estados, ficou estabelecido que as solenidades marcantes, nas cidades do in-

terior, independente de outras comemorações a serem efetuadas nos demais locais, fossem realizadas em Santa Luzia (Minas), Campinas (São Paulo), Caxias (colocação do marco no novo município fluminense), Caxias (Maranhão) e Bagé (Rio Grande do Sul), esta última escolhida por ser o lugar onde o Pacificador recusou um "Te-Deum" pela vitória das suas armas, declarando que preferia comparecer a uma missa de Finados, pela alma de todos os brasileiros que haviam morrido nas lutas fratricidas do Sul.

O Sr. Peregrino Junior sugeriu que se efetuasse propaganda através dos jornais e publicações infantis no sentido de despertar, para as comemorações, o interesse da juventude. O Tenente-Coronel Affonso de Carvalho declarou que as festividades comemorativas em todos os Estados, terão a participação do Exército, o Sr. Ciro dos Anjos declarou que o governo de Minas vai auxiliar a Prefeitura de Santa Luzia a concertar a estrada que leva ao alto Tamanduá, onde esteve instalado o Q. G. de Caxias, e ao povoamento da Lapa. Sugeriu, ainda, que fosse solicitada pela comissão a cooperação do serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, afirmando que seja completada a restauração da casa onde esteve instalado o quartel dos revolucionários, visto não se achar a mesma em condições de receber visitas.

Passou-se então, à organização das subcomissões, que ficaram assim distribuídas:

Coordenação — Lourival Fontes, Gustavo Barroso e Cypriano Lage.

Orçamento — Luiz Simões Lopes, Queiroz Lima e Lourival Fontes.

Publicações — Comandante Braz Velloso, Tenente-Coronel Affonso de Carvalho, Cypriano Lage, Paulo Filho e Lourival Fontes.

Conferências — Lourival Fontes, Tenente-Coronel Affonso de Carvalho, Comandante Braz Velloso e Cypriano Lage.

Exposição — Gustavo Barroso e Alcindo Sodré.

Comemoração em Minas — Ciro dos Anjos.

Comemoração em São Paulo — Candido Motta Filho.

Comemoração no Rio Grande do Sul — Luiz Simões Lopes.

Comemoração no Maranhão — Viriato Correia.

Comemoração no Distrito Federal — Comandante Braz Velloso, Tenente-Coronel Affonso de Carvalho e Peregrino Junior.

Teatro — Viriato Correia e Gustavo Barroso,

Cinema — Peregrino Junior e Viriato Correia.

Escultura — Comandante Braz Velloso, Gustavo Barroso e Alcindo Sodré.

Parte educacional — Peregrino Junior e Paulo Filho.

Selos de Caxias, sêlo comemorativo, medalhas e carimbos — Tenente-Coronel Affonso de Carvalho, Luiz Simões Lopes e Peregrino Junior.

Organizadas as subcomissões e discutidas as linhas gerais da ação das mesmas foi, em seguida, encerrada a reunião.

Instituto de Geografia e História Militar do Brasil

Reuniu-se em assembléia geral para leitura do relatório do Presidente no biênio 1939-1941 o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Após a leitura dessa resenha de trabalhos, por proposta da Diretoria que finda seu mandato, a casa em sua unanimidade, elegeu sócios beneméritos pelos relevantes serviços prestados ao Instituto na sua difficilima fase inicial os Srs. Ministro Gustavo Capanema, Ministro Ataúlfo de Paiva e generais Parga Rodrigues e Meira de Vasconcellos, antigo e atual

presidente do Clube Militar e João Marcelino Ferreira e Silva, atual presidente do Círculo dos Officiais Reformados do Exército e Armada.

Pelo voto da assembléia geral, também ficou resolvido que os atuais Ministros da Guerra, da Marinha e da Aeronáutica, General Eurico Gaspar Dutra, Almirante Aristides Guilhem e Dr. Salgado Filho fiquem considerados presidentes honorários natos, mesmo quando deixarem os cargos que atulmente exercem.

O Instituto, em homenagem excepcional ao Sr. General Candido Rondon, seu sócio efetivo, elevou-o à categoria de sócio benemérito pelos notáveis serviços prestados no setor das atividades culturais a que se dedica o mesmo Instituto.

Sendo a data do dia dessa reunião marcada pelos Estatutos para renovação dos cargos dirigentes, procedeu-se em seguida à eleição, sendo vencedora por quasi unanimidade, a seguinte chapa: Presidente, General Benicio de Silva; vice-presidente, General Emilio Fernandes de Souza Docca; 1.º secretário, Coronel Luiz Lobo; 2.º secretário, Cap. Severino Sombra de Albuquerque; 1.º tesoureiro, 1.º Tenente Humberto Peregrino; 2.º tesoureiro, Cap. Adailton Pirassununga; Bibliotecário, Major Jonathas de Moras Corrêa.

Comissão de Geografia e Cartografia — General Tasso Fragoso, Almirante Henrique Boiteux e Coronel F. Paula Cidade.

Comissão de História Militar — Coronel Genserico de Vasconcellos, Comandante Didio I. Costa e Tenente-Coronel Leoncio Ferraz.

Comissão de Heráldica e Medalhística — Tenente-Coronel Jonathas de Morais Corrêa, Comandante Lucas Boiteux e Tenente Egon Prates.

Comissão de Iconografia e Armas Antigas — Tenente-Coronel Garrastazú Teixeira, Comandante Cesar Xavier e Coronel Jaguaripe de Mattos.

Comissão Fiscal — General Lima Mindello, Almirante Nogueira da Gama e Coronel Damasceno Vieira.

Comissão de Admissão de Sócios — Coronel Alvaro Otavio de Alencastre, Comandante Raja Gabaglia e Manoel Humberto Castello Branco.

Comissão de Redação das Publicações do Instituto — General Souza Docca, Comandante Frederico Villar e Tenente-Coronel Lima Figueiredo.

Centro Dom Vital

Na sessão comemorativa do aniversário da morte de Jackson de Figueiredo, realizada no Centro Dom Vital, no Rio de Janeiro foi anunciado o veredicto da Comissão Julgadora encarregada de escolher a melhor obra literária aparecida no ano, sob o ponto de vista da renovação do espírito cristão nas letras. A obra premiada foi "Itinerário", de Armand Máz Leite, o malogrado escri-

tor falecido, não há muito em Belo Horizonte. Tratando-se, de uma obra póstuma, resolveu a Diretoria do Centro, que a importância do prêmio, dois contos de réis, fosse aplicada na publicação das poesias e versos inéditos do mesmo autor, que dessa forma terá seu nome duplamente consagrado.

Esse novo livro aparecerá brevemente editado em Belo Horizonte.

Heróis de Laguna e Dourados

O Governo graças à iniciativa do Sr. Presidente Getúlio Vargas, resgatou em 15 de novembro uma dívida, trazendo para o Monumento, erguido nesta capital, com toda a solenidade e imponência, as cinzas dos heróis de Laguna e Dourados.

Prestando à Pátria um serviço relevante, com bravura e estoicismo, o Coronel Camisão e seus denodados companheiros escreveram, com seu sangue, uma página gloriosa na História da nacionalidade. Heróis de uma retirada, que é um exemplo admirável de estoicismo e de fibra os bravos soldados mereceram, assim, o culto de todos os seus concidadãos. A cerimônia realizada, na Praia Vermelha, sob a presidência do Sr. Getúlio Vargas, teve, dessa forma, uma grande significação. O Exército, de tão altas e tão nobres tradições, ali estava representado pelas suas mais destacadas figuras, rendendo ao Coronel Camisão e a todo o púgilo de bravos, seus companheiros, a manifestação da sua lealdade e da sua veneração.

A praça General Tibúrcio, onde se acha o Monumento que o

Governo mandou erigir em honra aos heróis de Laguna, apresentava um aspecto festivo. Todos os colegios oficiais e particulares, unidades do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, escoteiros, delegações da Escola Naval e Militar, associaram-se ao ato, formando, no jardim da praça, em guarda ao derradeiro túmulo dos soldados-heróis.

O Chefe do Governo esteve na Praia Vermelha, sendo recebido pelo Sr. General Eurico Dutra, Ministro da Guerra, todo o Ministério e outras altas autoridades, civis e militares. Ouve-se o Hino Nacional, ao mesmo tempo que as baterias salvam. Logo após, em carretas do Batalhão de Guardas, chegaram as urnas que foram retiradas pelos cadetes.

Uma a uma, as urnas foram colocadas sobre uma mesa, em frente à Cripta, enquanto toda a tropa apresentava armas, ao som dos Hinos da República e da Independência. O Arcebispo de Cuiabá, D. Francisco Aquino Corrêa, proferiu então uma oração, exaltando o feito dos heróis de Laguna e Dourados.

Para um livro sobre os Estados-Unidos

A União Cultural Brasil — Estados-Unidos, com sede em São Paulo, e destinada a promover um estreito intercâmbio espiritual en-

tre o nosso país e a grande República americana, organizou um concurso literário destinado a escolher o melhor livro escrito

no Brasil sobre os Estados- Unidos, havendo uma distribuição de prêmios em dinheiro e menções honrosas aos primeiros classificados. Esse concurso vem despertando o maior entusiasmo nos nossos meios culturais, sendo numerosos os escritores brasileiros que se vão inscrever. As condições do concurso são as seguintes:

Prêmio: 1.º — 3:000\$000; 2.º — 1:500\$000; 3.º — inscrição gratuita como sócio remido da União Cultural Brasil - Estados - Unidos; 4.º — coleção de 20 livros norte-americanos no valor de 800\$000. O prazo para a inscrição na secretaria da União vai até o dia 30 de junho de 1942. As condições para o concurso são as seguintes:

1 — Prazo para inscrição, na secretaria da União: até 30 de junho de 1942.

2 — A obra deverá ser inédita e escrita em português, sendo o assunto de livre escolha do concorrente.

3 — O julgamento será feito por uma comissão de escritores nacionais, escolhida pela diretoria.

4 — Não haverá recurso das decisões da comissão homologadas pela diretoria.

5 — Os originais deverão ser entregues, dactilografados, em duas vias, grampeados, em espaço duplo, papel de tamanho carta, em 200 páginas no mínimo, com indicação do pseudônimo. Dentro do envelope fechado e marcado por fora com o pseudônimo, deverá ter uma folha de papel com todos os dados sobre a identidade do concorrente, nome, nacionali-

dade, idade, profissão, endereço e pseudônimo.

6 — A comissão poderá classificar, em caso de empate, mais de um livro num mesmo prêmio, mas, deverá fazer tudo para que tal não se dê.

7 — Uma vez aceito pela comissão, o autor automaticamente, autoriza a União Cultural Brasil-Estados- Unidos a fazer uma edição da obra, de 4.000 exemplares, independentemente de qualquer pagamento de direitos autorais ou porcentagem.

8 — A União Cultural garantirá os direitos do autor sobre o livro, cabendo ao premiado só da 2.ª edição em diante, 10% sobre o preço da venda, exceto sobre os exemplares doados a bibliotecas, até o máximo de 500.

9 — A União Cultural se reserva o direito de prioridade para contratar com o autor a tradução da obra para o inglês e espanhol.

10 — O autor premiado em 1.º lugar tem o direito de encaminhar, por intermédio da diretoria e sem responsabilidade financeira desta, mas, com todo apóio moral, um pedido de uma bolsa de estudos nos Estados- Unidos da América do Norte.

11 — Quaisquer dúvidas serão resolvidas pela diretoria.

12 — Nenhum candidato terá direito a qualquer indenização pela não classificação de sua obra.

13 — A comissão poderá conceder menção honrosa (5.º prêmio) com sugestão para publicação da obra.

14 — A União Cultural sómen-

te se obriga a editar as obras classificadas em 1.º e 2.º lugar, tendo opção, nas condições acima, para a edição das demais classificadas.

15 — Nenhum autor terá direito a restituição de originais a não

ser uma só via, depois de anunciado o julgamento do concurso.

16 — Qualquer esclarecimento poderá ser solicitado verbalmente, ou por carta, na secretaria da União Cultural.

D. Júlia Lopes de Almeida

Foi inaugurada na herma da insigne escritora D. Julia Lopes de Almeida, no Passeio Público, a placa de bronze para esse fim enviada pela "Asociacion Cultural Argentino-Brasileira Júlia Lopes de Almeida", de Buenos Aires, e da qual foi portadora a Dra. Adalzira Bittencourt.

Ao ato compareceram, além de muitas senhoras, o Embaixador da República Argentina, Sr. Eduardo Labougle; o presidente da Academia Brasileira de Letras, Sr. Levi Carneiro, outros membros da ilustre companhia; diretores do Centro Carioca, numerosos homens de letras e jornalistas, e ainda amigos da família Filinto de Almeida.

Em nome da Academia Brasileira proferiu o seu presidente as seguintes palavras:

A Asociacion Cultural Argentino-Brasileña Júlia Lopes de Almeida, de Buenos Aires, solicitando à Academia Brasileira de Letras que fizesse colocar, no pedestal da herma de sua patrona, a bela placa de bronze, que vamos inaugurar — deu a esta homenagem, por si mesma bem expressiva, alto sentido de confraternização internacional, de comunhão intelectual das duas maiores na-

ções da América Meridional no culto de uma das mais nobres personalidades de nossa literatura.

Cada uma dessas circunstâncias, por si só, seria suficiente para justificar a emoção jubilosa com que a Academia assumiu o encargo e dêle se desincumbe.

Tanto se lhe tem censurado certo critério restritivo, adotado na formação do seu quadro social, que bem lhe vale o presente ensejo de reafirmar que essa determinação não significa a negativa, ou, sequer, o desconhecimento, da capacidade literária da mulher brasileira.

Bastaria para comprová-la este só exemplo, esta grande e forte escritora, contista, novelista, romancista admirável. Nem é, de certo, um exemplo isolado, mas, acaso terá sido o primeiro cronologicamente e, ainda hoje, será o maior.

Júlia Lopes de Almeida — assim a designamos os que não tivemos a fortuna de a conhecer, ao passo que, num contraste muito significativo, os que com ela conviveram, mesmo agora não a chamam senão "Donz Júlia" — Júlia Lopes de Almeida destruiu, para sempre, tôdas as prevenções que, até o seu tempo, acolhiam

as atividades literárias da mulher brasileira. Aliou o encanto e a doçura, que lhe são peculiares, aos melhores dotes do escritor — dotes de observação, de idealização, de expressão. E mostrou como a aptidão literária não pretere a função peculiar da mulher nas sociedades bem organizadas — a um tempo realizando a sua obra literária imorredoura e construindo um lar, hoje imerso na saudade da sua ausência, cultivada pelo poeta exímio que lhe foi companheiro devotado, e por uma descendência ilustre, de variadas e notáveis aptidões artísticas.

Por tudo isso, ante sua effigie, podemos repetir-lhe alguns dos belos versos em que teve expressão essa mesma saudade:

“Tua imaginação nos deu beleza

E bondade, e ternura, e luz,
e amor.”

Em seguida o Sr. Embaixador da Argentina e o Sr. Levi Carneiro arredaram as bandeiras dos dois países que encobriam o preito das intelectuais argentinas à nossa ilustre romancista.

Usaram depois da palavra: o Sr. Cláudio de Souza, da Academia Brasileira e presidente do P. E. N. Club do Brasil, que, em nome desta associação internacional de escritores, recordou a glória de D. Júlia e rendeu homenagem ao poeta seu marido; a Sra. Iveta Ribeiro, presidente do Club das Vitória-Régias, que entregou à declamadora e escultora Margarida Lopes de Almeida magnífica palma florida, para que a depusesse junto ao monumento de sua mãe, e por fim, em singelas e comovidas frases, o Sr. Filinto de Almeida, para agradecer, em seu nome e no de seus filhos, tôdas aquelas homenagens à memória da grande brasileira.

D. Pedro II

A Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro comemorou solenemente o cinquentenário da morte do seu inolvidável sócio grande benemérito, Sr. Dom Pedro II.

Na Igreja de S. Francisco de Paula, largo de S. Francisco, atendendo à solicitação feita pelo Presidente do Instituto Histórico, celebrou missa Sua Eminência o Sr. Cardeal-Arcebispo D. Sebastião Leme, também sócio do Instituto Histórico.

Depositaram flores no túmulo de D. Pedro II, no Panteon, os diretores do Instituto Histórico, que para isso seguiram incorporados para Petrópolis.

Por delegação da Sociedade Reverência à Memória de D. Pedro II, a Santa Casa da Misericórdia fez celebrar, em sua igreja, exéquias solenes por alma do ex-imperante, saudosa homenagem daquela Sociedade que, “ad perpetuum” será prestada pela pia instituição.

Realizou-se no Instituto Brasileiro de Cultura, a sessão consagrada à memória do Imperador D. Pedro II, à qual affluir numerosa assistência, composta de homens de letras, políticos e personalidades do nosso meio social. Achando-se ausente o Sr. General Souza Docca, presidente do Instituto, e não podendo comparecer por motivo de força maior, o Dr. Mello Vianna, seu vice-presidente, a sessão foi presidida pelo 1.º Secretário, Américo Palha.

Estiveram presentes, S. A. Imperial D. Pedro, os Srs. Embaixador da Venezuela e a Sra. Sardi, Thadeu Skowronski, Ministro da Polônia; Enrique Arroyo, Ministro do Equador; Ministro J. R. Macedo Soares e senhora, a Marquesa de Barral Montferrat, Condessa de Gontu-Biron, Viscondessa de Odivellas, Srs. Hugo Napoleão, Alvaro de Teffé, João Mello Franco e senhora, Victor Santos e senhora, Candido Guimarães, e Sras. Helena Borges, Sylvia Prates, Alma Rizzo, José Cortez e outros.

Usaram da palavra, apenas dois oradores, o Sr. Affonso Bandeira de Mello e o Sr. Paulo Filho, que falaram respectivamente sobre a attitude do Imperador em face do movimento abolicionista e ante a propaganda republicana.

O Sr. Bandeira de Mello, apoiando-se nos documentos trazidos à luz pelo Sr. Wanderley do Pinho, extraídos dos arquivos do Barão de Cotegipe e do Visconde de Itaboraí, pôs em relêvo a constante preocupação do Imperador, de pôr

termo à escravidão no Brasil, por cuja instituição sempre manifestou a mais profunda repugnância. Valendo-se da opinião de historiadores da autoridade do Sr. Affonso de Taunay, contestou o ponto de vista sustentado por alguns escritores, de que a coroa havia influenciado para a procrastinação da data da emancipação dos escravos, quando ao contrário, Dom Pedro II não cessava de estimular seus ministros para suprimir tão degradante instituição que aviltava o Brasil em face do mundo civilizado. Rendeu homenagem a Ruy Barbosa e a Joaquim Nabuco, que tão grande parte tomaram no movimento abolicionista. Citou a opinião do Sr. Embaixador Ramon Carcano, que, em artigo recentemente publicado na "La Nacion" de Buenos Aires, traçara o magnífico perfil do Imperador, que soube, com os seus ministros, fazer do Brasil, a nação mais poderosa da América do Sul, que, por ocasião da guerra do Paraguai, havia alcançado o zênite. Como príncipe reinante, D. Pedro II "jamais calcara as leis e ofendera os sentimentos democráticos do seu povo", no dizer do grande pensador argentino.

Concluindo, disse o Sr. Bandeira de Mello: "a grandeza das nações resulta do valor dos seus homens e o Imperador foi inquestionavelmente no Brasil, um dos melhores fatores de sua grandeza e um dos mais altos expoentes da sua formação moral."

O Sr. Paulo Filho começou falando do elevado conceito em que

era tido o Imperador entre os sábios e os artistas do seu tempo, desfrutando o respeito e a admiração de Darwin, Agassiz, Victor Hugo e outros. Referiu-se, em seguida, ao espírito de tolerância com que S. M. encarou o movimento republicano no Brasil, de que resultou a queda das instituições monárquicas. O Sr. Paulo Filho acentuou, entretanto, que, no domínio da moral, o Imperador era

o mais exigente e o mais severo dos chefes de Estado, jamais transigindo com os deshonestos e prevaricadores, dando assim um exemplo de moral pública e de proba administração. Faz elogio da alta cultura do soberano, da sua larga compreensão dos problemas políticos e da sua profunda bondade, qualidade que fizeram dele o Marco Aurélio dos tempos modernos.

Centro de Pesquisas Educacionais

Foi iniciado, no Serviço de Divulgação da Secretaria Geral de Educação e Cultura, do Distrito Federal, mais um Curso de Aperfeiçoamento do Centro de Pesquisas Educacionais.

De acordo com o plano recentemente aprovado pelo Sr. Secretário Geral de Educação e Cultura o objetivo essencial do referido Curso consiste na divulgação de processos de apreciação de nível mental e de caráter corretivo de certas deficiências escolares.

O Curso será realizado pelos Srs. Dr. Pedro Pernambuco Filho, Chefe do Serviço de Ortofrenia e Psicologia e pelos seguintes funcionários em exercício nesse Serviço: Técnico de Educação Ofélia Boisson Cardoso, Dr. Cláudio Mesquita de Azevedo e Dr. José de Paula Chaves. Prestará também sua colaboração ao Curso o Dr. André Ombredane professor de Psicologia Experimental da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

O Curso desdobrou-se em dois períodos: o primeiro composto de 8 aulas, realizado de 3 a 19 de dezembro inclusive às segundas, quartas e sextas-feiras pela Técnica de Educação Ofélia Boisson Cardoso; o segundo constante de sete aulas e algumas demonstrações práticas será iniciado no ano letivo em Março de 1942.

Foram inscritos no Curso de acordo com o plano aprovado, cem diretores de escolas, professores e funcionários entre os quais figuram os indicados pelos Srs. Diretores do Departamento de Educação Primária do Instituto de Educação, do Centro de Pesquisas Educacionais e pelas Diretoras de escolas do "campo experimental".

O Curso obedecerá ao seguinte programa.

Pela professora Ofélia Boisson Cardozo — 1-Maturidade—O Teste ABC e seus fundamentos psicológicos — Técnica de aplicação. 2 — Interpretação dos resultados obtidos por meio do teste ABC. —

A coordenação visual e auditiva motora e a aprendizagem inicial da leitura e escrita. 4 — Deficiência (do ponto de vista psicológico) mais comumente encontradas entre crianças brasileiras de 1.^a série. 4 — Fundamentos psicológicos, justificando diretrizes gerais no sentido de bem definir a atitude inicial do professor diante de um grupo de primeira série. 5 — A sentencição bem compreendida. — Processos analíticos e globais. — Síntese e análise na aquisição da técnica de ler e escrever. 6 — O 1.^o contacto com as vogais — seu papel. — As consoantes. Objetividade do ensino. Atividades manuais. Ginástica articulatória Euritmia e Rudolf Steiner. 7 — A “escrita ao espelho”. Como corrigi-la. Deslexia de evolução. — Processo corretivo. 8 — Deficiência decorrentes de falhas no ensino inicial. — A inteligência

(testes de inteligência) e a capacidade de aprender a ler e escrever.

Pelo Professor André Ombredanne: — 1 — Testes de aprendizagem. 2 — As perturbações da linguagem na criança. 3 — Problemas pedagógicos relativos à situação dos canhotos.

Pelo Dr. Cláudio Mesquita de Azevedo: — 1 — Distúrbios orgânicos e sua influência na aprendizagem.

Pelo Dr. José de Paula Chaves — 1 — Causas da irritabilidade nos escolares.

Pelo Dr. Pedro Pernambuco Filho — 1 — Considerações sobre os testes de inteligência. — Testes coletivo de Dearborn e individual de Binet-Terman. — Demonstrações práticas sobre os referidos testes. 2 — Atitudes anômalas das crianças nas classes e causas prováveis desses desajustamentos.

Dr. Edmundo Navarro de Andrade

Faleceu em São Paulo, onde residia, o Dr. Edmundo Navarro de Andrade, nome de realce nos meios científicos e figura de destaque na nossa sociedade. Homem de cultura e rara capacidade construtiva, desde moço revelou-se um grande estudioso e um trabalhador de energia e sólido preparo, especializando-se em assuntos agrícolas. Foi Secretário da Agricultura daquele Estado, tendo prestado os melhores serviços à administração pública. Esteve várias vezes exercendo comissões de

estudos fora do Brasil e em países da África e principalmente da Ásia, estudou a questão do plantio de eucaliptos e a sua aplicação como dormentes para estradas-de-ferro. Desses estudos resultou a plantação em larga escala de eucalipto em São Paulo para o seu aproveitamento nas vias-férreas do Estado.

Esteve também na Europa e ultimamente nos Estados-Unidos, onde lhe foram prestadas grandes homenagens.

Quando o Sr. Juarez Távora es-

teve na pasta da Agricultura, chamou-o para seu colaborador direto o Dr. Navarro de Andrade como Diretor Geral do Ministério teve oportunidade de prestar a esse departamento da administração pública os mais assinalados serviços graças à sua alta capacidade. Era chefe do Serviço Florestal da Companhia Paulista de Estradas-de-Ferro e Gerente da Companhia de Agricultura, Irrigação e Colonização.

O Dr. Navarro de Andrade que era membro da Academia Paulista de Letras deixa entre outras as seguintes obras:

Dunas — Coimbra — 1904. — A Cultura do Eucalipto — São Paulo, 1909. — A Cultura do Eucalipto nos Estados-Unidos — São Paulo — 1910; Manual do Plantador de Eucaliptos — São Paulo — 1911. A Utilidade das Florestas — São Paulo — 1912. A Dinamite na Agricultura (de colaboração com H. de Carvalho e O. Vecchi) — São Paulo, 1912. — A Cultura do Café nas Índias Neerlandesas — São Paulo — 1914. — Questões

Florestais — São Paulo, 1915. — Les Bois Indigènes (de colaboração com O. Vecchi) — São Paulo — 1916. Os Eucaliptos, sua cultura e exploração (de colaboração com O. Vecchi) — São Paulo — 1918. A Volta do mundo (impressões de viagem) — São Paulo — 1920. Instruções para a cultura da juta em São Paulo — São Paulo — 1920. O reflorestamento do Brasil e a Companhia Paulista — São Paulo — 1922. O Problema Florestal no Brasil — São Paulo, 1923. Café, Juta e Borracha — São Paulo — 1923. Relatório da Comissão Técnica sobre a broca do Café (de colaboração com os Drs. Arthur Neiva e Costa Lima) — São Paulo — 1924. Instruções para o combate à broca do café (de colaboração com os Drs. Arthur Neiva e A. Queiroz Telles) — São Paulo — 1924. A Broca do Café (de colaboração com os Drs. Arthur Neiva e A. Queiroz Telles) — São Paulo — 1925. Por Aí Além (impressões de viagem) — São Paulo — 1927. O Eucalipto e suas aplicações — S. Paulo, 1928.

Xavier Marques

No tranqüillo retiro da ilha de Itaparica, defrontando com a sua Baía querida, que os seus olhos não vêem mais senão por uma projecção de alma, completou recentemente oitenta anos Xavier Marques.

O Brasil não está habituado a ver os seus intelectuais chega-

rem à idade proveta. Por isto, este aniversário vale por um centenário ilustre, e é justo que seja celebrado como o dum vitorioso. Xavier Marques não é um nome popular, mas é um nome sólido. A sua obra se inscreve **aere perennius** na nossa história literária, como um padrão de modê-

tia, de inteireza, de humanidade um pouco esquivia e pudica, porém de alta qualidade.

Não se pode falar em um humanismo brasileiro sem lembrar Xavier Marques. Ele faz figura dum homem do Século XVIII, pela sua linha discreta de absoluto, total homem de letras: um daqueles leitores, um daqueles autores de outros tempos, que meditavam quando liam e pensavam repousada e cabalmente quando escreviam.

A sua obra tem pináculos, que, só eles, já lhe garantiriam perduração ao nome. O conjunto, entretanto, é um modelo de argúcia delicada, de vida espiritual nobre, de comunicabilidade rara e fina. "Jana e Joel" é o nosso "Paulo e Virgínia": uns tocantes praierosinhos da Baía no eterno e sempre novo idílio da primeira adolescência. "Sargento Pedro", êsse é fremente de boa sensibilidade, como aquela melancólica e definitiva "Boa Madrastra", um dos mais entranhadamente sinceros e representativos dentre os romances brasileiros. Depois dessas obras excelentes é preciso mencionar "O Feiticeiro", cheio de vivaz documentário da baixa mística feiticista; "Terras mortas"; uma 2.^a série de "Praieiros" ("Jana e Joel" constituiu o 1.^o volume); "Pindorama" romance em que procurou evocar a época cabralina; "A Cidade Encantada", novelas; e ainda outras obras da mais serena ficção.

Completam o quadro dessa obra a magnífica "Arte de Escrever" (ed. Alves), obra que representa o que de mais peneirante e eleva-

do possuímos no terreno da psicologia do estilo, traçado com um requinte e uma aristocracia de intenções críticas verdadeiramente excepcionais; e ainda vários volumes de conferências e de artigos sempre duma límpida finura de alma e dum intelectualismo que nada tem de estéril e cerebrino.

Foi tabelião e deputado federal, e é acadêmico. Na realidade as funções civis e as dignidades sociais nunca representaram nada ponderável para êsse homem de letras, patriarca venerando e representativo, mas bem vivo, e produtivo, e companheiro seguro de vida do espírito.

Foram feitas diversas homenagens ao jornalista baiano e escritor brasileiro Sr. Xavier Marques, por motivo da passagem do seu 80.^o aniversário natalício.

A primeira sessão das homenagens realizou-se na Casa da Baía, no Rio de Janeiro.

Outra sessão especial se fez na Academia Carioca de Letras, instituto que lançara a idéia da comemoração. À mesa estavam, aos lados do presidente, o Sr. Ministro Eduardo Espinola e o Coronel Severiano Marques, o qual, ao fim da sessão, agradeceu as homenagens a seu irmão. Foram oradores na sessão os Srs. Affonso Costa, Asterio de Campos, Eugenio Gomes e D. Martins de Oliveira.

Ao encerrar da sessão, foi enviado ao ilustre escritor êste telegrama:

"Xavier Marques, rua Augusto Guimarães, 115-Baía. A Academia Carioca de Letras, tendo lançado

a idéia das homenagens à passagem do vosso 80.º aniversário natalício, e havendo agora realizado sessão especial com êsse motivo, apresenta saudações ao insigne escritor, incontestável glória das letras brasileiras. — Affonso Costa, presidente.”

Foi uma reunião seleta, a da casa da Baía, à qual compareceram numerosos escritores.

A mesa que presidiu a sessão estava composta dos Srs. Ministro Pacheco de Oliveira, Almirante Tosta da Silva e Coronel Severiano Marques, irmão do Sr. Xavier Marques.

Abrindo a sessão, falou o Almirante Tosta da Silva. Depois, usaram da palavra os Srs. Lemos Brito, Eduardo Tourinho e Afonso Costa, que também leu uma página do Sr. Eugenio Gomes sobre o homenageado.

Na Academia Carioca de Letras houve outra sessão, no Silogeu Brasileiro, com discursos dos Srs.

Afonso Costa, Asterio de Campos, Eugênio Gomes e D. Martins de Oliveira.

Sob a presidência do Professor Roquette Pinto, realizou-se mais uma sessão em homenagem a Xavier Marques que teve lugar na Associação Brasileira de Imprensa. Fizeram o discursos os Srs. Afrânio Peixoto, Artur Neiva, Fôcion Serpa, Herman Lima, Junqueira Aires, Rafael Barbosa, Simões Filho e Wanderley Pinho.

A Casa da Baía transmitiu ao homenageado o seguinte telegrama: “Xavier Marques, S. José de Cima, 32 — Baía. — A Casa da Baía, iniciando com uma sessão especial as festas comemorativas do 80.º aniversário do ensigne escritor conterrâneo, apresenta-lhe fraternais congratulações, com louvores à sua obra magnífica.”

A Academia Brasileira realizou, por sua vez, uma grande sessão, tendo falado os srs. Levi Carneiro e Clementino Fraga.

Marechal Argollo

O Museu Histórico Nacional, que entesoura numerosas relíquias de grande valor histórico, foi enriquecido com o espólio cívico do Barão de Cajafba, Marechal Francisco de Paula Argollo.

Falou, oferecendo o rico espólio em nome da viúva do Marechal Argollo, o Sr. General José Pires de Albuquerque, cuja oração foi uma sincera exaltação aos feitos do herói da guerra do Paraguai e da revolução de setembro de 1898.

Em nome do govêrno, agradeceu as preciosas dádivas feitas ao Museu o Dr. Gustavo Barroso.

Estiveram presentes a esta solenidade de civismo a viúva Argollo Ferrão, os Srs. Ministros Pires e Albuquerque, General Candido Rondon, Coronel Luiz Procópio, representando o Sr. General Góes Monteiro; Coronel Amílcar Botelho de Magalhães, representante do Sr. General Silva Junior; Contra-Almirante Raul Bandeira, Dr.

Jorge Abreu, secretário do Instituto Nacional de Ciência Política; Coronel Garcia Pires de Albuquerque, Dr. Paulo Tacla, secretário do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná; Dr. Antonio Galloti, Procurador da República;

representantes dos Departamentos de Educação Nacionalista e Primária da Prefeitura, alunos da Escola Euzébio de Queiroz e grande número de pessoas de nossa sociedade.

Manoel Ribeiro

Portugal, no curto espaço de um mês, perdeu três escritores de valor, Carlos Malheiro Dias, Teixeira Gomes e, agora, Manuel Ribeiro. Dos três, Malheiro Dias era o mais conhecido no Brasil, onde viveu longos anos e onde fundou e dirigiu revistas de larga irradiação. Teixeira Gomes, que foi embaixador em Londres e chegou à Presidência da República, conheceu o triunfo no verdadeiro sentido da palavra e granjeou fama de primoroso estilista. Manuel Ribeiro, que era pouco conhecido do público do Brasil, teve uma vida aventureira, desigual, fremente, mas profundamente humana.

Manuel Ribeiro, no verdor da sua mocidade dedicou-se à pregação do socialismo e, mais tarde, do anarquismo. Fundou e dirigiu jornais como "O Sindicalista" e o "Bandeira Vermelha". Tornando-se perigoso pelas doutrinas que pregava, por três vezes se viu processado e preso.

Foi durante o último período de encerramento que Manuel Ribeiro abraçou o catolicismo, tornando-se daí por diante um crente fervoroso. Se dantes escrevia frag-

mentariamente em jornais, depois da sua conversão ao catolicismo sentiu a vocação literária, transformando-se num romancista de altos dotes e num artista inteiramente liberto de preocupações notáveis.

Manuel Ribeiro estreou com um romance "A Catedral", que teve êxito retumbante, esgotando-se em pouco tempo nada menos de seis edições num total de mais de 10.000 exemplares.

O romancista católico reafirmou-se depois em outras obras-primas como "O deserto", "A Ressurreição", "A revoada dos anjos", "A batalha nas sombras", "A Bíblia sagrada", "A planície heróica" e os "Vínculos eternos", representando aspectos da vida de Beja e de Evora, isto é, do seu Alentejo natal.

Todos êsses romances são obras-primas e levaram críticos portugueses e afirmar que Manoel Ribeiro era o Huimans de literatura portuguesa.

Como romancista, Manuel Ribeiro está brilhantemente colocado ao lado de Malheiro Dias, Ferreira de Castro e Aquilino Ribeiro.

Exposição do Livro Português

Numeroso público, constituído de homens de letras, diplomatas, jornalistas, professores, e elementos de destaque da colônia portuguesa, assistiu na Biblioteca Nacional à inauguração festiva da Exposição do Livro Português. Foi realmente magnífico esse certame patrocinado pelo Secretariado da Propaganda Nacional e pelo Departamento de Imprensa e Propaganda. Edições antigas, preciosidades bibliográficas, trabalhos admiravelmente ilustrados e cobertos com as ricas encadernações em que ainda são mestres os portugueses, farta mostra de livros científicos, copiosa literatura popular, tudo isso enche as grandes estantes artisticamente arranjadas pelo decorador Eduardo Anahory, um dos artistas colaboradores do S. P. N.

Presidiu a cerimônia, a que esteve presente o Sr. Embaixador Martinho Nobre de Mello, o Sr. Ministro Gustavo Capanema, que manifestou o seu contentamento por encontrar-se ali e salientou o alto significado cultural do certame.

Em seguida, S. Ex. deu a palavra ao escritor Antonio Ferro.

O autor de "Homens e Multiplões" começou chamando a exposição inaugurada no momento de primeira flor do recente acôrdo cultural luso-brasileiro.

Louvou a iniciativa particular que realiza aquela obra sem favores materiais do Estado, afirmando que antes de a êle recorreremos,

para lhe pedirmos tudo, devemos começar por pedir, a nós próprios, alguma cousa.

"Todos aqueles, portanto, brasileiros e portugueses, disse, que hostilizarem direta ou indiretamente, a amizade íntima dos nossos livros, a sua interpretação, são inimigos, claros ou disfarçados, do espírito de nosso acôrdo cuja suprema finalidade é, precisamente, unificar a cultura luso-brasileira, transformá-la na grande vitrina comum da nossa produção intelectual. Não seria, aliás, natural que, expulsássemos das nossas montras e das nossas estantes os livros brasileiros e portugueses para ceder esse espaço, ia dizer vital, aos livros puramente estrangeiros, franceses, ingleses ou alemães. Recebamos os nossos parentes e nossos amigos, de braços abertos, mas sejamos hospitaleiros, acima de tudo, para os nossos irmãos.

Evocando os pioneiros da propaganda do livro português no Brasil, disse o Sr. Antonio Ferro: — "Antes do acôrdo, há já bastantes anos, que certos obreiros modestos, apagados, na sombra dos seus armazéns, sentinelas vigilantes nas suas guaritas, trabalhavam infatigavelmente, heroicamente, hora a hora, minuto a minuto, para que o livro português não sofresse um colapso, para que a luz do nosso espírito não se extinguísse. Entre esses pertinazes obreiros, depois de prestar sincera homenagem a Francisco Alves,

que foi o grande missionário do livro português, ao seu continuador Paulo de Azevedo, é de elementar justiça mencionar Álvaro Pinto, intrépido, valoroso D. Quixote da nossa cultura, que tão bons serviços tem prestado à causa do nosso intercâmbio; Heitor Antunes, já falecido, que tanto mato desbravou, seu irmão Joaquim Antunes, que teve de aguentar, por vezes, sobre os seus ombros de lutador modesto, mas paciente, toda a produção intelectual portuguesa que chegava ao Brasil; o popular Saraiva, de S. Paulo, espécie de Papai Natal dos estudantes daquela cidade, o portuguêsíssimo livreiro Pontes, igualmente querido e estimado, Moura Pontes, tantos outros...

Referiu-se o orador à magnífica obra levada a termo no campo cultural pelo Embaixador Martinho Nobre de Mello e teve palavras de elogio para o livreiro Souza Pinto, promotor do certame, e que não recebeu, em época tão incerta, jogar-se em aventura tão cheia de riscos, merecendo o nosso louvor e a nossa simpatia. Disse o Sr. Antonio Ferro: "Dou a Souza Pinto o meu apôio, a sua mocidade corajosa, voluntariosa, porque lhe adivinhei a fé e o entusiasmo necessários para realizar em três meses, com as imperfeições inevitáveis, dentro de tão curto prazo, uma obra que demandaria, por antigos e rotineiros processos, o esforço paciente de dois ou três anos". Tratando da propaganda do livro e da necessidade das exposições, diz: — "Em Paris, em Viena, em Madrid, os livros passeiam co-

nosco, na rua, de braço dado. Há sugestões e títulos por todas as esquinas. Um livro hoje, em que pese aos inquilinos da Torre de Marfim — para que se misture com a multidão, para que seja visto por ela, para que seja lido, precisa de ser gritado, anunciado. Assim compreendeu o editor Grasset, que lança um livro como um empresário lança uma peça ou um industrial lança um artigo. Comércio, cabotinismo ou — abro um parêntese à minha citação — triste sinal dos nossos tempos? Talvez. Mas no pandemônio da vida moderna, na algazarra que vai por esse mundo, onde quasi todos preferem o filme no cinema ao livro na poltrona, o editor que não faça como o Grasset transformar-se-á, ao fim de certo tempo, num alfarrabista".

O Sr. Antonio Ferro referiu-se ao concurso de vitrines e ao seu significado e anunciou a futura exposição de livros brasileiros em Portugal, com estas palavras:

"Mas não julguem os editores e os livreiros brasileiros, tão dignos de admiração pela sua audácia inteligente, pelo seu poder de iniciativa, que pretendemos fazer obra interesseira e egoísta. A alta finalidade que prosseguimos não atingida, ficaria a meio do caminho, se não nos preocupássemos igualmente com a expansão da cultura portuguesa no Brasil. O segundo ato desta obra que hoje principia, será portanto, legitimamente, uma Exposição do Livro Brasileiro em Lisboa que procurei realizar com a possível urgen-

cia. Da mesma forma podem contar comigo os livreiros e os editores brasileiros para a divulgação do livro brasileiro em Portugal. Tarefa que não julgo difícil. Ao contrário do que se afirmava, há dias, em certo jornal, existe hoje possivelmente maior interesse pelo livro brasileiro na nossa terra do que pelo livro português neste lado do Atlântico. É que o Brasil possui, atualmente, uma excelente literatura de ficção que lhe desbrava o caminho, que lhe serve de propaganda. O romance foi sempre, efetivamente, a guarda avançada de todas as literaturas, como a poesia, apesar de pouco vendida ou lida, é, por vezes, o canto do rouxinol que nos obriga a abrir as janelas para contemplar a paisagem..."

Depois de agradecer ao Sr. Ministro Gustavo Capanema, ao Dr. Lourival Fontes e ao Dr. Rodolfo Garcia pela Colaboração eficiente que prestaram à vitória da primeira exposição do livro português, conclue, o Sr. Antonio Ferro:

"Meus senhores! Enquanto os países lançam-se uns contra os outros, enquanto os homens se dilaceram, se despedaçam, se matam, numa guerra impiedosa, sem quartel, com Santanaz a fornecer-lhes as mais diabólicas munições, em que sentimos naufragos os próprios alicerces da civilização cristã, a própria arquitetura moral do Homem, Brasil e Portugal — quem o diria? — também declararam guerra um ao outro... Simplesmente a nossa metralha,

as nossas balas, os nossos obuzes, os nossos bombardeiros, são livros, muitos livros, munições que não explodem, que vão caindo na terra, como sementes... Guerra pacífica, guerra de amor que constitui um protesto contra todas as guerras de ódio, guerra feita de paz, guerra que não quer desunir mas unir, luta pela vida mas não pela morte, batalha onde todos ficarão vitoriosos, batalha de livros, batalha de flores".

Além do Sr. Ministro da Educação e do embaixador de Portugal e entre mais de 500 pessoas que enchiam o vastíssimo hall da biblioteca estavam os Srs. Levi Carneiro, Presidente da Academia Brasileira de Letras. Herbert Moses, Presidente da ABI, Dom Helvecio, arcebispo de Mariana, Dom Francisco Aquino Corrêa, arcebispo de Goiás e Padre Riou, provincial da Companhia de Jesus.

A exposição do livro português teve lugar a 8 de dezembro, na capital brasileira.

Com o prêmio de 5:000\$000 oferecido pelo Conselho Superior da Colônia Portuguesa do Brasil, atingiu a 10:000\$000 o valor total dos 3 prêmios a distribuir pelas livrarias da Capital inscritas ou a inscrever-se para o concurso de vitrines decoradas em homenagem ao Livro Português, que teve início quando foi inaugurada a Exposição na Biblioteca Nacional cujo amplo átrio foi decorado pelo artista Eduardo Anahory.

Esse concurso interessou os meios livreiros da Capital, que se

aprestaram para o certame, cujas bases foram as seguintes:

1.º — Ao certame podiam concorrer tôdas as livrarias desta Capital que se inscreverem até ao dia de início da Quinzena do Livro Português, que decorrerá paralelamente com a inauguração da Exposição.

2.º — Para se habilitar aos valiosos prêmios destinados aos concorrentes, cada estabelecimento teria de ornamentar, pelo menos, uma de suas vitrines, em homenagem ao Livro Português e organizar, internamente, uma secção de exposição e venda de livro devidamente decorada, sendo permitido, às livrarias que dispuserem de mais duma vitrine, concorrer até com tôdas elas, estendendo-se, porém, que cada vitrine será julgada separadamente, para a atribuição dos prêmios.

3.º — Os artistas decoradores podiam concorrer, individualmente, desde que disponham de vitrines, nas livrarias e desde que se obriquem a satisfazer, inteiramente, as exigências do concurso.

4.º — As vitrines em concurso manter-se-iam expostas de dia e de noite até às 23 horas, durante a Quinzena do Livro Português afim de que o público e o juri, especialmente organizado, possam apreciá-las devidamente.

5.º — Os prêmios foram 3: um grande prêmio de "Realização", no valor de 5 contos de réis, oferecido pelo Conselho Superior da Colônia Portuguesa do Brasil, que

será conferido por votação popular; e dois prêmios de "Concepção" um primeiro de 3 contos e um segundo de 2 contos, oferecidos pelo Secretariado da Propaganda Nacional de Lisboa e conferido por juri constituído pelos Srs. Drs. Lourival Fontes, Antonio Ferro, Herbert Moses, Castro Filho e Peregrino Junior, representando, respectivamente, o Departamento de Imprensa e Propaganda, Secretariado da Propaganda Nacional, Associação Brasileira de Imprensa, Sociedade Brasileira de Belas Artes e Associação dos Artistas Brasileiros.

6.º — A concepção e realização decorativa das montras foram inteiramente livres, mais o motivo ornamental teriam de ser exclusivamente dedicado à Cultura Portuguesa, incorrendo em desclassificação as montras que aproveitassem o motivo decorativo para propaganda de artigos diferentes do Livro Português ou que escolhessem assuntos considerados reprováveis por concepção ou realização imprópria.

7.º — Os estabelecimentos a que pertenciam as vitrines ornamentadas obrigam-se a inaugurá-las em dia a ser fixado pelo juri e mantê-las expostas até ao fim da Quinzena e da resolução do juri, ao qual os concorrentes terão de entregar, quando da sua visita, uma fotografia das vitrines em concurso, que figurará na reunião de decisão para atribuição dos prêmios.

Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro

Sob a presidência do Sr. Almirante Raul Tavares realizou-se a 3 de dezembro a última sessão de 1941, sendo lida a ata da anterior, que foi aprovada, e dado destino ao expediente, o Sr. Presidente submeteu ao Conselho Diretor a questão referente ao preenchimento do cargo vago, da presidência da comissão Organizadora do Congresso Brasileiro de Geografia a ser realizado em 1943 em Belém, no Pará. Em cumprimento ao regimento do referido Congresso foi designado para preencher a vaga o vice-presidente da Comissão, Sr. Prof. Dr. Fernando Antonio Raja Gabaglia. Essa designação foi aprovada unanimemente.

O Dr. Eptácio Monteiro Pessoa, propõe que fôsse designada uma comissão do Conselho Diretor para visitar o consórcio, Dr. Alexandre Emilio Sommier que se acha convalescente de grave enfermidade. Essa proposta foi unanimemente aprovada, tendo o Sr. Presidente indicado os Srs. Comte. Oliveira Bello, Dr. Couto Fernandes e o Comte. Cesar Feliciano Xavier, para levarem as felicitações da Sociedade àquele consócio.

O Dr. Paulo Pires Brandão comunicou, que o Grêmio 11 de fevereiro de Florianópolis se pro-

põe erguer um monumento à memória de José Arthur Boiteux, sócio da Sociedade de Geografia e idealizador dos periódicos Congressos Brasileiros de Geografia. Propôs que a Sociedade oficiasse ao Presidente do Grêmio, bem como ao Interventor Dr. Nereu Ramos, solicitando à primeira que empregue esforços e ao segundo para amparar por parte do Estado o X Congresso Brasileiro de Geografia, em setembro de 1943.

O Sr. Comte. Oliveira Bello, propôs que fôsse consignado em ata um voto de grande pesar pelo falecimento do consócio Gal. Raul Corrêa Bandeira de Mello em cujas exéquias representou a Sociedade de Geografia com o Sr. Edgard Ismael da Silveira; voto êsse aprovado. O mesmo Comte. Bello propôs fôsse enviado um telegrama de congratulações ao Capitão de Mar e Guerra Frederico Villar em nome da Sociedade de Geografia pela resolução do Tribunal de Segurança mandando retirar das livrarias o Livro intitulado — “A mulata” — de autoria do escritor português Malheiros Dias, o Dr. Couto Fernandes, tesoureiro da Sociedade pediu ao Conselho Diretor autorização para dispor das quotas dos sócios para proceder melhoramentos na sede social.

A História e a Geografia do Colégio Pedro II

Realizou-se com a presença de vários professores, acadêmicos,

jornalistas, homens de letra, autoridades civis e militares, a ex-

posição retrospectiva organizada pelo Grêmio Científico e Literário Pedro II, do Rio de Janeiro.

Junto aos compêndios de cada professor, encontravam-se os respectivos retratos: Justiniano José da Rocha, Joaquim Manuel de Macedo, Barão de Tautphoeus, Moreira de Azevedo, Matoso Maia, João Ribeiro, Capistrano de Abreu, Berquó, Joaquim Caetano da Silva, Pedro do Couto, Jonathas Serano, Domingos Ramos Melo, Calogeras, Escragnole Doria e J. B. de Mello e Souza.

Em móvel separado os alunos organizaram a Exposição Imperador Pedro II, dela constavam: Autógrafo do Imperador, livros de seu uso, retratos em vários perío-

dos de sua vida e livros sobre o Imperador.

Em mesa separada foi prestada homenagem ao Sr. Presidente Getúlio Vargas e Ministros Ferreira Vianna e Gustavo Capanema.

O retrato do Chefe do Governo ornava o Salão sob o dístico "Salve Getúlio Vargas".

O Dr. Pires Brandão, neto do Bacharel Conselheiro Dr. Antonio Ferreira Vianna agradeceu a homenagem prestada pelo Grêmio a seu avô.

O professor Raja Gabaglia Presidente de Honra do Grêmio, encerrou a Exposição proferindo frases de carinho e de incitamento aos seus alunos e em particular aos sócios do Grêmio.

"Dia do Reservista", em 1941

O Gabinete do Sr. Ministro da Guerra distribuiu a seguinte nota:

"Durante longo tempo esteve o Brasil despreocupado de formar as reservas para seu Exército e fazer ao mesmo tempo, da vida dos quartéis uma escola perene de civismo, à qual acorressem todos os cidadãos, sem distinção de classe irmanados pelo sentimento único de servirem sua Pátria. Somente em 1908, sendo Presidente da República o Dr. Afonso Pena e Ministro da Guerra o Marechal Hermes da Fonseca, foi possível dar um passo decisivo para a realização de tão elevado ideal, com a decretação da lei do serviço militar que acompanhou a da reorganização do Exército, promulga-

da no mesmo ano. Decidiram as altas autoridades militares ensaiar o sistema adotado de abrir o voluntariado especial que iria inaugurar a nova fase cívico-militar do Brasil. Verificou-se, então, que a mocidade brasileira, compreendendo o alcance para sua pátria, das medidas decretadas, acorria pressurosa aos quartéis, apresentando-se para a instrução e para as manobras que se realizaram nesse mesmo ano, com surpreendente aproveitamento técnico e grande satisfação patriótica, para os responsáveis, pela segurança de nossa Pátria. Entre os primeiros voluntários especiais de 1908, por conseguinte pioneiros do serviço militar no Brasil, encontravam-se

nomes, hoje ilustres de ministros, engenheiros, magistrados, diplomatas, advogados, etc., então estudantes de cursos superiores. Foram dessa primeira turma de 1908 os seguintes, além de outros: Dr. Raul Rio Branco, Edgard Ramos, Octavio Moreira Penna, Alexandre Moreira Penna, João Gualberto Marques Porto, Joaquim Pedro Salgado Filho, Aloisio Neiva, Augusto Moreira de Lima Junior, Ismael Coelho de Souza, Hernani da Motta Mendes, Alvaro Crespo, Tito Portocarrero, Adolfo Morales de los Rios Filho, Georgino Aveiz da Fonseca Galvão, Luiz Guimaraens, José Viriato de Assumpção, Luiz da Fonseca Galvão, Luiz Guimarães, Mauricio de Lacerda, Maigre da Gama, Jayme do Nascimento Brito, José do Nascimento Brito, Angelo de Araujo Pimentel e inúmeros outros que seria longo citar. O General Eurico Gaspar

Dutra, Ministro da Guerra, resolveu relembrar essa atitude digna e patriótica dos jovens de 1908, hoje homens de responsabilidade e projeção social, convocando-os para um encontro no qual S. Excia. procurará demonstrar o aprêço do Exército, pelos cidadãos que sabem cumprir o seu dever para com o Brasil. Por isso, estimaria o titular da pasta da Guerra que os antigos voluntários especiais de 1908 deixassem suas cadernetas em mão do Tenente-Coronel Raul Tavares, adjunto de seu gabinete no Edifício principal do Ministério da Guerra, 9.º andar, afim de ser nelas feito um lançamento comemorativo do dia do reservista este ano”.

O dia 16 de dezembro, o “dia do reservista”, foi grandemente comemorado em todo o território nacional.

Louis Bertrand

Louis Bertrand, falecido em Antibes autor de vários romances de cenário algerino e narrador brilhante de viagens à Grecia e a todo o Oriente Próximo que o consagraram “O escritor mediterrâneo por excelência” adquiriu renome universal com os seus magníficos estudos sobre Santo Agostinho e Luiz XIV.

A grande figura do filósofo e santo é revelada nesse trabalho, “sob aspecto que os historiadores e os poetas não haviam até então

conhecido”, escreve o Sr. Alberic Cahuet. Louis Bertrand consagrou-se a esse estudo durante anos, com uma fidelidade de místico, em longos movimentos “de paixão, de êxtase, de delírio”, revendo-o repetidas vezes, refazendo-o, apurando-o antes de entregá-lo ao editor.

Ainda discutido, a-pesar-de haver aparecido em 1923 mas sempre admirado, seu livro sobre Luiz XIV é outro trabalho de alto valor, em que o autor restitue a esse

monarca a grandeza que lhe havia sido contestada por ilustres historiadores modernos.

Vindo do romance, em cujo estilo vivo e luminoso se reflete a influência de Flaubert, de quem era admirador exaltado e sobre quem escreveu um belo livro, Louis Bertrand soube dar aos seus estudos históricos o colorido e a vibração da sua obra de ficção, que segundo outros críticos, lembra a de Zola pelo vigor e pela rudeza das personagens que descreve, notadamente no cenário ardente da África.

Louis Bertrand foi, também, com "*La fin du classicisme et le retour à l'antique*", seu primeiro trabalho, publicado em 1897, crítico de análise profunda e sensibilidade muito aguda.

Nascido em 1866 em Spincourt, estudou na Escola Normal Superior, tendo conquistado o título de doutor, em letras. Em 1891, foi nomeado professor de retórica no liceu de Alger onde lecionou durante dez anos e onde pôde observar

o curioso meio norte-africano, que iria constituir o motivo de alguns dos seus romances mais notáveis e de uma obra realmente modelar: "*África*".

Mais tarde, como consequência de suas viagens mediterrâneas, escreveu dois excelentes livros de crítica de arte: "*La Grèce du soleil et des paysages*" e "*Les villes d'or*", e "*Le Mirage oriental*" sobre a sedução das estranhas terras que apaixonadamente percorrera.

Estreando, como, romancista, em 1899, com "*Le sang des races*", que alcançou êxito imediato, publicou, depois, as seguintes obras de ficção: "*La Cina*" (1901), "*Le Rival de Don Juan*" (1903), "*Gaspard de la Nuit*", "*Pépète le bien-aimé*" (1904), "*Le Jardin de la mort*", "*l'Invasion*" (1907), "*Mademoiselle de Jessincourt*" (1911), "*Sanguis Martyrum*" (1918), "*Infante*" (1920).

Louis Bertrand foi eleito para a Academia Francesa em 1925, na vaga de Maurice Barrès. Era membro, também, da Academia Espanhola.

O ensino da língua Portuguesa

Está atualmente a registrar-se nos Estados-Unidos um interesse sem precedentes na aprendizagem da língua portuguesa. Muitas das Universidades mais importantes do país e elevado número de colégios particulares para o ensino de línguas estrangeiras estão a

oferecer cursos de português, pela primeira vez na sua história. O Departamento de Educação, por sua vez, anunciou que foram já iniciados cursos para o ensino da língua portuguesa em algumas das Universidades e colégios secundários públicos.

Quasi tôdas as Universidades principais de Nova-York estão a introduzir nas suas disciplinas cursos de português. Entre essas Universidades figura a de Colúmbia, onde se inaugurou êste ano um curso de português, dirigido pelo professor sr. Adolfo da Rosa Prista, diplomado pela Universidade de Lisboa. Também foi inaugurado um curso de língua portuguesa na Universidade de Nova-York, dirigido pela professora sra. d. Maria Luiza da Fonseca. Entre as Universidades públicas que oferecem cursos de português figuram o "Hunter College" e a "New York Commercial High School".

Num discurso proferido recentemente o governador de Nova-York, Fiorella La Guardia, disse que, em sua opinião, em tôdas as escolas públicas de Nova-York de-

vem ser introduzidos cursos para o ensino das línguas portuguesa e espanhola, visto ser uma necessidade para os norte-americanos a aprendizagem daqueles dois idiomas. Salientou que mais de setenta milhões de pessoas falavam o português: em Portugal continental, nas colônias portuguesas e no Brasil.

Entre as escolas particulares que oferecem cursos de português, em Nova-York, figuram as seguintes: "Language Service Center", "Berlitz School of Languages", "International School of Languages", "Latin American Institute" e "Fisher School of Languages". Tôdas estas escolas particulares informam que as matriculas para os cursos de português têm sido numerosas e que constantemente estão a receber novos alunos para o ensino daquele idioma.

A troca sistemática dos nomes das ruas

Em sessão do Departamento Administrativo do Rio Grande do Sul o sr. Moisés Vellinho, destacado membro daquela casa e brilhante homem de letras, teve ocasião de dar o seguinte parecer sobre um projeto de decreto-lei, oriundo da prefeitura de Montenegro, que dá nova denominação a uma rua.

"O incluso projeto de decreto-lei, originário da Prefeitura de Montenegro, dá nova denominação a uma rua.

Em regra, nada descaracteriza tanto uma cidade, como a troca sistemática dos nomes que distin-

guem suas vias públicas, suas praças e jardins. A ligeireza com que se substituem os nomes tradicionais das ruas e logradouros é uma prática que atenta diretamente contra a história das vilas e cidades. Denominações que surgiram naturalmente de um fato ou de um acidente ligado à tradição, à topografia, aos usos e costumes de um lugar — denominações por vezes imemoriais, impregnadas desse pitoresco cujo segredo só as improvisações populares conhecem — saborosas denominações que trazem em si mesmas sua explicação

e razão de ser, — eis que um belo dia são revogadas por decreto, sem que para isso se descubram motivos capazes de convencer e ainda menos de comover o vulgo. Pelo contrário este sente-se como espoliado de um bem que lhe pertencesse e que em verdade lhe pertencia...

O pior é que nomes antigos, às vezes vinculados à própria origem das localidades, como às suas instituições primitivas, são permutados por nomes de políticos de duvidosa benemerência ou de heróis que nunca experimentaram um batismo de sangue, — uns e outros dotados de uma irreprimível vocação para o anonimato. A silenciosa legião que enche as placas da cidade republicana — glórias momentâneas, figuras de alto relevo faccioso, cabos eleitoraes cheios de constrangido arrependimento, vultos de arrabalde, proprietários felizes, — aí está a clamar que se diga aos transeúntes desatentos, que se explique ao povo indiferente quem foram, o que fizeram, os que a compõem... Como ninguém acorde ao apêlo dos mortos e esquecidos, fica-nos a melancolica impressão de que o parainfo das ruas coube principalmente aos que se distinguiram pelo que deixaram de fazer... Ou en-

tão a datas medíocres, vagas expressões cronológicas esvaziadas pelo tempo. Não era preferível, por amor à tradição e aos costumes locais respeitar a nomenclatura espontaneamente adotada pelo povo?

Há, por certo, exceções. Inúmeras placas de ruas e praças consagram grandes nomes da nossa história política, diplomática e militar, escritores, poetas, cientistas. O projeto de Montenegro dando a denominação de Olavo Bilac a uma via publica daquela cidade, inclui-se entre as exceções.

Ninguém merece mais que Bilac o culto da posteridade. Foi um poeta cuja glória dispensa o louvor dos adjetivos.

Soube nobilitar como poucos as atividades do espírito e do pensamento e, sem deixar se enredar nos louros do poeta, fez-se, numa das quadras mais estéreis da nacionalidade, um grande animador da juventude, um mestre incomparável de energias, de afirmações e de esperanças. Viveu e morreu sem jamais haver exercido qualquer parcela de autoridade ou de mando. Vem daí, talvez, o poder de irradiação no espaço e no tempo de seu vibrante apostolado cívico cada vez mais vivo na consciência da mocidade brasileira".

Instituto História e Geográfico Brasileiro

Realizou-se, sob a presidência do Sr. Embaixador José Carlos de Macêdo Soares e Ministro Augusto Tavares de Lyra, a assembléia

geral para eleição da Diretoria e das Comissões Permanentes no biênio de 1942-43.

Compareceram os seguintes só-

cios: José Carlos de Macedo Soares, Augusto Tavares de Lyra; Alfredo do Nascimento; Max Fleiuss; Alcindo Sodré; Henrique Carneiro Leão Teixeira Filho; Fernando Luiz Vieira Ferreira, Alfredo Ferreira Lage, Ernesto de Souza Campos; Jeronymo de Avelar Figueira de Mello, Frei Pedro Sinzig; Thiers Fleming, Leopoldo Antonio Feijó Bittencourt; Dom Francisco de Aquino Corrêa; Carlos Delgado de Carvalho; Virgílio Corrêa Filho; Christovão Leite de Castro; Herbert Canabarro Reichardt; Pedro Calmon Moniz de Bittencourt; Candido Mariano da Silva Rondon; Nelson de Senna; José Luiz Baptista; Sylvio Rangel de Castro; Claudio Ganns; Ataulpho Napoles de Paiva; Antonio Leoncio Pereira Ferraz; Raul Regis de Oliveira; Francisco Radler de Aquino; Rodrigo Octavio Filho.

O Presidente Macedo Soares mandou iniciar os trabalhos eleitorais, nomeando escrutinadores os Srs. Herbert Canabarro Reichardt e Claudio Ganns.

O resultado foi o seguinte:

Diretoria — Presidente — José Carlos de Macedo Soares. 1.º Vice-Presidente — Augusto Tavares de Lyra. 2.º Vice-Presidente — Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes. 3.º Vice-Presidente — Alfredo Nascimento Silva. 2.º Secretário — Virgílio Corrêa Filho. Orador — Pedro Calmon. Tesoureiro — Francisco Radler de Aquino.

Comissões permanentes — História — Max Fleiuss. Souza Doca, Basilio de Magalhães, Feijó Bittencourt, Canabarro Reichardt.

Fundos de orçamentos — Rodrigo Octavio, Alfredo Lage, Oliveira Vianna, Mattoso Maia Forte, Alexandre Sommer.

Geografia — Raul Tavares, Radler de Aquino, Carlos da Silveira Carneiro, Leão Teixeira Filho, Lucas Boiteux.

Arqueologia e Etnografia — Rodolfo Garcia, Afranio Peixoto, Roquette Pinto, José Luiz Baptista, Virgílio Corrêa Filho.

Bibliografia — Rodrigo Octavio Filho, Bernardino de Souza, Liberato Bittencourt, Vieira Ferreira, Gustavo Barroso.

Estatutos — Afranio de Mello Franco, Costa Ferreira, Wanderley Pinho, Pedro Calmon, Edmundo da Luz Pinto.

Admissão de sócios — Alfredo do Nascimento, Augusto Tavares de Lyra, Alfredo Valladão, Braz do Amaral, Levi Carneiro.

O Sr. Presidente Macedo Soares proclamou os eleitos.

Logo depois, o Sr. Nelson de Senna leu a seguinte moção, que foi aprovada por aclamação:

“A Assembléia geral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, seguindo a tradição, iniciada com o Visconde de S. Leopoldo, seu fundador e 1.º Presidente, e continuada com as figuras marcantes do Barão do Rio Branco e do Conde de Affonso Celso, declarados presidentes perpétuos do Instituto depois de exercerem o elevado cargo, efetivamente, por período acima de dois anos — resolve que seja agora também declarado seu Presidente perpétuo o Embaixador José Carlos de Macedo Soares — que

desempenha, com inexecedível brilho o encargo a princípio, interinamente de 19 de maio de 1939 e, efetivamente desde 15 de dezembro do mesmo ano. Trata-se de distinta personalidade, cujos trabalhos ao Instituto são notórios e relevantes, cujos serviços ao país, em altos postos da administração pública e da política têm sido por igual merecedora de aplausos e do aprêço dos contemporâneos.

O Instituto Histórico, tendo em atenção essas atividades partióticas, a que imprime sempre um cunho pessoal de desinteresse, elegância e fidalguia — deseja por isso vê-lo honrando a cadeira presidencial desta casa, em caráter perpétuo, que é a melhor forma de agradecimento coletivo aos seus dedicados préstimos e desvelada assistência, em benefício do prestígio e das gloriosas tradições do mesmo Instituto. Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1941. — Epitácio Pessoa, Cardeal Sebastião Leme, Rodrigo Otavio, Max Fleuiuss, Oliveira Vianna, Bernardino de Souza, Alfredo do Nascimento Silva, Radler de Aquino, Affonso de Escragnolle Taunay, João da Costa Ferreira, Basilio de Magalhães, Jeronymo de A. Figueira de Mello, Cincinato Braga, Virgilio Corrêa Filho, Alberto Frederico de Moraes Lamego, Herbert Canabarro Reichardt, Nelson de Senna, Raul Regis de Oliveira, Feijó Bittencourt, Christovam Leite de Castro, Francisco, Arcebispo de Cuyabá, M. Tavares Cavalcanti, Delgado de Carvalho, Rodrigo Otavio Filho, Sylvio Rangel de Castro,

Clovis Bevilaqua, Ataulpho de Paim, Leão Teixeira Filho, Edmundo da Luz Pinto, Thiers Fleming, Serafim Leite, S. J., Candido Mariano da Silva Rondon, José Mattoso Maia Forte, Fidelino de Figueiredo, Claudio Ganns, Martinho Nobre de Mello, Camelo Lampreia, A. L. Pereira Ferraz, Carlos Carneiro, Alfredo Ferreira Lage, Francisco José Pinto, Norival de Freitas, Ernesto de Souza Campos, Antonio Carlos, Frei Pedro Sinzig (O. F. M.), Pedro Calmon, Vieira Ferreira, Augusto Tasso Fragoso, José Luiz Baptista, Alexandre Sommer, Hermenegildo de Barros, Alcindo Sodrê.

Aderiram à moção os seguintes sócios residentes fora do Rio de Janeiro: Rodolfo Rivarola, Ramon J. Carcano, Ricardo Levene, José Honorio Silgueira, Enrique de Gandia, José Salgado, Roberto Simonson, Ernesto Leme, Eugenio Egas, Djalma Forjaz, Manoel Pirajá da Silva, Braz do Amaral, Jorge Hurley.

Agradecendo a sua eleição para presidente perpétuo do Instituto, o Sr. Embaixador José Carlos de Macedo Soares proferiu a seguinte oração:

“Meus senhores. A recondução no mandato de presidente do Instituto já seria a mostra da vossa satisfação pela forma porque o desempenhei no primeiro período. Quisestes, porém, por indicação assinada por tantos conspícuos brasileiros que honram as poltronas deste sedalício, acrescentar ao novo mandato a condição de perpetuidade.

Bem sei que estamos dentro da tradição da Casa, assim mesmo tendo acontecido aos meus eminentes antecessores o Visconde de S. Leopoldo, o Marquês de Sapucaí, Barão do Rio Branco e o Conde de Affonso Celso. No remanso e quietude das nossas reuniões de estudo e dedicação patriótica a hierarquia é a igualdade nas obras do espírito, quer dizer, os postos na mesa são apenas servir, obedecendo a ordem dos trabalhos e provendo as modestas exigências da nossa administração. Contudo devo confessar-vos o meu apêgo aos bons princípios da filosofia biológica contemporânea, os quais desde Lamarque mostram que a renovação é a condição da evolução e do progresso das espécies. A renovação convém não sómente às pessoas, como ao próprio Instituto Histórico. Faculta a entrada de idéias novas, a satisfação de aspirações legítimas, e ao mesmo tempo resguarda-nos o direito de em certo momento atender melhor o interesse do Instituto segundo as circunstâncias da vida brasileira de que tão unidamente participamos.

A continuidade das tradições da Casa está perfeitamente assegurada pela dedicação e competência do nosso eminente secretário perpétuo, o Sr. Max Fleuiuss.

Consignando uma opinião pessoal, nem de leve ponho em dúvida vossa generosa deliberação. Aceito honrado e gratíssimo o mandato tal qual vos aprovou condicioná-lo. Apenas do que fica dito se deduzirá que estaremos todos

atentos às verdadeiras conveniências do Instituto, às quais não poderá contrapor-se o mandato tal qual me foi conferido.

Agradecer a nova eleição seria pouco diante do imperativo de agradecer a vossa bondosa, constante e atenta colaboração, animando os nossos trabalhos de maneira tão feliz, que podemos consignar com estrita exatidão, que durante os dois anos decorridos desempenhamos, todos nós, as obrigações que a missão do Instituto nos impunha.

Ainda uma vez meus eminentes consócios, empenho a minha gratidão à vossa grande benevolência”.

O Sr. Claudio Ganns, leu a seguinte moção unanimemente aprovada:

“À vista da valiosa doação de 340 volumes, sobre “revoluções brasileiras”, que o nosso consócio o Embaixador José Carlos de Macedo Soares, acaba de fazer à biblioteca do Instituto — necessário e indispensável à pesquisa desses acontecimentos históricos — requeiro seja inserta em ata um voto de louvor e agradecimento àquele nosso benemérito presidente perpétuo, Rio de Janeiro, 15-12-1941”.

O Sr. Pedro Calmon, salientando ter sido mais uma vez reeleito 2.º vice-presidente o sócio grande benemérito, Ministro Rodrigo Octavio, sugeriu que uma comissão de sócios fôsse visitar aquele insigne brasileiro comunicando-lhe a nova homenagem do Instituto. O que foi aprovado com calorosos aplausos.

O presidente Macedo Soares nomeou para esse fim a seguinte comissão: Max Fleuiuss, Ministro Ataulpho de Paiva e Pedro Calmon.

O presidente Macedo Soares agradeceu a moção apresentada pelo Sr. Claudio Ganns, declarando que o autor da idéia de se reu-

nir no Instituto a maior cópia possível de trabalhos sobre as revoluções ocorridas no regime Republicano, cabe ao ilustre 1.º presidente Ministro Augusto Tavares de Lyra.

Em seguida, encerraram-se os trabalhos.

Concurso de filmes brasileiros

Conforme fora anunciado, realizou-se, sob os auspícios do Departamento de Imprensa e Propaganda, na Divisão de Cinema e Teatro, o julgamento do concurso de filmes de longa e pequena metragem, anualmente instituído de acôrdo com o que estabelece o decreto-lei número 1.949, de 20 de dezembro de 1939.

A Comissão Julgadora, que ficou composta dos Srs. Prudente de Moraes Neto, Manuel Bandeira e Aníbal Machado, após o exame dos filmes apresentados pelos concorrentes, resolveu dar-lhes a seguinte classificação, para efeito da distribuição de prêmios:

Longa metragem: — Primeiro lugar — "Pureza", segundo, "Céu Azul", terceiro, "Aves sem ninho".

Pequena metragem — Primeiro lugar — "Metamorfose do Sapo"; segundo, "Siderurgia no Brasil n.º 1", terceiro, "A Bacia de Macao".

Para os prêmios correspondentes aos quartos, quinto, sexto e sétimo lugares, foram classificados os filmes:

"Manhã em Copacabana", "Seleção de batatas para sementes" "Lanterna Mágica n.º 32" e "O leite", respectivamente.

Foram classificados ainda os filmes "Lanterna Mágica n.º 31", "A Marinha em Trabalho n.º 3" e "Siderurgia do Brasil n.º 2", correspondentes ao oitavo, nono e décimo lugares.

De conformidade com o que estabelecem os termos do art. 121 e seus parágrafos, do decreto-lei n.º 1.949, de 20 de dezembro de 1939, o julgamento dos filmes nacionais de longa e pequena metragem produzidos, em janeiro de 1940 à 30 de maio de 1941, por emprêsas cinematograficas nacionais, para a classificação dos que venham a fazer jús aos prêmios instituídos, obedecidas as condições que se seguem:

1.º — O total de prêmios a serem distribuídos será de cento e cinquenta contos de réis (150:000\$), reservando-se cento e dez contos de réis (110:000\$), para filmes nacionais de longa metragem e quarenta contos de réis (40:000\$), para os compreendidos entre 100 e 400 metros.

2.º — Para os filmes de metragem superior a 1.500 metros serão conferidos três prêmios cabendo, ao primeiro colocado, a importância de sessenta contos de réis

(60:000\$), e aos 2.º e 3.º classificados, respectivamente 30:000\$ e ... 20:000\$000.

3.º — Para os filmes de pequena metragem, isto é, com metragem compreendida entre 100 e 400 metros, serão conferidos dez prêmios, num total de 40:000\$, na seguinte base de concurso:

Para o 1.º lugar 8:000\$ para o 2.º lugar 6:000\$, para o 3.º lugar 5:000\$, para o 4.º, 5.º e 6.º lugares 4:000\$ a cada um, para o 7.º lugar 3:000\$, e para os classificados em 8.º, 9.º e 10.º lugares 2:000\$ a cada um.

4.º — As inscrições dos filmes destinados ao concurso, tanto os de longa metragem, quanto os de metragem compreendida entre 100 e 400 metros deverão ser feita na Secretaria da Divisão de Cinema e Teatro, pelos interessados.

5.º — Só poderão cumprir o que determinara o item anterior, os produtores cinematográficos nacionais inscritos no DIP, e regularmente registados na Divisão de Cinema e Teatro.

6.º — A ficha de inscrição deverá conter:

a) — nome do produtor ou Empresa produtora; b) — laboratório onde foi confeccionado o filme; c) — diretor técnico; d) — operador; e) — encarregado do som; f) — técnico de luz; g) — nome dos artistas principais e sua na-

cionalidade; h) — ano de produção; i) — metragem do filme; j) — mês de lançamento, quando não se tratar de filme inédito; k) — número de cópias tiradas; l) — nome do distribuidor.

7.º — Os filmes de longa metragem submetidos a julgamento, bem como os de metragem superior a 100 e inferior a 400 metros, deverão ser apresentados à comissão julgadora completos, tal como se fôsse destinados às apresentações públicas;

8.º — A cada filme deve acompanhar um roteiro, com os letreiros, diálogos, letras e nomes das músicas utilizadas, bem como os nomes dos seus respectivos autores.

9.º — Serão reservados cinquenta contos de réis (50:000\$), para a aquisição de cópias de filmes premiados à vista do que estabelecem os termos do item c) do art. 121, do decreto-lei acima referido, e destinadas à filмотeca do DIP.

10.º — Para a aquisição dos filmes premiados, destinar-se-ão as seguintes quantias:

Ao 1.º, 15:000\$, ao 2.º e 3.º 8:000\$ e 7:000\$, respectivamente, reservando-se os restantes vinte contos de réis (20:000\$) para a aquisição das cópias dos filmes de pequena metragem classificados nos dez primeiros lugares.

Alberto de Oliveira

Realizou-se, no Rio de Janeiro no cemitério de São João Batista, a cerimônia da inauguração do mau-

soléu de Alberto de Oliveira, mandado construir pelo Comandante Ernani do Amaral Peixoto, Inter-

ventor Federal no Estado do Rio, em homenagem à memória do grande poeta, nascido em Saquarema.

Presidiu a cerimônia da Inauguração o Comandante Amaral Peixoto, que compareceu acompanhado dos Srs. Ruy Buarque, da Educação; Eugenio Borges, do Interior e Justiça; Walfredo Martins das Finanças; Rubens Farrulla, da Agricultura; Alfredo Neves, presidente do Departamento Administrativo; Brandão Junior, Prefeito de Niteroi; Coronel José Alves da Fonseca, comandante da Fôrça Pública do Estado e vários oficiais dessa corporação.

Estiveram também presentes os Srs. Ministro Ataulpho de Paiva, Aloysio de Castro e Pedro Calmon, representantes da Academia Brasileira de Letras; Phocion Serpa, da Academia Carioca de Letras; e Ariosto Berna do Centro Carioca.

A família do homenageado este-

ve representada pelos Srs. Alfredo Mariano de Oliveira e Antares de Oliveira, respectivamente, irmão e filho do grande poeta.

O monumento, de autoria do Professor Corrêa Lima, representa uma mulher — a Poesia — recostada numa palmeira — os versos de Alberto de Oliveira — “A Palmeira”, e no pedestal, a seguinte inscrição:

“Ser palmeira depois de homem ter sido”.

A Alberto de Oliveira 1897-1937.

O Estado do Rio de Janeiro por iniciativa da Academia Brasileira de Letras”.

Em nome do Governo do Estado do Rio, falou o Sr. Ruy Buarque, que exaltou a vida e obra de Alberto de Oliveira, para dizer depois da significação do culto de sua memória pelo povo fluminense.

O Sr. Aloysio de Castro, pela Academia Brasileira, proferiu brilhante oração.

Instituto Heráldico-Genealógico

O Instituto Heráldico-Genealógico, com sede em São Paulo, celebrou o seu 10.º aniversário com uma sessão solene.

Essa instituição, atualmente presidida pelo Dr. Menezes Drumond, publica uma revista especializada e conta mais de cem sócios de todos os pontos do país.

São seus membros honorários,

os Srs. Dr. Fernando Costa, o Cardeal D. Sebastião Leme, D. José Gaspar de Afonseca e Silva, Príncipe D. Pedro Gastão de Orléans e Bragança, Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Coronel Luiz Carlos de Moraes, Drs. Eugenio Vilhena de Moraes, Jorge Godofredo Felizardo, José Maria MacDowell da Costa e Manoel Cicero Pe-regrino da Silva.

Academia Brasileira de Letras

E' tradição da Academia procurar manter-se em contato, não só com a elite intelectual do país, mas também, democraticamente, com o público em geral. Partindo automaticamente d'este ponto de vista, organizou-se em 1940 (de 17 de junho a 16 de dezembro) uma série de conferências a qual Levi Carneiro denominou "Pano-rama da Literatura Estrangeira Contemporânea (1914-18-1941)". Ouvimos assim a palavra de vários escritores de renome nacional e universal. A literatura da França, por Fortunato Strowsky; — da Polónia, por Jan Lechon; — de Portugal, por Fidelino de Figueiredo; — da Áustria, por Frischauer; — da Itália, por Giulio Dolci; — da

Hungria, por Paul Ronal; — da Alemanha, por frei Mansueto Kohlman; — da Inglaterra, por Eric Churh; — Escritores rumenos da língua francesa, por Leopoldo Stern (D. Margarida Lopes de Almeida disse versos da Condessa de Noailles); — Literatura belga de língua francesa, por Frans Van Cauwelaert; — Literatura da Grécia, por Taka Politis; — da Hespanha, por José Maria del Rey; — Literatura hispano-americana, pelo prof. Rodrigues Fabregat; — Literatura dos Estados-Unidos, por Carolina Nabuco; — da Rússia, pelo Conde Manuel de Benningsen; — do Canadá, por Jean Désy. Como se vê, promoveu a Academia importante curso de literatura.

Descobertos em Rio Pardo fósseis de gigantescos tatús e preguiças antidiluvianos

Nos últimos dias do ano findo, o dr. Herófilo de Azambuja, respondendo, então, pela Secretria de Educação, recebeu a noticia da descoberta, no município de Rio Pardo de restos fósseis de grandes animais anti-diluvianos. O diretor geral daquele departamento estadual convidou, em seguida o conhecido paleontologista rio-grandense Carlos de Paula Couto, a cujo cargo se acha o trabalho de restauração dos fósseis de São Gabriel no Museu do Estado, para inspecionar o jazigo descoberto. Paula Couto acaba agora de regressar a esta

capital, tendo realmente verificado no local anunciado, a existência de rico jazigo fossilífero, onde conseguiu encontrar restos de gigantescos tatús e preguiças, que viveram, ali há cerca de 400.000 anos. Procurado pela reportagem no Museu do Estado, o jovem paleontólogo patricio, que se dedica desde 1925, por iniciativa própria, à Paleontolôgio, especialmente na parte referente aos mamíferos fósseis, prontificou-se a prestar-nos todos os esclarecimentos a respeito, fazendo-nos inicialmente, as seguintes declarações:

— Desincumbindo-nos da nossa missão, procuramos, logo de chegada a Rio Pardo, no dia 26 de dezembro último, entrar em contacto com o sr. Oscar Borba, conceituado fazendeiro naquele município, em cuja fazenda, se acha o jazigo fossilífero que procurávamos. Inteirado de nossa missão oficial e em atenção aos desejos da Secretaria de Educação, de salvaguardar, para o Estado o patrimônio científico representado pelos fósseis que se encontram em sua propriedade, prontificou-se logo o sr. Borba a atender-nos acompanhando-nos, no dia seguinte, a sua bela fazenda e encarregando dois filhos de mostrar-nos o jazigo.

O autor de "Paleontología no Rio Grande do Sul" passa, então, a narrar como se verificou a descoberta dos fósseis, dizendo:

"O jazigo fica em pleno campo, mui distante da casa da fazenda, numa depressão do chamado "Pântano Grande". A descoberta dos primeiros fósseis foi feita, ocasionalmente, por um dos filhos do sr. Borba, graças a um desbarrencamento, produzido pelas águas duma sanga nos barrancos que a margeiam, sanga essa que atravessa a depressão fossilífera, nas proximidades de um de seus rebordos, e que serve de escoadouro das águas que nela ainda poderiam acumular-se, se não tivessem esse escoadouro natural".

"Logo que descemos o barranco, em companhia do dr. Dácio Guimarães, chefe do Posto de Higiene de Rio Pardo, do dr. Mendes e

dos dois filhos do sr. Borba, descobrimos, no leito da sanga, inúmeros fragmentos de ossos, entre os quais grande quantidade de placas de couraça de Gliptodontes, tátu gigantes, extintos, cujo tamanho ultrapassava o de um boi, assim como restos de uma gigantesca Preguiça fóssil, parente do Megatério que atribuímos, quasi com certeza, ao gênero Lestodon, encontrado pela segunda vez no Brasil, pois, entre os restos procedentes de São Gabriel e recolhidos ao Museu do Estado, conseguimos classificar no dito gênero, pela primeira vez no Brasil algumas peças de características inconfundíveis.

Paulo Couto refere-se, a seguir, à riqueza do jazigo, bem como a época em que viveram os fósseis descobertos, a qual se pode calcular em 400.000 anos, aproximadamente:

— Numa extensão de mais ou menos 200 metros — continua, o fundo da sanga está coberto de fragmentos fósseis misturados com ossos de animais recentes, principalmente de gado vacum e cavalar. No barranco, acham-se incrustados enormes ossos da Preguiça gigante, enterrados numa argila ou tabatinga cinzenta, algo porosa e mui viscosa, o que nos faz acreditar que seja um depósito de fundo do paúl ou pântano que ali devia existir, quando viviam os animais, cujos restos foram, agora, descobertos. Esta nossa hipótese é tanto mais viável quanto sabemos que a região é ainda hoje algo pantanosa e, por isso, denominada de "Pântano Grande". Na época Plei-

tocena, quando viviam os grandes mamíferos que ali deixaram os seus restos, o pântano devia ter forçosamente, uma extensão muito maior e muito mais contínua do que hoje é o fato de encontrarmos, enterrados na argila, tão numerosos restos fósseis, pertencentes a diversos indivíduos do mesmo gênero e de gêneros diferentes, ao ponto de podermos considerar a região, mui propriamente como um verdadeiro "cemitério de mamíferos pleistocênicos", é uma prova de que o pântano era procurado pelas grandes bêstas de antanho, que, em grande número nele pretendiam refrescar-se ou saciar a sede ou mesmo alimentar-se com os sumarentos talos das plantas herbáceas, próprias dos banhados, encontrando frequentemente a morte nos atoladouros ou sumidouros, tão comuns nos pântanos.

E após rápida pausa, Paula Couto acrescenta:

"Aliás, êste é também o caso do jazigo pampeano de São Gabriel, outro autêntico "cemitério de mamíferos pleistocênicos". Temos certeza de que, com pessoal pago para êste fim, trabalhando sob a nossa direção, e com o auxílio de pelo menos dois funcionários do Museu do Estado, munidos de todo o material apropriado e indispensável a um trabalho de tal natureza, coletaremos, em toda a depressão, muitos esqueletos completos ou quasi completos, dos gigantes mamíferos que acabámos de citar, além de outros, seus contemporâneos mas de gêneros diversos. Aliás toda a região do "Pân-

tano Grande", abrangendo fazendas de diversos proprietários, deve ser rica em fósseis, bastando-nos, para disso certificar-nos apenas explorá-la.

A natureza geológica do terreno fossilífero pleistocênico de Rio Pardo é — segundo tudo nos faz crer — idêntica à do jazigo pleistocênico de São Gabriel e os fósseis neles descobertos, todos característicos do Pampeano superior da Argentina e do Uruguái, pertencem aos mesmos gêneros.

Tanto por sua natureza geológica, como pelos fósseis que os caracterizam, êsses terrenos podem ser considerados, com toda a probabilidade como "pampeanos", o que quer dizer, pois, que a formação pempeana, tão extensa na Argentina e no Uruguái, começa no Rio Grande do Sul, a partir da margem esquerda do rio Jacuí, o que nos permite afirmar que a denominação de "terra dos pampas", dada, no Brasil, ao Rio Grande do Sul, tem a sua razão de ser".

Informa-nos, então, o jovem paleontologista rio-grandense que voltará, dentro em breve, àquele local, afim de reunir novos restos para restaurar completamente, os dois fósseis encontrados, sob os auspícios da Secretaria de Educação.

— "E' intenção da Secretaria da Educação — diz — enviar, na segunda quinzena do mês corrente ou nos primeiros dias de fevereiro próximo, sob a nossa direção, uma expedição paleontológica a Rio Pardo, com o fim de explorar o jazigo fossilífero e coletar o ma-

terial fóssil mais importante, que se ache melhor conservado, aproveitando também, para isso a flagrante boa vontade do Prefeito Municipal — Sr. Ernesto Wunderlich — que nos facilitou em tudo o que lhe foi possível, o desempenho de nossa missão, prometendonos ainda maior ajuda, para quando estivermos no serviço de coleta dos fósseis, razão por que que-

remos agradecer-lhe sinceramente, por intermédio de vosso jornal e em nome da Secretaria da Educação da qual fomos enviados, tôda a obsequiosa solicitude com que nos atendeu”.

(Entrevista concedida pelo sr. Carlos de Paula Couto, destacado sócio do Instituto Histórico do R. G. do Sul, à “Fôlha da Tarde” de Pôrto Alegre).

BIBLIOGRAFIA

ASPECTOS GERAIS DE CACHOEIRA

Fortunato Pimentel — Tip. Gundlach — Pôrto Alegre 1941

O sr. Fortunato Pimentel é um esforçado estudioso, incansável nas pesquisas históricas, contribuindo assim grandemente para maior conhecimento do nosso passado.

Acaba agora de divulgar novo trabalho que muito se recomenda pelo clima histórico, econômico, geológico e estatístico que apresenta. A cidade de Cachoeira encontrou em Fortunato Pimentel, a lúcida inteligência que carecia para por em relevo a sua riqueza agrícola e pastoril bem como tôda sua potencialidade administrativa.

Apreciável e útil monografia que todos os estudiosos devem ler.

O. S.

SOCIALIZAÇÃO DO DIREITO

Gabriel de Rezende F.º — Faculdade de Direito — São Paulo 1941

O trabalho que temos em mão é a oração que o autor, na qualidade de Paraninfo dos bacharelandos de

1940, proferiu na Faculdade de Direito de São Paulo. Bela peça oratória, doutrinária e conceituosa ao caracterizar o direito em face à socialização do aglomerado humano e a par da evolução civilizadora — Todo êsse empolgante trabalho obedece a um *criterium* de tese grandemente expressionista e de viva atualidade cuja leitura é um complexo de ensinamentos.

O. S.

FASCISMO — CATOLICISMO — JUSTIÇA

A. Pompeo de Camargo — E. G. da Revista dos Tribunais — São Paulo 1941

São páginas de palpitante atualidade onde o autor se confessa empolgado por acontecimentos que se refletem no seio do regime totalitário que êste século criou para tornar mais profunda a angústia do mundo. Seus trabalhos são bem pensados e se revela um conhecedor das boas crônicas, de sabor psicológico.

Livro que se lê com prazer abso-luto e até mesmo com alegria.

O. S.

APONTAMENTOS HISTÓRICOS E ESTATÍSTICOS DE BAGÉ

*Jorge Reis — Tip. Jornal do Povo
— Bagé 1911*

Um livro antigo, de há 30 anos que pessoa da família do autor fez chegar às nossas mãos. E' um excelente subsídio para a história do Estado onde a bela cidade da fronteira aparece delineada e vivida com suas características históricas, acontecimentos urbanos e pormenores que muito enriquecem a obra do finado ajudante da procuradoria da República, sr. Jorge Reis.

O. S.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SÔBRE PROGRAMAS ESCOLARES

Sólón Borges dos Reis — S. Carlos 1941

O professor Sólón Borges dos Reis apresenta um meditado estudo referente ao ensino em geral no Brasil. Desde a essência primária às exigências de pedagogia em grau superior, o autor, em seu plano geral, reúne fórmulas bem estudadas. E' exato que no programa está o exito das realizações e nesse traçado deve tudo estar condensado de tal forma que o ensino, notadamente o primário, resulte completo e satisfatório.

Excelente trabalho que merece ser lido e analisado. —

O. S.

FESTA DA ÁRVORE

Fortunato Pimentel — Tip. Gundlach — Pôrto Alegre 1941

Trata-se de um discurso proferido pelo ilustrado historiador Fortunato Pimentel por ocasião da comemoração do *Dia da Árvore* realizado em São Leopoldo. O autor estuda, em ligeira síntese, a contribuição econômica dos nossos campos florestais fazendo um paralelo com a riqueza do norte do país onde tudo se converte numa sinfonia infinita de matas exuberantes. Com isso o autor enalteceu a árvore elevando o destino do Brasil. —

O. S.

O BI-CENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO DE PÔRTO ALEGRE

General Souza Docca — Grafica Laemmert Lt. — Rio de Janeiro 1941

O grande historiador patricio General Souza Docca reuniu em livro o seu trabalho divulgado em parte pela imprensa onde estuda e determina a data do Bi-Centenário da cidade de Pôrto Alegre. A respeito dessa controvérsia suscitada pelo autor, já se pronunciaram diversos historiadores interessados no debate.

O trabalho do Gal. Souza Docca é por demais interessante, tanto sob o aspecto histórico como documental e desde que o dia 5 de novembro de 1940 foi tomado como sendo o dia oficial para ser comemorado o Bi-centenário, como efetivamente aconteceu é de justiça e de interês-

se essencialmente histórico que sejam reabertos os debates em torno desse importante tema. Para isso será indispensável uma serenidade absoluta de ânimo abolindo a idéia pessoal e num ambiente de estudo e cordialidade restabelecer a verdade conforme a ética da boa interpretação documental.

O. S.

DOIS TITÃS DO IMPÉRIO

L. de Oliveira Bello — Imprensa Naval — Rio de Janeiro 1941

O sr. L. de Oliveira Bello que é um ilustrado oficial da nossa marinha de guerra, tem se distinguido nos últimos tempos pela sua constância na elaboração de estudos históricos. Sua característica principal é o critério dos conceitos e honestidade nas suas investigações.

Dois Titãs do Império é uma ótima monografia onde são estudados dois grandes vultos do nosso passado integrados na história nacional: Caxias e Tamandaré. Nunca é demais falarmos sobre homens que iluminaram um ciclo glorioso da vida americana. Além desses dois vultos inconfundíveis, o autor estuda ainda, na conferência proferida no Círculo dos Oficiais Reformados, a estranha personalidade de Marcílio Dias, autêntico herói da gloriosa Marinha Brasileira. O sr. L. de Oliveira Bello, com sua brilhante inteligência está prestando um grande serviço às letras históricas do país.

O. S.

ANTÔNIO BEZERRA

Andrade Furtado — Imprensa Oficial — Fortaleza, Ceará 1941

Ai está o perfil de um homem que a história cearense crismou de *Cearense Padrão* como o chama Andrade Furtado. Seu biografado, pelo valor mental e sentimentos raros foi efetivamente um grande brasileiro, um patriota de puro ardor defendendo todos os problemas de interesse nacional como o movimento abolicionista que defendeu ardorosamente.

O autor deste trabalho, Manuel Antonio de Andrade Furtado que é uma das mais belas expressões da intelectualidade cearense dos nossos dias, ao estudar a personalidade de Antonio Bezerra, o fez magistralmente, numa síntese onde se resume o alto espírito do *Cearense Padrão*.

O. S.

REVISTAS

— Revista das Academias de Letras do Brasil — N.º 36 — Agosto de 1941 — Órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil — Rio de Janeiro.

— Estandarte Cristão — Periódico da Igreja Episcopal Brasileira — Porto Alegre — Novembro 1941.

— Investigaciones Históricas — 2 opulentos volumes — 1935-1937 — Buenos Aires.

— Documentos para la História Argentina — 3 alentados e preciosos tomos ns. XV-XVI-XVII — 1922 — Buenos Aires.

— Universidad — n.º 9 — Publi-

cacion de la Universidad Nacional del Litoral — 1941 — Santa Fé.

— Boletim de Historia y Antigüedades — Julho e Agosto 1941 — Bogotá.

— Annals of the Association of American Geographers — Setembro 1941 — Lancaster — U. S. A.

— Tradição — revista de cultura — setembro 1941 — Recife.

— Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte — 1938-1940 — Natal.

Volume com excelente material histórico sendo seus redatores Nestor Lima, Antonio Soares e Luiz da Camara Cascudo nomes laureados das nossas letras.

— Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano — 2 ótimos volumes — 1937-38 e 1939-40 — Pernambuco.

— GEGHP — Revista do Gabinete de Estudos de Geografia e

História de Paraíba — Abril 1941 — João Pessoa.

— Revista de Geografia — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — 2 volumes preciosos — Abril-Junho e Julho-Setembro — 1941 — Rio de Janeiro.

— Sistema de Remuneração e registro dos professores particulares — Ministério da Educação e Saúde — 1941 — Rio de Janeiro.

— Organização dos Desportos — Ministério e da Educação e Saúde — 1941 — Rio de Janeiro.

— Revista do Arquivo Municipal — 2 excelentes volumes ns. 73 e 77 — Departamento de Cultura — 1941 — São Paulo.

— Estatísticas Culturais — 3 volumes correspondentes a 1937-1938 e 1939 — Diretoria de Estatística Educacional — Pôrto Alegre.

— Revista Universitária — 2 exemplares — Setembro e Novembro 1941 — Pôrto Alegre.

Pedimos, por obsequio, que os livros e revistas destinados ao Instituto sejam endereçados sem menção de nomes dos socios.

PLANO de las marchas y acampam^{to} de las Tropas Españolas sobre el Rio Grande

y Rio Pardo en la Expedición el año de 1773. Mandado
p. el Gobernador, y Cap^l Gen^l Dⁿ Juan José de Vertiz.



Escala de 1/2 Leguas Castellanas

Juan Rodríguez

See foot.

Explicación al presente
de Plano

1. Acampam^{to} al Sur de Aguas
2. Batalla de los Españoles y de
de Rio
3. Paso de Vaca y de la Sierra del
Portugues
4. Acampam^{to} al Norte
5. Acampam^{to} al Norte de la
Parroquia de San Marcos
6. Otro Acampam^{to}
7. Situación de las Tropas en Columna
nos sobre el Rio alto y se for-
maron las Columnas p^a atacar los
Pases de Arroyo Italingay
8. Columna al Cargo del Hon-
orable Coronel Dⁿ Felipe de
la Compañía de Santa Fe de
y Corrientes y Montados
9. Columna al Cargo del Co-
ronel de Infantería Compa-
ña de Vanguardia y In-
fantaria Desmontada Montada
con Costados de Santa Fe de
Corrientes y Montados y Ma-
guayá y Chagones y de
de los montados
10. Columna al Cargo del Coronel
de Chagones compuesta de
las Tropas q^e han formado el
Número 2

11. Pasa de la Sierra y de
genio y montados en formación
de la Sierra y de la
Coronel de Chagones p^a atacar
la Maguayá de el Desamparado
del Portugues q^e habían Desamparado
el Paso q^e Guastavon
12. Desamparado q^e habían Salido de
dha Columna a Aprender la
Maguayá del Portugues q^e se
hallaron fuertes en la espesura del
monte
13. Desamparado y Ciudad q^e habían
an tomado los Portugueses antes
de su retirada
14. La Esplanada Maguayá de
Portugueses en Defensa
15. Vanguardia de Portugueses
q^e origin su retirada
16. Acampam^{to} al Sur de Rio
Pardo
17. Acampam^{to} al Norte de Italingay
18. Paso de Rio Pardo
19. Población de Rio Pardo
20. Camina q^e lleban las Tropas
en retirada p^a el Rio Grande
21. Rio Pardo
22. Camina q^e habían tomado la
Pareda de Portugueses q^e habían
hecho Casa a tomar su Paso p^a
Impedirla, Portugueses en retirada
de marcha los Españoles

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20

IV - Algumas obs

Número de ordem	IDENTIFICAÇÃO DO CHEFE DE FAMÍLIA										FILHOS														RESIDÊNCIA		
	Idade	Profissão	Raça	SALÁRIO		Horário de trabalho	Estado civil	Pessoas na família	MULHER		FILHOS						FILHAS						Alvenaria	Madeira			
				Diário	Mensal				Serviços domésticos	Serviços externos	Número	Maiores de 10 anos	Menores de 10 anos	Serviços domésticos	Serviços externos	SALÁRIO		Número	Maiores de 10 anos	Menores de 10 anos	Serviços domésticos	Serviços externos			SALÁRIO		
																Diário	Mensal								Diário	Mensal	Diário
5	56	Jorn. de risicultura.....	preta	6\$000	—	6 às 8 h/8 ½; 12/13 ½ - 19 ½..	casado	9	+	—	4	1	3	—	3	5\$, 3\$, 2\$500	—	3	1	2	1	—	—	—	—	—	—
9	38	Quitandeiro	branco	10\$ a 15\$	—	não tem	casado	6	+	—	3	—	2	—	—	—	—	1	—	1	—	—	—	—	—	+	
17	40	Pequeno proprietário	branco	—	—	não tem	casado	5	+	—	3	—	3	—	—	—	—	1	1	—	1	—	—	—	—	+	
22	30	Pequeno proprietário	mixta	—	—	não tem	casado	6	+	—	2	—	2	2	—	—	—	2	—	2	—	—	—	—	—	+	
33	25	Jorn. de risicultura.....	mixta	7\$000	—	6 - 8 h/8 ½; 12/13 ½ - 19 ½....	casado	3	+	—	1	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+	
35	—	Fazendeira	branca	—	—	não tem	viúva	8	+	—	1	1	—	—	+	—	+	3	3	—	2	1	—	+	+	—	
37	—	Fazendeira	branca	—	—	não tem	viúva	13	+	—	1	1	—	—	+	—	—	—	—	—	—	—	—	+	+	—	
41	45	Jorn. resiculator	mixta	6\$500	—	6 - 9 h; 9 ½ - 12; 13 ½ - 19....	casado	7	+	—	3	2	1	1	1	2\$500	—	2	1	1	1	1	3\$500	—	—	—	
43	46	Jorn. resiculator	branco	7\$ e 6\$	—	6 - 8 h; 8 ½ - 12; 13 ½ - 19....	casado	8	+	—	3	2	1	1	2	6\$000 e 2\$500	—	3	2	1	3	—	—	—	—	—	
50	51	Pequeno agricultor	mixta	—	—	não tem	casado	9	+	—	5	—	5	—	—	—	—	2	1	1	1	—	—	—	—	—	
62	45	Pequeno agricultor	mixta	—	—	não tem	casado	6	+	—	1	1	—	+	1	—	—	2	2	—	2	—	—	—	+	—	
63	63	Sem profissão	branca	—	—	não tem	casado	9	+	—	4	3	1	—	3	2\$, 1\$, 1\$500	—	3	1	2	3	—	—	—	—	—	
68	42	Peão de Fazenda.....	branca	—	300\$000	não tem fixo.....	casado	6	+	—	4	1	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
72	52	Pequeno agricultor	branca	—	—	não tem	casado	5	+	—	3	3	—	—	3	6\$ a 5\$000	150\$000	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
74	40	Pequeno agricultor	branca	—	—	não tem	casado	9	+	—	7	4	3	1	4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
79	46	Pequeno agricultor	branca	—	—	6 - 8 h; 8 ½ - 12; 13 ½ - 19....	casado	5	+	—	2	2	—	—	2	6\$000	40\$000	1	1	—	1	—	—	—	—	+	
80	45	Pequeno agricultor	branca	—	—	não tem	casado	8	+	—	5	3	2	1	2	+	—	1	1	—	1	—	—	—	+	—	
93	52	Pequeno agricultor	branca	—	—	não tem	casado	4	+	—	1	1	—	—	1	—	—	1	1	—	1	—	—	—	+	—	
95	50	Pequeno agricultor	branca	—	—	não tem	casado	8	+	—	3	3	—	—	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+	—	
102	43	Pequeno fazendeiro	branca	—	—	não tem	casado	12	+	—	6	2	4	1	1	—	—	4	2	2	2	—	—	—	+	—	
108	24	Escrivão	branca	—	—	10 h - 16 h.	casado	2	+	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+	—	
112	60	Fazendeiro	branca	—	—	não tem	casado	4	+	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+	—	
130	50	Fazendeiro	branca	—	—	não tem	viúva	16	+	—	8	8	—	—	8	6\$ a 7\$000	—	1	1	—	1	—	—	—	+	—	
132	65	Militar e fazendeiro.....	branca	—	3:000\$000	não tem	casado	4	+	—	1	1	—	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	+	—	
135	65	Escrivão	branca	—	—	10 h - 16 h.	casado	10	—	+	1	1	—	—	1	—	450\$000	—	—	—	—	—	—	—	+	—	
138	35	Agricultor	branca	—	—	não tem	casado	8	+	—	6	2	4	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+	—	
149	43	Médico	mixta	—	—	não tem	casado	14	+	—	4	3	1	—	—	—	—	5	2	3	—	—	—	—	+	—	
150	—	Ferroviário	mixta	—	300\$000	8 - 12 h; 13 ½ - 17 ½	casado	2	+	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+	—	
156	36	Jorn. agricultor.....	branca	7\$000	—	6 - 8 h; 8 ½ - 12; 13 ½ - 19....	casado	7	+	—	2	1	1	2	—	—	—	3	—	3	1	—	—	—	—	+	
160	30	Chôfer	mixta	—	200\$000	não tem fixo.....	casado	2	+	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+	—	
170	48	Industrialista	branca	—	—	não tem	casado	14	+	—	8	6	4	3	3	—	—	4	1	3	1	—	—	—	+	—	
172	—	—	branca	—	—	—	viuva	5	+	—	3	3	—	—	3	7\$000, 5\$500	—	1	—	1	1	—	—	—	—	—	
174	37	Pequeno proprietário	branca	—	—	não tem	casado	4	+	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	+	—	—	—	—	—	—	
175	43	Fazendeiro resiculator	branca	—	—	não tem	casado	4	+	—	1	1	—	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	+	—	
180	66	Estadista inglês	branca	—	—	7 - 24 h. c/pouco repouso.....	casado	—	—	+	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
181	47	Pequeno proprietário	branca	—	—	não tem	casado	8	+	—	3	—	3	—	—	—	—	3	3	—	3	—	—	—	+	—	
190	—	Hospital Cidade	—	—	—	—	—	—	—	+	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+	—	
193	35	Carreteiro	branca	—	—	não tem	casado	5	+	—	3	—	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+	—	
200	53	Auxiliar máquina	branca	—	300\$000	6 - 8 h; 8 ½ - 12; 13 ½ - 17....	casado	9	+	—	4	2	2	2	2	6\$-6\$000	—	3	3	—	3	—	—	—	—	—	
201	—	Operários da turma provisória de substituição de trilhos da 4.ª Divisão da V. F. R. G. do Sul, em número de 35.....	—	8\$000	—	8 horas	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+	—	

+. bastate usa
+
+. raramente usa
+. pouco usa

9 Com leite (1)
17 Com farinha de m
33 Toma leite (1) Ba
37 Só assistimos ao
43 Leite cozido à noit
62 Após almoço 1 ch

umas observações sôbre alimentação no Município de Rio Pardo - R

D A D O S D E F A M í L I A

C U L T I V A

[illegible]

OBSERVAÇÕES

- 9 Com leite (1)
17 Com farinha de milho (1)
33 Toma leite (1) Banana (2)
37 Só assistimos ao almôço
43 Leite cozido à noite
62 Após almôço 1 xícara de leite (1) e outra à noite

- 74 Leite à noite
79 Mate à noite
102 Leite depois do almoço (1) Bananas, laranjas, limas
132 Só assistimos à janta
135 Usa pouca aveia

- 138 Usa aveia à noite
149 Usa aveia
150 À noite mate doce com pão
156 Pela manhã arroz — feijão — farinha — banha — refogado
180 (1) Chávena de chá depois aveia. Salmão. 3 ovos, marmelada.

- (2) Torrada
181 (1) Frutas à vontade. (2) Leite depois da r
batata doce
190 (1) Um ovo cozido. (2) às 10 hs. 250 de cald
193 (1) Mate chimarrão de madrugada, e doce à
de milho.

Rio Grande do Sul

[illegible]

RAÇÃO INDIVIDUAL DIÁRIA DISTRIBUÍDA EM GÊNEROS POR OCASIÃO DA GRANDE ENCHENTE DE MAIO DE 1941 NO MUNICÍPIO DE RIO PARDO

GÊNEROS	HOMENS										MULHERES										CRIANÇAS										VALOR		PREÇOS CORRENTES HOJE:
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Econômico	Calorias	
	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	10	20	25	30	40	50	60	70	80	90	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	\$005	7	
.....	A d l i b i t u m										A d l i b i t u m										A d l i b i t u m										\$003	20	Café Kg. 4\$200
.....	150	300	450	600	750	900	1050	1200	1350	1500	110	220	330	440	550	660	770	880	990	1100	75	150	225	300	375	450	525	600	675	750	\$420	—	Erva-mate Kg. \$240
.....	2	4	6	8	10	12	14	16	18	20	1 ½	3	4 ½	6	7 ½	9	10 ½	12	13 ½	15	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	ou \$400	426	Bolacha Kg. 1\$800
.....	50	100	150	200	250	300	350	400	450	500	40	80	120	160	200	240	280	320	360	400	25	50	75	100	125	150	175	200	225	250	\$060	195	Açúcar Kg. 1\$200
.....	150	300	450	600	750	900	1050	1200	1350	1500	110	220	330	440	550	660	770	880	990	1100	75	150	225	300	375	450	525	600	675	750	\$150	536	Carne com osso Kg. 1\$800
.....	200	400	600	800	1000	1200	1400	1600	1800	2000	150	300	450	600	750	900	1050	1200	1350	1500	100	200	300	400	500	600	700	800	900	1000	\$140	644	Arroz Kg. 1\$000
dioca	200	400	600	800	1000	1200	1400	1600	1800	2000	150	300	450	600	750	900	1050	1200	1350	1500	100	200	300	400	500	600	700	800	900	1000	\$080	682	Feijão Kg. \$700
.....	50	100	150	200	250	300	350	400	450	500	40	80	120	160	200	240	280	320	360	400	25	50	75	100	125	150	175	200	225	250	\$200	455	Banha Kg. 4\$000
.....	100	200	300	400	500	600	700	800	900	1000	100	200	250	300	450	500	600	700	800	900	50	100	150	200	250	300	350	400	450	500	—	—	Farinha de mandioca. Kg. \$400
.....	150	300	450	600	750	900	1050	1200	1350	1500	110	220	330	440	550	660	770	880	990	1100	75	150	220	300	375	450	525	600	675	750	\$270	135	Sal Kg. \$390
.....	30	60	90	120	150	180	210	240	270	300	20	40	60	80	100	120	140	160	180	200	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	\$012	—	O equivalente da carne pode ser fornecido em feijão.
																															1\$740	3.100	Foi de 30 % a quebra nos gê- neros.

+ Uma medida (caneca) = 300.0 de arroz
250.0 de feijão
350.0 de banha
300.0 de açúcar
250.0 de farinha de mandioca
450.0 de sal
100.0 de café
150.0 = 10 bolachas

ATENDIDAS DIARIAMENTE 8 DIAS NO PÓSTO DE DISTRIBUIÇÃO:

364 famílias compostas por

449 homens
607 mulheres
1.704 crianças

2.760

1.0 = Homem 1\$750
0.85 = Mulher 1\$500
0.53 = Criança \$950

4\$200

E EM RIO PARDO

A			MESES DO ANO												HORAS		SEXO		ZONAS			Ob. p/ tub.	DISTRITOS							6BITO GERAL	PERCEN- TAGENS	
	Estudante	Músico	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	0-12	13-24	Ignorado	Masculino	Feminino	Urbana	Suburbana	Rural	Óbito p/tuberc.	1.º Distrito	2.º Distrito	3.º Distrito	4.º Distrito	5.º Distrito	6.º Distrito	7.º Distrito	Óbito geral	%
1863	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	1	—	1	—	—	1	—	1	1	—	—	—	—	—	10	10,00
1864	—	—	1	—	1	2	—	—	—	1	—	—	1	1	—	—	7	4	3	—	7	—	—	7	7	—	—	—	—	65	12,30	
1865	—	—	1	2	—	1	—	—	—	4	4	2	2	—	5	11	—	11	5	—	16	—	—	16	16	—	—	—	—	143	11,11	
1866	—	—	—	—	1	1	—	—	1	—	2	—	—	1	—	—	6	6	—	6	—	—	6	6	—	—	—	—	69	8,69		
1867	—	—	—	1	—	1	—	—	1	—	1	—	2	—	—	—	6	3	3	—	6	—	—	6	6	—	—	—	54	11,11		
1868	—	—	1	—	—	—	2	1	2	—	—	—	1	—	—	—	7	1	6	—	7	—	—	7	7	—	—	—	59	11,86		
1869	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	2	2	—	—	—	—	5	—	5	—	5	—	—	5	5	—	—	—	65	7,69		
1870	—	—	—	2	—	—	—	1	—	—	—	—	1	1	—	—	5	1	4	—	5	—	—	5	5	—	—	—	68	7,35		
1871	—	—	1	—	1	—	—	1	—	—	1	—	1	1	—	—	6	2	4	—	6	—	—	6	6	—	—	—	80	7,50		
1872	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	1	—	—	—	—	—	2	—	2	—	2	—	—	2	2	—	—	—	25	8,00		
1873	—	—	1	1	4	—	—	—	—	—	1	2	1	—	—	—	10	1	9	—	10	—	—	10	10	—	—	—	60	16,66		
1874	—	—	1	—	—	—	—	—	—	1	—	1	2	—	—	—	5	—	5	—	5	—	—	5	5	—	—	—	66	7,57		
1875	—	—	1	1	2	—	2	—	—	—	2	—	—	1	—	—	9	1	8	—	9	—	—	9	9	—	—	—	62	14,51		
1876	—	—	—	1	—	1	—	—	—	1	2	1	1	—	—	—	7	4	3	—	7	—	—	7	7	—	—	—	63	11,11		
1877	—	—	1	—	2	—	—	1	—	2	—	—	—	1	2	—	5	2	5	—	7	—	—	7	7	—	—	—	74	9,45		
1878	—	—	1	1	—	1	—	1	1	2	—	1	1	2	8	3	—	5	6	—	11	—	—	11	11	—	—	—	124	8,87		
1879	—	—	—	—	2	—	1	—	—	1	—	—	—	—	2	2	—	—	4	—	4	—	—	4	4	—	—	—	85	7,70		
1880	—	—	—	3	—	—	3	1	2	1	—	1	1	—	2	10	—	5	7	—	12	—	—	12	12	—	—	—	81	14,81		
1881	—	—	—	1	1	—	—	—	1	1	—	—	—	1	2	4	—	2	4	—	6	—	—	6	6	—	—	—	62	9,67		
1882	—	—	—	1	1	1	1	—	—	—	—	1	—	3	—	8	—	2	6	—	8	—	—	8	8	—	—	—	77	10,38		
1883	—	—	—	1	—	—	—	1	—	—	1	—	1	—	3	1	—	2	2	—	4	—	—	4	4	—	—	—	80	5,00		
1884	—	—	—	—	—	1	—	1	—	—	1	1	1	—	2	3	—	1	4	—	5	—	—	5	5	—	—	—	64	7,81		
1885	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	1	—	1	—	—	1	1	—	—	—	—	143	0,69		
1886	—	—	2	—	2	—	1	—	1	—	—	—	—	—	4	2	—	4	2	—	6	—	—	6	6	—	—	—	52	11,53		
1887	—	—	1	—	—	—	—	1	—	—	—	1	—	—	1	2	—	3	—	—	3	—	—	3	3	—	—	—	35	8,37		
1888	—	—	—	3	—	—	1	—	—	—	1	1	—	—	2	4	—	6	—	—	6	—	—	6	6	—	—	—	68	8,82		
1889	—	—	1	—	—	2	2	—	1	1	1	3	1	—	8	4	—	7	5	—	12	—	—	12	12	—	—	—	185	7,56		
1890	—	—	—	—	—	1	1	—	—	—	2	1	1	—	6	—	—	5	1	—	5	1	—	6	5	—	1	—	162	3,70		
1891	—	—	1	—	—	1	—	—	—	—	2	—	1	1	2	4	—	5	1	—	6	—	—	6	6	—	—	—	172	3,48		
1892	—	—	1	2	—	—	2	—	2	1	1	1	1	1	6	6	—	9	3	—	12	—	—	12	12	—	—	—	183	6,50		
1893	—	—	—	1	1	—	—	1	—	—	—	1	1	—	2	3	—	4	1	—	4	1	—	5	5	—	—	—	174	2,87		
1894	—	—	—	—	—	—	1	1	2	3	—	—	1	—	1	7	—	3	5	—	8	—	—	8	8	—	—	—	191	4,18		
1895	—	—	2	—	1	—	1	1	—	2	1	—	3	—	2	9	—	11	—	—	11	—	—	11	11	—	—	—	187	5,91		
1896	—	—	2	1	—	2	—	1	3	1	3	2	—	—	9	6	—	9	6	—	15	—	—	15	15	—	—	—	178	8,42		
1897	—	—	1	—	2	—	2	3	2	2	1	—	—	—	7	6	—	8	5	—	13	—	—	13	13	—	—	—	105	12,00		
1898	—	—	—	2	—	1	1	1	1	1	—	—	1	3	3	8	—	5	6	—	11	—	—	11	11	—	—	—	102	10,78		
1899	—	—	—	3	2	—	4	1	—	2	1	1	—	—	6	8	—	8	6	—	14	—	—	14	14	—	—	—	102	13,72		
1900	—	—	2	—	—	1	—	1	1	5	—	—	—	2	6	6	—	5	7	—	12	—	—	12	12	—	—	—	97	12,37		
1901	—	—	3	—	1	—	—	2	1	2	2	1	3	—	7	8	—	6	9	—	15	—	—	15	15	—	—	—	87	17,24		
1902	—	—	—	3	—	1	1	2	—	—	2	—	5	2	10	6	—	6	10	—	16	—	—	16	16	—	—	—	110	14,54		
1903	—	—	—	1	1	4	2	1	—	—	1	—	1	—	5	6	—	5	6	—	11	—	—	11	11	—	—	—	95	11,58		
1904	—	—	—	—	—	1	—	1	—	—	1	1	—	2	—	6	—	2	4	—	6	—	—	6	6	—	—	—	62	9,67		
1905	—	—	—	2	—	2	—	1	—	—	—	—	1	—	—	6	—	2	4	—	6	—	—	6	6	—	—	—	68	8,95		
1906	—	—	1	1	—	1	—	—	4	1	1	2	2	—	6	7	—	8	5	—	13	—	—	13	13	—	—	—	109	12,00		
1907	—	—	—	1	1	1	3	4	—	2	2	1	—	1	8	8	—	8	8	—	16	—	—	16	16	—	—	—	118	13,50		
1908	—	—	—	1	1	—	1	1	—	—	—	1	1	1	4	3	—	3	4	—	7	—	—	7	7	—	—	—	65	10,78		
1909	—	—	—	1	3	—	—	2	—	—	1	1	2	1	5	6	—	5	6	—	11	—	—	11	11	—	—	—	91	12,07		
1910	—	—	—	—	—	—	1	—	—	2	—	2	1	—	2	4	—	1	5	—	6	—	—	6	6	—	—	—	90	6,66		
1911	—	—	2	2	—	—	—	—	1	1	3	1	—	—	5	5	—	8	2	—	10	—	—	10	10	—	—	—	94	10,62		
1912	—	—	—	—	—	—	—	—	1	5	—	—	1	—	2	5	—	7	—	—	7	—	—	7	6	—	1	—	194	3,60		
1913	—	1	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	1	1	2	1	—	3	—	—	3	—	—	3	3	—	—	—	163	1,82		
1914	—	—	2	1	2	2	1	3	—	—	1	4	1	—	8	9	—	10	7	—	17	—	—	17	17	—	—	—	102	16,66		
1915	—	—	—	—	3	—	2	2	—	—	1	1	—	2	6	5	—	8	3	—	11	—	—	11	11	—	—	—	105	10,47		
1916	—	—	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	—	7	5	—	9	3	—	12	—	—	12	12	—	—	—	89	13,49		
1917	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3	1	—	3	1	—	1	3	—	4	—	—	4	4	—	—	—	99	5,05		
1918	—	—	1	—	—	—	1	—	3	—	3	1	3	—	8	4	—	4	8	—	12	—	—	12	12	—	—	—	143	8,39		
1919	—	—	1	1	1	1	1	—	1	1	—	1	—	1	7	2	—	9	—	—	9	—	—	9	9	—	—	—	107	8,41		
1920	—	—	2	1	—	—	1	—	—	—	—	1	—	1	5	1	—	1	5	—	6	—	—	6	6	—	—	—	74	8,10		
1921	—	—	—	1	1	2	1	—	1	—	—	—	—	1	5	2	—	4	3	—	7	—	—	7	7	—	—	—	61	11,47		
1922	—	—	—	—	—	—	1	—	—	3	1	—	—	—	2	3	—	4	1	—	5	—	—	5	4	—	—	—	50	10,00		
1923	—	—	—	—	1	—	1																									

XIII. MAPA ESTATÍSTICO DA TUBERCULOSE EM RIO PARDO

ANO	RAÇA				ESTADO CIVIL				IDADE				PROFISSÕES																				MESES DO ANO																			
	Branca	Preta	Índio	Pardo	Ignorado	Solteiro	Casado	Viuvo	Menor	Ignorado	0-2	3-10	11-15	De mais	Fazendeiro	Costureira	Doméstica	Comerciante	Func. Público	Agricultor	Cozinheira	Escravo	Militar	Menor	Jornaleiro	Libert.	Sapateiro	Alfaiate	Ignorado	Pedreiro	Ferroviário	Carpinteiro	Marítimo	Motorista	Foguista	Barbeiro	Operário	Artista	Tipografia	Pintor	Estudante	Músico	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho				
1863	—	—	1	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1864	4	1	—	2	—	5	1	1	—	—	—	—	—	7	—	—	2	1	1	1	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1865	12	—	—	4	—	10	6	—	—	—	—	1	15	—	—	—	5	1	—	—	—	—	10	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1866	2	2	—	2	—	4	1	—	1	—	1	—	5	—	—	—	2	—	—	—	—	1	2	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1867	2	2	—	2	—	3	1	—	2	—	—	2	4	—	—	—	1	—	—	—	—	2	—	2	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1868	2	2	1	2	—	5	1	—	1	—	—	1	—	6	—	1	4	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1869	3	—	—	2	—	3	1	1	—	—	—	—	—	5	—	—	5	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1870	3	2	—	—	—	5	—	—	—	—	—	—	—	5	—	—	4	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1871	4	1	—	1	—	3	2	—	1	—	—	—	1	5	—	—	3	—	—	—	—	1	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1872	—	1	—	1	—	1	1	—	—	—	—	—	—	2	—	—	1	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1873	5	4	—	1	—	7	3	—	—	—	—	—	1	9	—	—	4	—	—	—	—	5	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1874	2	3	—	—	—	3	—	2	—	—	—	1	—	4	—	—	2	—	—	—	—	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1875	2	1	—	6	—	6	1	2	—	—	—	—	1	8	—	—	6	—	—	—	—	3	—	—	—	—	0	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1876	2	4	0	1	—	5	2	—	—	—	—	—	—	7	—	—	2	—	—	—	—	3	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1877	4	1	—	2	—	5	—	1	1	—	—	—	1	6	—	—	4	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1878	5	2	1	3	—	7	3	1	—	—	—	—	11	—	—	—	7	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1879	1	3	—	—	—	3	—	1	—	—	—	—	—	4	—	—	2	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1880	6	4	—	2	—	7	4	1	—	—	4	—	—	8	—	—	4	—	—	—	—	3	1	—	—	—	—	—	—	—	4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1881	—	2	1	3	—	5	1	—	—	—	2	—	—	4	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	5	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1882	1	1	—	6	—	8	—	—	—	—	—	—	—	8	—	—	6	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1883	4	—	—	—	—	3	1	—	—	—	—	—	—	4	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1884	2	—	—	3	—	4	—	1	—	—	2	—	—	3	—	—	4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1885	—	—	—	1	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1886	2	2	—	2	—	5	1	—	—	—	—	—	—	6	—	—	1	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1887	2	—	—	1	—	1	2	—	—	—	—	—	—	3	—	—	—	—	—	—	—	—	0	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1888	4	—	—	2	—	4	2	—	—	—	—	1	—	5	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1889	2	5	—	4	1	9	1	1	1	—	—	—	1	11	—	—	5	—	—	—	—	—	3	1	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1890	5	—	—	1	—	4	2	—	—	—	—	—	—	6	—	—	2	—	—	—	—	—	1	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1891	4	—	—	2	—	4	2	—	—	—	—	—	—	6	—	—	2	—	—	—	—	—	2	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1892	4	1	—	7	—	11	1	—	—	—	—	—	—	12	—	—	2	—	—	—	—	—	9	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1893	2	3	—	—	—	2	3	—	—	—	—	—	—	5	—	—	2	—	—	—	—	—	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1894	5	2	—	1	—	5	2	1	—	—	—	—	—	8	—	—	5	1	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1895	2	4	—	5	—	8	3	—	—	—	—	—	—	11	—	—	1	—	—	—	—	—	7	—	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1896	4	10	—	1	—	9	5	1	—	—	—	—	—	15	—	—	6	—	—	—	—	—	8	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1897	2	3	1	7	—	8	2	—	3	—	—	—	2	10	—	—	4	—	—	—	—	—	4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1898	5	2	3	1	—	7	2	—	2	—	1	1	—	9	—	—	4	—	—	—	—	—	3	—	0	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1899	9	3	—	2	—	3	9	1	1	—	1	—	—	13	1	—	3	—	—	—	—	—	1	—	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		

Esboço do Município do Rio Pardo, em 1936



Legenda

- Estradas de rodagem
- Cidades
- Vilas em poções
- △ Sinaes em marcos geodeticos
- - - Estações da estrada de ferro
- - - Estrada de ferro
- Rios e arroios
- Indica os limites do município

Município de Cruzaltina

Escala 1:500.000

XVI — QUADRO SINÓPTICO DO MUNICÍPIO DE RIO PARDO EM 1939

DENOMINAÇÕES, ÁREAS E POPULAÇÃO DOS DISTRITOS

1.º DISTRITO (cidade)	PASSO DO SOBRADO	RINCÃO DEL REI	PEDERNEIRAS	CAPIVARÁ	JOÃO RODRIGUES	TABATINGA	BEXIGA
73.852 m. ² 6.000 hs.	218.840 m. ² 4.000 hs.	242.475 m. ² 3.500 hs.	347.470 m. ² 3.000 hs.	927.247 m. ² 6.000 hs.	215.770 m. ² 2.000 hs.	773.389 m. ² 2.000 hs.	415.335 m. ² 3.000 hs.

PREDOMINÂNCIA NA POPULAÇÃO

Nacionais	De origem alemã	De origem alemã	Nacionais	Nacionais	Nacionais	Nacionais	Nacionais
-----------	-----------------	-----------------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DIVISÃO DA TERRA

Pequenas áreas	Pequenas áreas	Pequenas áreas	Grandes e pequenas áreas	Grandes áreas	Grandes e pequenas áreas	Grandes áreas	Grandes e pequenas áreas
----------------	----------------	----------------	--------------------------	---------------	--------------------------	---------------	--------------------------

PREDOMINÂNCIA DO CULTIVADOR DA TERRA

Citadino	Pequeno agricultor	Pequeno agricultor	Fazendeiro e pequeno agricultor	Grandes Fazendeiros	Fazendeiros e agricultores	Grandes Fazendeiros	Fazendeiros e agricultores
----------	--------------------	--------------------	---------------------------------	---------------------	----------------------------	---------------------	----------------------------

GÊNEROS ALIMENTÍCIOS QUE PRODUZEM MAIS

Feijão, milho, porcos e aves	Arroz, feijão, milho, cebola, batata inglesa, frutas e verduras	Gado bovino, arroz, mandioca, batata doce, milho	Gado bovino e ovino, arroz	Gado bovino, arroz, mandioca e milho	Gado bovino e ovino, arroz	Gado bovino, arroz, mandioca, milho
------------------------------	---	--	----------------------------	--------------------------------------	----------------------------	-------------------------------------

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA

12 estabelecimentos com 1.365 matrículas	11 estabelecimentos com 501 matrículas	8 estabelecimentos com 267 matrículas	12 estabelecimentos com 375 matrículas	7 estabelecimentos com 285 matrículas	7 estabelecimentos com 267 matrículas	2 estabelecimentos com 70 matrículas	8 estabelecimentos com 285 matrículas
--	--	---------------------------------------	--	---------------------------------------	---------------------------------------	--------------------------------------	---------------------------------------

ASSOCIAÇÕES CULTURAIS, RECREATIVAS, BENEFICIENTES E RELIGIOSAS

41	14	3	1	0	1	0	0
----	----	---	---	---	---	---	---

IGREJAS, CAPELAS, CASAS ADAPTADAS PARA CULTO RELIGIOSO

9	4	1	1	1	1	1	1
---	---	---	---	---	---	---	---

CRIMES, CONTRAVENÇÕES, ETC.

Deflorações 9	Dano 1	Lesões corporais .. 3	Suicídio 3	Deflorações 5	Tentativa de morte 1	Deflorações 3	Ferimentos leves ... 6
Atentados ao pudor 1	Furto 1	Abigeato 1	Submersão 3	Lesões corporais .. 2	Suicídio 3	Dano 2	Deflorações 2
Lesões corporais .. 12	Lesões corporais .. 3	Suicídio 1	Dano 3	Estupro 1		Lesões corporais .. 1	Submersão 3
Abigeato 1			Lesões corporais .. 2	Submersão 1		Estupro 1	
Roubo 1			Deflorações 1			Submersão 1	
Suicídio 1							
Submersão 3							
Acidente 1							

RENDA MUNICIPAL

242:606\$000	46:942\$000	41:284\$000	48:179\$000	73:219\$000	37:266\$000	69:015\$000	42:185\$000
--------------	-------------	-------------	-------------	-------------	-------------	-------------	-------------